



# HORIZONTES CULTURAIS

Lugares de aprender

*Governo do Estado de São Paulo*

*Governador*  
**José Serra**

*Vice-Governador*  
**Alberto Goldman**

*Secretária da Educação*  
**María Helena Guimarães de Castro**

*Secretária-Adjunta*  
**Iara Gloria Areias Prado**

*Chefe de Gabinete*  
**Fernando Padula**

*Coordenador de Estudos e Normas Pedagógicas*  
**José Carlos Neves Lopes**



*Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE*

*Presidente*  
**Fábio Bonini Simões de Lima**

*Chefe de Gabinete*  
**Richard Vainberg**

*Diretora de Projetos Especiais*  
**Claudia Rosenberg Aratangy**

*Gerente de Educação e Cultura*  
**Devanil Tozzi**



# HORIZONTES CULTURAIS

Lugares de aprender





GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

# HORIZONTES CULTURAIS

Lugares de aprender

São Paulo, 2008

## Agradecimento

Expressamos nossos agradecimentos às instituições citadas nesta publicação pelo empenho no fornecimento das informações e pela participação no Programa Cultura é Currículo, com a qual estamos fortalecendo os laços entre cultura e educação. Esperamos que as escolas possam enriquecer seu trabalho com os dados, acervo e conteúdos de cada instituição. As informações são de janeiro de 2008 e, caso ocorra alguma alteração, serão atualizadas no site do Programa.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239h São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.  
Horizontes culturais: lugares de aprender / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; organização, Devanil Tozzi e outros. - São Paulo : FDE, 2008.  
171 p. : il.  
Inclui bibliografia.  
Parte integrante do Programa Cultura é Currículo.  
1. Atividade pedagógica 2. Atividade cultural 3. Instituições culturais  
4. São Paulo (Cidade) I. Título. II. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. III. Tozzi, Devanil.

CDU: 379.822 (815.6)

## Caros professores

Inauguramos, com o Programa Cultura é Currículo, um novo patamar de relacionamento com as instituições culturais de São Paulo. A cidade oferece opções culturais de todos os tipos: cinema, teatro, parques, museus e galerias, entre outros. Entretanto, para os alunos da Rede Estadual, a existência desses lugares muitas vezes não é, sequer, conhecida. Cultura é parte do patrimônio das sociedades e é preciso democratizar o acesso a ela: isso é função da escola. E este acesso não é só operacional — transporte, ingresso, acompanhamento —, mas também relacionado à compreensão. Ou seja, não basta levar os alunos. É preciso que eles possam usufruir e aprender com as visitas.

Nessa perspectiva, o Programa se propõe a criar oportunidades para que o aluno e o professor da rede pública visitem os equipamentos culturais disponíveis em São Paulo, possam assistir a bons filmes e a espetáculos teatrais de qualidade, tendo em vista uma formação plural e sua inserção social. Este Programa, portanto, está em consonância com ações prioritárias da Secretaria Estadual da Educação, como o Programa Ler e Escrever e a implantação da Proposta Curricular. Seus conteúdos, diretrizes, concepção e metodologia são convergentes e articulados a estas ações.

Para que isso se efetive, o professor, responsável pela mediação do aluno com o conhecimento na escola, será apoiado por diversos materiais pedagógicos que o ajudarão a planejar como a cultura se tornará currículo dentro (e fora) de sua sala de aula.

Esperamos que esta publicação amplie os horizontes de professores e alunos e os convide a aprender em todos os lugares de São Paulo.

A todos um bom (e divertido) trabalho,

**Maria Helena Guimarães de Castro**

Secretária da Educação do Estado de São Paulo



## Apresentação

Horizontes Culturais – Lugares de aprender

Esta publicação é parte integrante do Programa *Cultura é Currículo*, que pretende imprimir uma nova relação das escolas com instituições, espaços e manifestações culturais da Cidade de São Paulo.

A partir deste programa, queremos que os alunos levem para esses espaços suas perguntas, inquietações, idéias, suposições, dúvidas, curiosidades, palpites... e deles retornem com outras dúvidas, mais idéias, grandes inquietações, novas suposições e com o desejo de aprofundar o que aprenderam e de ampliar seus horizontes. Sempre que a instituição visitada permitir, vale a pena os alunos levarem blocos de anotação, caneta e máquina fotográfica para que façam seus registros.

Juntamente com a publicação *Subsídios para o desenvolvimento de projetos didáticos* e com os vídeos *Lugares de aprender*, este material compõe o conjunto de apoio que deverá auxiliar no planejamento e aproveitamento das visitas.

Os três textos iniciais configuram-se em um convite para que possamos refletir sobre esta experiência. O primeiro – *Achadouros: encontros com a vida*, de Mirian Celeste Martins – convoca-nos a realizar uma expedição, uma busca interna e externa relacionada à cultura e aos conteúdos que adquirimos ao longo da vida. O segundo – *A cultura ante as culturas na escola e na vida*, de Rejane Coutinho – propõe reflexões acerca do conceito amplo e polissêmico de cultura e do trabalho desse tema nas escolas. Por fim, *Tempo de experiência*, de Stela Barbieri, instiga-nos a pensar sobre diferentes abordagens e formas de experiência significativas e conscientes.

Em seguida, apresentamos os lugares de aprender – museus, monumentos, memoriais, parques, jardins e outras instituições –, com pequenos textos que informam e despertam a curiosidade. Além disso, elaboramos alguns roteiros em locais abertos, como monumentos de praças públicas, muros grafitados etc., que contemplam outro tipo de espaço característico de São Paulo.

Lembramos que, por se tratar de um assunto bastante amplo, que possibilita diferentes olhares e descobertas, não tivemos a pretensão de apresentar neste livrete a totalidade das instituições culturais da cidade, com todas as suas nuances e especificidades.

Gostaríamos, então, de oferecer este cardápio ilustrado, em que as belas fotos e desenhos estimulam nosso apetite e nos fazem querer experimentar aquilo que estamos vendo.



## Sumário

<b>Dicas e Orientações</b> .....	11
<b>Achadouros: encontros com a vida</b> .....	13
por Mirian Celeste Martins	
<b>A cultura ante as culturas na escola e na vida</b> .....	39
por Rejane Coutinho	
<b>Tempo de experiência</b> .....	51
por Stela Barbieri	
<b>Lugares de aprender</b> .....	67
Museu da Casa Brasileira .....	69
Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE .....	70
Museu Lasar Segall – MLS .....	71
Museu de Arte Contemporânea – MAC .....	72
Instituto Butantan .....	73
Memorial da América Latina .....	74
Aquário do Parque da Água Branca .....	75
Museu de Arte Sacra de São Paulo .....	76
Viveiro Manequinho Lopes .....	77
Paço das Artes .....	78
Museu dos Transportes Públicos Gaetano Ferolla .....	79
Memorial do Imigrante .....	80
Museu Geológico Valdemar Lefèvre – MUGEO .....	81
Museu Paulista .....	82
Museu da Língua Portuguesa .....	83
Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB .....	84
Museu Brasileiro da Escultura – MUBE .....	85
Museu de Arte Moderna – MAM .....	86
Museu Afro Brasil .....	87
Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo .....	88
Jardim Botânico de São Paulo .....	89
Zoológico de São Paulo .....	90
Instituto Tomie Ohtake .....	91
Pinacoteca do Estado .....	92
Estação Pinacoteca e Memorial da Resistência .....	93
Centro Universitário Marantonia – CEUMA .....	94
Parque de Ciência e Tecnologia – CIENTEC .....	95
Palácio dos Bandeirantes .....	96
Museu de Arte Brasileira – MAB .....	97
Instituto Moreira Salles – IMS .....	98
Museu de Arte de São Paulo – MASP .....	99
Estação Ciência .....	100
Planetários da Cidade de São Paulo .....	101
Museu da Cidade de São Paulo .....	102
Estação da Luz .....	109
Parque Estadual Albert Löefgren (Horto Florestal) .....	110

<i>Pateo do Collegio</i> .....	111
<i>Complexo Cultural Júlio Prestes</i> .....	112
<i>Instituto de Estudos Brasileiros – IEB</i> .....	113
<i>Centro Cultural FIESP</i> .....	114
<i>Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil</i> .....	115
<i>Serviço Social do Comércio – SESC</i> .....	116
<i>Instituto Biológico</i> .....	117
<i>Itaú Numismática – Museu Herculano Pires</i> .....	118
<i>Museu da Pessoa</i> .....	119
<i>Centro de Referência em Educação Mario Covas – CRE</i> .....	120
<i>Cinemateca Brasileira</i> .....	121
<i>Centro da Cultura Judaica</i> .....	122
<i>Serviço Social da Indústria – SESI</i> .....	123
<i>Instituto Itaú Cultural</i> .....	124
<i>Museu de Valores do Banco Central</i> .....	125
<i>Museu da Energia de São Paulo</i> .....	126
<i>Fundação Maria Luisa e Oscar Americano</i> .....	127
<i>Casa das Rosas</i> .....	128
<i>Museu Oceanográfico da USP</i> .....	129
<i>Conjunto Cultural da Caixa</i> .....	130
<i>Museu do Crime</i> .....	131
<i>Centro Cultural São Paulo – CCSP</i> .....	132
<i>Museu da Imagem e do Som – MIS</i> .....	133
<i>Casa Guilherme de Almeida</i> .....	134
<b><i>Oficinas Culturais</i></b> .....	137
<b><i>Casas de Cultura</i></b> .....	139
<b><i>Centro Histórico</i></b> .....	142
<b><i>Bienais</i></b> .....	144
<b><i>Intervenções Culturais</i></b> .....	149
<i>Monumentos</i> .....	150
<i>Painéis</i> .....	152
<i>Esculturas</i> .....	154
<i>Arte em Cemitérios</i> .....	156
<i>Arte no Metrô</i> .....	158
<i>Grafites</i> .....	160
<i>Vitrais</i> .....	162
<b><i>Parques</i></b> .....	165

## Dicas e Orientações

Nas visitas a instituições culturais, é importante que você pesquise e/ou conheça cada uma delas antes de levar seus alunos e também os informe a respeito do local. Além disso:

- verifique na escola os materiais relacionados ao Programa *Cultura é Currículo* enviados pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo – SEE – e pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE;
- discuta com os alunos a importância da visita como forma de ampliar o conhecimento e explicita a relação com os conteúdos estudados;
- incentive os alunos a buscar respostas, a refletir sobre o que estão vendo, a formular hipóteses, a expor dúvidas e a apresentar soluções.

Você também deverá orientar os alunos a:

- informar pais ou responsáveis sobre dia e horário da visita;
- não levar muito material – apenas o essencial para a execução da atividade;
- seguir as orientações dos educadores e/ou monitores da instituição visitada;
- andar sempre em grupo, acompanhado por você;
- respeitar as faixas de segurança da instituição;
- cumprir os horários combinados, tanto de saída para a instituição quanto de volta para a escola;
- falar baixo e andar cuidadosamente;
- não consumir, no interior da instituição, qualquer tipo de alimento, bebida ou gomas de mascar (chicletes) e tampouco fumar ou jogar lixo no chão ou no jardim;
- depositar mochilas, bolsas etc. no guarda-volumes da instituição;
- fotografar ou filmar somente mediante autorização;
- respeitar as normas específicas de cada instituição, como desligar celulares ou qualquer outro tipo de aparelho e não usar *flash* para fotografar.



## Achadouros: encontros com a vida

por Mirian Celeste Martins<sup>1</sup>

*Acho que o quintal onde a gente brincou é maior que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa. Aquilo que a negra Pombada, remanescente dos escravos do Recife, nos contava. Pombada contava aos meninos de Corumbá sobre achadouros. Que eram buracos que os holandeses, na fuga apressada do Brasil, faziam nos seus quintais para esconder suas moedas de ouro, dentro de grandes baús de couro. Os baús ficavam cheios de moedas dentro daqueles buracos. Mas eu estava a pensar em achadouros da infância. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. [...]*

**Manoel de Barros (2003a)**

O que teremos guardado em nossos baús da infância enterrados em quintais imaginários? Sons, imagens, objetos que eram especiais? Nossas pequenas coleções? Sonhos? Medidos pela intimidade, pelos vínculos nem sempre conscientes, o que guardamos escondido de nossos encontros com a vida fora de nosso quintal, que ressoavam depois nos jogos de faz-de-conta?

Descíamos escadas imaginárias, entrávamos em lugares escurecidos, vivíamos sensações de espaços suntuosos ou intrincados como uma floresta, depois da experiência marcante de visitas reais a instituições culturais, a parques, a salas de concerto, cinema, teatro ou dança? Organizávamos nossas coleções com cuidado, com a sutileza de classificações que só nós mesmos poderíamos compreender? Expúnhamos nossos achados de um modo especial? As mãos vinham dessas expedições carregadas de idéias?

Brincávamos de palco e platéia, nutridos pela experiência na sala escura de um teatro, ou debaixo de uma grande lona de circo? Dançá-

<sup>1</sup>Professora doutora, trabalhou no Instituto de Artes da Unesp, no Espaço Pedagógico e em diversos projetos de instituições culturais e educacionais. É co-autora de *Didática do ensino de arte: a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte* (FTD), além de outros livros e artigos.

vamos, regíamos imaginárias orquestras? Criávamos espaços mágicos embaixo de mesas ou de lençóis presos nos varais? O que poderíamos encontrar em nossos achadouros?

Como arqueólogos, podemos cavar nossos quintais, nossas memórias e encontrar achadouros de histórias vividas por nós e por tantos outros. Histórias escondidas, expostas ou guardadas em nós e em lugares especiais criados pelos humanos exatamente como achadores a despertar intimidades...

Nos fios deste texto, vamos seguir pistas das memórias, de nossas coleções, dos percursos em nossas cidades. É desses fios que teceremos um tecido colorido e acolhedor para futuras expedições oferecidas no Programa *Cultura é Currículo*.

## ENCONTROS E DESENCONTROS?

O convite é para interromper por um instante sua leitura e adentrar nas memórias de uma visita a um espaço expositivo, seja em instituições culturais com diferentes acervos, seja em uma viagem ou em um espetáculo visto, ou... Deixe a memória recolher fragmentos para que você possa trazer à tona as sensações daquele momento vivido. O que teria capturado a sua atenção? Quem teria oportunizado essa experiência? O que você trouxe dela para a sua vida?

As experiências singulares de cada um de nós podem desvelar encontros significativos, mas também momentos de estranhamento ou de pura chateação. Nas muitas histórias que já me foram contadas (MARTINS, 1997), pude perceber fortes experiências que deixaram marcas importantes, no sentido tanto de provocar o desejo de novas visitas ou de novos estudos e pesquisas, como de não despertar nenhum interesse, já que o educador<sup>2</sup> da exposição parecia “dar aula”, quase proferindo uma palestra com muitas informações.

De qualquer modo, um dado importante é quem o levou a essa experiência hoje rememorada. Muitas vezes é a família que promove uma visita marcante. Pais, avós, tios e amigos podem ser os cicerones para uma viagem fantástica pelo mundo da arte, da ciência, da história, enfim, da cultura<sup>3</sup>. Em sua experiência de vida, quem ofereceu encontros com a vida por um canal desconhecido? Ou soube você ver mesmo não tendo ainda olhos para ver?

Com certa frequência, entretanto, é apenas a escola que possibili-

<sup>2</sup>Educador, mediador, monitor, guia? Cada instituição tem denominado de um modo o responsável pela ação de promover a visita de grupos pelo espaço expositivo. Utilizo neste texto o termo “educador” para nomear de um modo mais genérico, embora todas as denominações utilizadas possam ser problematizadas e refletidas.

<sup>3</sup>Podemos imaginar as lembranças que algumas crianças de hoje terão por terem participado de programas como “Arte em Família – Domingos no Museu Lasar Segall”, que oferece visitas monitoradas à exposição *Lasar Segall: construção e poética de uma obra*, com atividades lúdicas para crianças maiores de 5 anos, adolescentes e adultos com vínculos familiares ou de amizade. Informações disponíveis em <[www.museusegall.org.br](http://www.museusegall.org.br)> [acesso em 23 set. 2007].

ta essa entrada no universo da arte e da cultura. A responsabilidade da escola é esmagadora nesse sentido, como nos fala Louis Porcher:

*Em matéria de sensibilidade, não existe formação de adultos, recuperação ou reciclagem com que se possa contar. Se a escola não empreender, desde os primeiros anos de escolaridade, o trabalho de sensibilização estética que é necessário, inclusive através de audições sistemáticas de discos, apresentação sistemática de obras de artes plásticas, cinematográficas etc., aqueles que não puderam beneficiar-se de um ambiente familiar favorável jamais sairão do analfabetismo sensorial e do consumismo embotado.*

**(PORCHER, 1982, p. 46, grifos do autor)**

A escola nos ofereceu oportunidades? Quais memórias as nossas expedições com as escolas nos deixaram? Entretanto, mesmo que a escola não tenha conseguido oferecer oportunidades de contato com a arte e a cultura, por uma série de motivos, sabemos que a paisagem cultural da cidade move também muitos jovens para uma busca individual. Não são raros os casos de jovens que procuram por si mesmos outras oportunidades de contato, especialmente em famílias cujos pais nem sempre as tiveram.

Muitos aspectos entram em jogo na experiência de uma visita – basta continuar lembrando da sua própria. Sem tocar nas questões da preparação prévia, poderemos perceber que o deslocamento da escola para uma instituição cultural já é em si marcante. Para muitos, o passeio pelas ruas já é uma grande festa. Às vezes vemos ônibus carregados de estudantes que mais parecem um time de futebol que acabou de ganhar um torneio, tal a euforia, os comentários para os transeuntes, a gritaria. Ou a viagem se volta para o próprio grupo, com as conversas entre os amigos, ou os namoricos, ou mesmo as canções cantadas em altos brados.

Assim, a visita começa muito antes de chegarmos ao espaço expositivo. E a entrada em suas dependências também é marcante, pois cada um deles apresenta uma atmosfera especial, desde sua entrada.

Foi numa dessas visitas<sup>4</sup> que adolescentes do interior de São Paulo que vinham pela primeira vez à capital provocaram espanto na educadora de uma exposição ao reconhecerem, logo que entraram no espaço expositivo, as obras de um artista contemporâneo nascido na mesma

<sup>4</sup>Quem conta esta vivência é a assistente técnico-pedagógica de Arte Maria de Lourdes de Souza Fabro. O grupo era formado por alunos de várias escolas filiadas à Oficina Pedagógica da Diretoria de Ensino de Catanduva, a 400 km da capital, sendo alguns de Ariranha, cidade onde nasceu o artista plástico Paulo Pasta. (FABRO, 2007, p. 2).

cidade que eles. Por que a surpresa? Os alunos já tinham estudado esse artista com a professora de Arte no ano anterior e, ao verem suas obras “ao vivo e em cores”, se emocionaram.

Tanto conhecer a história de um artista da terra natal como apreciar suas obras proporcionaram aos jovens uma experiência viva. Não apenas pelo reconhecimento do que já tinham visto por meio de reproduções, mas também pelo contato com os originais e pela surpresa do encontro. Não sabiam que ali encontrariam obras desse artista. Foram afetados pelo que viram, pois “[...] a obra de arte é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos.”<sup>5</sup>

Talvez muitos de nós possamos recobrar memórias com a mesma felicidade estética da menina de 13 anos<sup>6</sup> encantada com uma imagem em um livro mostrado emotivamente pela professora. Achava que a pintura tinha sido feita ali mesmo no livro, pois seu universo familiar e as experiências escolares não a tinham ensinado a ler também as imagens nos livros. O modo como a professora a envolveu na leitura a fez buscar anos mais tarde, quando já podia sair sozinha, a obra no seu museu. Foi sua primeira visita a um museu: uma experiência estética, um composto de perceptos e afectos que entraram em sua vida e a fizeram buscar novos encontros com a arte.

Nossos professores apenas trabalhavam com os artistas mais divulgados e já falecidos, como os modernistas ou os artistas da vanguarda européia do início do século XX, ou freqüentavam também espaços onde a arte contemporânea é vista e nos convida para outros tipos de encontro estético?

Conectando essa experiência contada, as suas memórias tornadas atuais e as de outros, podemos nos perguntar: as experiências anteriores ativam a visita a um espaço expositivo a ponto de ampliá-las ou minimizá-las?

Deixemos essa questão em suspensão e puxemos outro fio.

## SOMOS SERES COLETORES

Você colecionava algo? Ou ainda coleciona? Qual a história de sua coleção? Você a tem ampliado? Há diversificações entre as peças de sua coleção?

As questões podem parecer estranhas num texto que fala de instituições culturais com diferentes acervos. Mas as instituições culturais existem porque somos seres coletores. Recolhemos do mundo fragmentos de histórias vividas, objetos curiosos, coisas que nos fazem

<sup>5</sup>DELEUZE & GUATTARI (2005, p. 213). Veja também: “A arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras. [...] O escritor torce a linguagem, fá-la vibrar, abraça-a, fende-a, para arrancar o percepto das percepções, o afecto das afecções, a sensação da opinião [...]” (idem, ibidem, p. 228).

<sup>6</sup>Esta vivência está relatada em UTUARI (2004, p. 8-9).

A PRIMEIRA LAPA que trago fixada como lembrança das madrugadas, andaria eu pelos cinco-seis anos de idade por ter sido boêmio precoce: eu mesmo abandonado a voar das calçadas. Se o berço não foi de ouro, a bem da verdade de ferro comprado a duro preço, na educação se deu capricho. É que a Lapa me foi perseguição e consolação por um longo tempo.

Nasci em um pouco distante de seus limites, no rua e vende, e não tanto que até lá não chegavam suas ideias. Nas casas de família se misturavam penas e ou menos do conhecimento de todos. Em sua rua e sua não sei quantas vezes fomos aproximando distâncias. As calçadas de bem olhadas com precisão e horror. A Lapa foi chão de todos os caninheiros e no encontro de uma primeira ânsia e no último nojo, uma maneira afirmativa. Conheci-a em...

...co-seis anos já os médicos recomeçaram como excelente terapêutica para um número de males. Mas, para a impropriedade de respeitasse sua matéria própria e se exposta aos olhos do mundo, numa peça, depois seis horas da manhã, mesmo contando com a proteção das pás que a tornavam indevassável do pescoço até o nariz canela. O importante, no seu modo de ver, era a natural vergonhice dos homens não poder imaginar o que estava molhado dentro danteles...



Foto: Devanil Tozzi

Quem quiser cante sua Lapa,  
que eu, cá, vou chorar a minha,  
Lapa, cachaça zurrapa,  
muy decadente rainha.

lembrar de situações, como as pequenas flores prensadas nas páginas de um livro, pedrinhas recolhidas em viagens, pequenos objetos cuidadosamente preservados e que teimam em não se deixar jogar fora nas várias arrumações de nossos guardados pelo resto da vida.

Ou as memórias transformadas em arte, como fazem artistas como Farnese de Andrade<sup>7</sup>, que começou a coletar por interesse em matérias expressivas para as suas gravuras. Madeiras trabalhadas pelo sol, pelo sal e pelo mar, assim como cabeças de bonecas de borracha ou de plástico, com as marcas da passagem do tempo de coisas usadas, desgastadas, machucadas, vividas, fizeram nascer os quadros-objetos, em redomas de vidro e caixas. Depois descobriu os depósitos de materiais de demolição, os cemitérios de navios, os antiquários, os oratórios, os móveis antigos presentes em seus objetos, em suas *assemblages*<sup>8</sup>.

Seres coletores do passado afirmavam também seu poder recolhendo pertences dos povos vencidos. Ou gostavam de guardar o que era exótico, diferente, desconhecido. Assim nasceram as coleções de imperadores e reis que se converteram em Gabinetes de Curiosidades. Talvez você se lembre do Manto Tupinambá, que saiu do Brasil e voltou para a grande Mostra do Redescobrimento em 2000 no Parque do Ibirapuera, em comemoração dos 500 anos do descobrimento, emprestado pelo Museu Nacional de Copenhague. Ele aparece inventariado pela primeira vez junto a peças do Gabinete Real de Arte no ano de 1690. “Presume-se que tenha sido levado à Europa pelo Príncipe Maurício de Nassau quando de sua estada no nordeste brasileiro (1630-1644)” (MARTINS & PICOSQUE, 2000). Justamente pelos cuidados museológicos, ele foi preservado. Essa constatação nos faz refletir sobre dois aspectos: Como cada país preserva as suas memórias? O que podemos dizer do Brasil? Além disso, também podemos nos perguntar sobre como preservamos o patrimônio de nossas escolas, do bairro, de nossas cidades. Qual será o objeto mais antigo de sua escola? Qual o seu significado? Está recebendo cuidados de restauro ou preservação? Essas são questões que podem ressoar em nós e em nossos alunos.

Cientistas também são coletores singulares. Charles Darwin, por exemplo, iniciou cedo sua coleção de besouros. Como observador atento e sensível, soube olhar para a diversidade e pesquisá-la. Também colecionou ovos de pássaros, conchas marinhas, moedas, mariposas e minerais. Em 1831, quando tinha 22 anos, Darwin foi convidado a ser o naturalista do *HMS Beagle*, um navio da Marinha Real Britânica, em uma

<sup>7</sup>Farnese de Andrade (1926-1996). Mais informações em NAVES (2002). Também disponível em <[www.sidarta.blogspot.com.br/2005\\_03\\_20\\_archive.html](http://www.sidarta.blogspot.com.br/2005_03_20_archive.html)>. Acesso em 5 out. 2007.

<sup>8</sup>A *assemblage* “consiste na aproximação de elementos descontínuos, provenientes de diversas origens e não de uma única peça como um mesmo bloco de mármore, e que, portanto, têm distintas naturezas: um pedaço de madeira é ligado a um pedaço de ferro ou um fragmento de pedra; e um pedaço de cano, objeto previamente manufaturado, pode entrar em composição com algum elemento que ainda é uma matéria-prima, como a argila; e papel usado, terra, plástico e sangue do artista podem ser acrescentados, se for o caso”. Fonte: COELHO, José Teixeira. *A arte de ocupar o mundo*. [on-line]. Disponível em <[www.mac.usp.br/exposicoes/01/formas/teixeira.html](http://www.mac.usp.br/exposicoes/01/formas/teixeira.html)>. Acesso em 10 nov. 2007.

Foto: Rômulo Fialdini



expedição ao redor do mundo. Como em toda expedição, fazia parte da equipe um artista. Darwin “encheu dúzias de cadernos de anotações com cuidadosas observações geológicas, bem como de animais e plantas, e coletou milhares de espécimes que encaixotava e enviava para casa para uma análise mais minuciosa. Mais tarde, Darwin declarou que a viagem no *Beagle* havia sido para ele ‘o acontecimento mais importante de minha vida’, dizendo também que ela ‘determinou toda a minha carreira’” (MARTINS & PICOSQUE, 2007).

As impressionantes coleções que havia enviado durante a sua viagem para Londres o tornaram naturalista bem conhecido, observador atento e um teórico metucioso. O material recolhido foi seu campo de estudo para toda a vida, sempre problematizada por um pensamento indagador.

As coleções exigem primeiros movimentos de identificação e de reconhecimento. Seguem-se a eles outros cuidados, como a catalogação, a preservação e as questões curatoriais<sup>9</sup> que geram fios condutores capazes de criar várias exposições de um mesmo acervo. Podemos dizer que até mesmo as nossas coleções acabam sendo expostas em nossas casas, guardadas cuidadosamente e ampliadas a partir de determinados critérios. E há muitos colecionadores que doam depois suas obras a instituições culturais, sendo uma das mais recentes doações a de parte da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (com cerca de 18 mil obras de cerca de 25 mil) para o Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP –, que já contava com mais de 30 mil documentos da coleção de Mário de Andrade (livros, catálogos, fotografias, documentos pessoais, correspondências, obras, desenhos infantis colecionados por ele, entre outros). O Museu Paulista também tem sua origem em uma coleção reunida pelo

<sup>9</sup>O curador tem sob sua responsabilidade a seleção do acervo a ser apresentado, devendo ficar antecipadamente inteirado da tipologia da exposição: natureza do tema; espaço físico da mostra; situação geográfica; se a exposição será única ou itinerante; público-alvo. Com esses dados, o curador terá meios para avaliar o acervo a ser selecionado, o número de peças que comporão a mostra [...] deverá analisar os conteúdos da exposição e o seu público, podendo planejar as atividades que serão desenvolvidas no decorrer da mostra” (D’ALAMBERT & MONTEIRO, 1990, p. 20).

coronel Joaquim Sertório, que contava com espécimes de História Natural, peças de interesse etnográfico e histórico expostas em sua própria residência. Adquirida em 1890 pelo conselheiro Francisco de Paula Mayrink, ela foi doada, juntamente com objetos da coleção Pessanha, ao Governo do Estado. Hoje, parte dessa coleção pertence ao Museu de Zoologia e ao Museu de Arqueologia e Etnologia, ambos da USP, ficando o Museu Paulista com o acervo exclusivamente histórico.

Foi das coleções que nasceram os primeiros museus. *Museum* é uma palavra latina, derivada do grego *mouseion*, que se referia inicialmente a um templo dedicado às nove musas. Descendentes do criador supremo, Zeus, e de Mnemósina, a memória, as musas são dotadas, na teogonia grega, de dupla finalidade: preservar e transmitir a memória e também criar e aperfeiçoar conhecimentos. Cada uma delas preside as manifestações da arte e da inteligência: a história, a poesia, a música, a comédia, a tragédia, a eloqüência, o canto, a astronomia e a dança. Para Maria Cecília França Loureiro, “o mito da Musas revela-nos subsídios para entender como a realidade dos museus cerca-se de mitificações” (LOUREIRO, 1999, p. 61). Como um solo que tudo abriga, em coleções formadas sem critérios ou direcionamentos, os primeiros museus não tinham claramente expressa uma definição tipológica de seu patrimônio ou sua relação com o público.

A história do público nos museus, nascidos das coleções que eram abertas apenas a círculos restritos, merece uma pesquisa prolongada. Segundo Marlene SUANO (1986), a primeira coleção foi exposta ao público em 1471: o *antiquarium* organizado pelo papado da época. Em 1601, a Academia de Belas-Artes criada por Frederico Borromeo, arcebispo de Milão, expunha suas obras considerando o museu um centro didático para a produção artística. Entretanto, a abertura ao público foi uma conquista que envolveu pessoas que lutavam para que as coleções fossem abertas aos “não-iniciados”, como explicitado no panfleto do francês Lafont de Saint-Yenne em 1747.

Foi a revolução burguesa na França que consolidou a ampliação do acesso ao conhecimento que vinha sendo viabilizado pela edição da *Enciclopédia das Ciências, das Artes e dos Ofícios*, liderada por Diderot de 1751 a 1772, e pela criação de quatro museus: o do Louvre em 1793, o dos Monumentos, o de História Natural e o de Artes e Ofícios. Entre fins do século XVIII e a primeira metade do século XIX, também foram inaugurados museus importantes, como o do Prado em Madri (1819) e o Hermitage em Leningrado (1852), entre outros.

Segundo Suano, o Museu Britânico, criado em 1753 a partir de uma coleção particular, nasceu como um museu público, mas o ingresso era caro e a visita deveria ser agendada com duas semanas de antecedência pelo menos. “A visita era rápida e guiada por funcionários descorteses e impacientes” (SUANO, op. cit., p. 30)

Os museus norte-americanos, entretanto, já nasceram como institu-

ições voltadas para o público. O Museu Peale na Filadélfia, aberto em 1786, inovou no modo de exibir o acervo. Os animais empalhados eram expostos em imitações de seus habitats naturais, como um diorama. No *Dicionário Houaiss*<sup>10</sup>, o verbete tanto apresenta uma rubrica no campo da pintura – “quadro de grandes dimensões que, submetido a luzes especiais, muda de aspecto, forma e cor, criando-se efeitos tridimensionais e de movimento”, como na rubrica “museologia”<sup>11</sup> – “representação de uma cena, onde objetos, esculturas, animais empalhados etc. inserem-se em um fundo pintado realisticamente”. O primeiro diorama, criado pelo inventor da fotografia, Louis-Jacques-Mandé Daguerre, numa grande sala especial, era uma experiência teatral para 350 espectadores que, durante 10 a 15 minutos, contemplavam uma pintura panorâmica (de 7 m de largura por 6,5 m de altura) de uma paisagem que parecia modificar-se, num jogo de luzes e de superposições. Era um divertimento popular entre 1822 e 1880<sup>12</sup>.

Em conexão com o acesso do público às instituições culturais, vemos também a preocupação com os modos de expor os acervos – como o fazem o Jardim Zoológico, o Museu dos Transportes, o Museu de Arte Contemporânea, o Memorial do Imigrante e tantos outros que participam do Programa *Cultura é Currículo*.

Como seres coletivos, as nossas coleções e as obras que estão nas instituições culturais problematizam: Quando visitamos um espaço expositivo, nosso olhar se detém também nos modos como os objetos artísticos, científicos e históricos estão expostos? Eles nos ajudam a vê-los?

Deixemos mais essa questão em suspensão e puxemos outro fio.

## AÇÕES MEDIADORAS

Nas memórias que se têm infiltrado neste texto, o poeta Manoel de Barros nos traz as suas:

*(...) Estranhei muito quando, mais tarde, precisei de morar na cidade. Na cidade, um dia, contei para a minha mãe que vira na Praça um homem montado no cavalo de pedra a mostrar uma faca comprida para o alto. Minha mãe corrigiu que não era uma faca, era uma espada. E que o homem era um herói da nossa história. Claro que eu não tinha educação de cidade para saber que herói era um homem sentado num cavalo de*

<sup>10</sup>Foi consultado o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

<sup>11</sup>A museologia “[do grego *mouseion* = museu, lugar das musas, e *logos* = razão) é a área do conhecimento dedicada especialmente à administração, manutenção, organização de exposições e eventos em museus. (...) A museologia hoje trata desde as técnicas de restauração, conservação, acondicionamento e catalogação do acervo até a preparação de mostras, exposições e ações culturais”. Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Museologia>>. Acesso em 10 nov. 2007.

<sup>12</sup>Disponível em <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Diorama>>. Acesso em 23 dez. 2007.

*pedra. Eles eram pessoas antigas da história que algum dia defenderam a nossa Pátria. Para mim aqueles homens em cima da pedra eram sucatas. Seriam sucatas da história. Porque eu achava que uma vez no vento esses homens seriam como trastes, como qualquer pedaço de camisa nos ventos. Eu me lembrava de espantalhos vestidos com as minhas camisas. O mundo era um pedaço complicado para o menino que viera de roça [...].*

**[BARROS, 2003b]**

Complexo mundo. Cada objeto, cada ação, cada som podem ser lidos na busca do que parece invisível a um olhar/pensamento ingênuo.

Foi a mãe do poeta criança que ampliou significações. Poderíamos dizer que ela foi a mediadora entre o monumento da praça e o menino, oportunizando uma “educação de cidade”?

O termo “mediação” tem muitos sentidos e será preciso retirar camadas de suas significações para revelar o que está por trás dele. De raiz grega *medhyo* – “que está no meio” – e latina *medius, a, um* – “que está no meio, no centro; que concilia opostos; que observa neutralidade, neutro, indica intercessão, interposição, intervenção, mediação”<sup>13</sup> –, o termo tem sido usado no senso comum como uma “ponte entre dois”, tanto em relação aos pedidos às divindades, quanto no que diz respeito à resolução de partilhas com advogados mediadores, entre outras.

Trabalhando com esse conceito há um bom tempo, o Grupo de Pesquisa Mediação Arte/Cultura/Público<sup>14</sup>, por mim coordenado, tem se preocupado em aprofundar suas significações. Será mediação “passar” informações, como parece ter feito a mãe do poeta? Basta explicar?

Mediação cultural. Agregar à mediação o conceito de cultura gera novas conexões, tanto na relação com o contexto cultural da obra, como no contexto cultural de quem é afetado por ela. E aí não podemos falar apenas de estar no meio entre dois, mas um “estar entre muitos”, de modo ativo, flexível, propositivo, atento ao outro. Um “estar entre” que não é entre dois, como uma ponte entre a obra e o leitor, entre aquele que produz e aquele que lê, entre o que sabe e o que não sabe, mas em meio a um complexo de pensamentos, sensações, histórias reatualizadas. Compreender a mediação como um “estar entre muitos” implica uma ação fundamentada e que se aperfeiçoa na consciente percepção da atuação do mediador que está entre:

<sup>13</sup>Foi consultado o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

<sup>14</sup>O Grupo de Pesquisa Mediação Arte/Cultura/Público foi criado em 2003 e já publicou *Mediação: provocações estéticas* (2005) e *Mediando [con]tatos com arte e cultura* (2007), ambos pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes/Unesp. É formado por alunos e ex-alunos desse programa de pós-graduação, entre eles Ana Maria Schultze, Claudio Moreno Domingues, Lídice Moura, Maria Celina Barros Mercurio Bonfanti, Maria de Lourdes Sousa Fabro, Maria Lúcia Bighetti Fioravanti, Maristela Sanches Rodrigues, Olga Egas, Pio Santana, Rita de Cássia Demarchi e Solange Utuari.

*as obras e as conexões com as outras obras apresentadas, o museu ou a instituição cultural, o artista, o curador, o museógrafo, o desenho museográfico da exposição e os textos de parede que acolhem ou afastam, a mídia e o mercado de arte que valorizam certas obras e descartam outras, o historiador e o crítico que a interpretam e a contextualizam, os materiais educativos e os mediadores (monitores ou professores) que privilegiam obras em suas curadorias educativas, a qualidade das reproduções fotográficas que mostramos (xerox, transparências, slides ou apresentações em power point) com qualidade, dimensões e informações diversas, o patrimônio cultural de nossa comunidade, a expectativa da escola e dos demais professores, além de todos os que estão conosco como fruidores, assim como nós mediadores, também repletos de outros dentro de nós, como vozes internas que fazem parte de nosso repertório pessoal e cultural.*

**(MARTINS, 2006)**

Todos esses interlocutores se conectam, mas, como mediadores, como podemos provocar uma experiência estética e estésica? Se a experiência só se torna estética quando envolve a cognição, o afeto e a vida, como nos diz Dewey<sup>15</sup>, e é estésica quando nos tira da anestesia, alcança o corpo, diz de nossa sensibilidade geral, de nossa apreensão dos sinais emitidos pelas coisas e por nós mesmos<sup>16</sup>, como instigá-las?

Como liquifazer a resistência que se esconde atrás do “eu não gosto”, da apatia, e convocar a disponibilidade para entrar em [con]tato, aproximar, possibilitar acesso ao encontro com a arte, com a ciência, com a história, enfim, com a cultura? Como compartilhar as múltiplas leituras e sensações trazidas por aqueles que convivem com a experiência?

Há de se lembrar que, quando falamos em “público”, não podemos generalizá-lo como um grupo coeso que está com um educador; trata-se, sim, de pessoas com experiências diversas, com histórias singulares de vida e de outros encontros com a cultura. E é justamente na interação que se estabelece entre cada um deles com o educador e com tudo o que compõe a experiência mediadora que se inventam outras conexões, impensadas num primeiro momento de preparação.

<sup>15</sup>DEWEY (1974), onde se encontra traduzido o terceiro capítulo do livro *Art as experience* desse filósofo da educação que o escreveu aos 72 anos, a partir de uma série de dez conferências proferidas na Universidade de Harvard no inverno e primavera de 1931.

<sup>16</sup>Assim como a palavra “estética”, a estesia “tem origem no grego *aisthesis*, que significa basicamente a capacidade sensível do ser humano para perceber e organizar os estímulos que lhe alcançam o corpo” (DUARTE JR., 2001, p. 136-137). Sugerimos também a leitura de MEIRA (2003).

Por esse ângulo da questão, a mediação cultural envolve o informar, o fazer perceber o que poderíamos chamar de “códigos cultos”, mas por outras vias. Mais do que isso, envolve capturar o sujeito para entrar numa experiência. A fruição não é espontânea, imediata. Para Jorge Coli, ela “pressupõe um esforço diante da cultura. Para que possamos emocionar-nos, palpitar com o espetáculo de uma partida de futebol, é necessário conhecermos as regras desse jogo, do contrário tudo nos passará despercebido, e seremos forçosamente indiferentes” (COLI, 1982, p. 115).

Esforço movente que move outros, para ir além do reconhecimento “descolorido e frio”, como um processo essencialmente mecânico, como nos aponta DEWEY (op. cit., p. 257), e para superar a tendência recognitiva, que nem sempre coloca a cognição como invenção, “cognição definida por sua abertura para o novo, para o inesperado, para o inantecipável”, como preconiza KASTRUP (1999, p. 53). A experiência implica ser tocado por ela. Segundo LARROSA (2004, p. 160):

*A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.*

Tempo e espaço. Talvez seja isso que o Programa *Cultura é Currículo* deseja oportunizar. Isso depende, entretanto, de cada um de nós, envolvidos e implicados no projeto, percebendo o espaço e o tempo não como uma brecha, como uma atividade extraclasse isolada das ações em sala de aula, mas como uma proposição capaz de mover a nós, professores, e a cada um de nossos aprendizes num modo revigorado de olhar o mundo, condensado nas instituições culturais participantes. É um esforço ousado para a democratização do acesso conectado com as questões da escola. Um desejo de muitos, como Maria Inês Hamann Peixoto, que escreveu anos atrás quanto ao contato com o universo da cultura:

*Trata-se de arquitetar ações coletivas democratizadoras do acesso-participação, voltadas preferencialmente às*

*parcelas da população excluídas do consumo da arte de qualidade, logo, as mais sujeitas ao assédio e aos efeitos deletérios sobre o gosto, a percepção, os sentidos e a consciência – autoconsciência humanos, que a maior parte dos produtos da indústria cultural promove. No estabelecimento de relações íntimas entre arte, artista e grande público, simultaneamente, podem-se promover a familiarização com a arte, a sensibilização e o desenvolvimento do gosto, necessários para que se possa pensar em formação e ampliação de um público de apreciadores ativos.*

(PEIXOTO, 2003, p. 85)

Quando se pensa em público ativo, seja em instituições culturais com seus diferentes acervos, seja na escola, pensa-se não em um “verniz cultural”, mas na oportunidade de um encontro com a vida e a cultura que possa ressoar no modo de olhar o mundo e de atuar nele.

O fio da mediação cultural puxa os demais fios que ficaram em suspensão para que possamos refletir sobre como gerar experiências significativas neste programa.

### EXPEDIÇÕES INSTIGANTES E AS EQUIPES VIAJANTES

Em “Expedições instigantes”, que compõe *Expedições culturais: guia educativo de museus do Estado de São Paulo* (MARTINS, 2003, p. 9-29), convidava os leitores para viagens em territórios desconhecidos e perguntava: O que é imprescindível levar? O que você traria? Essas perguntas continuam valendo para pensarmos sobre as oportunidades que o Programa *Cultura é Currículo* nos proporciona. Mas vamos aqui percorrer outras trilhas, iniciando pelo conceito de expedição.

O exemplo de Charles Darwin já nos apontou o contexto de uma expedição. Artistas, biólogos, cientistas, poetas sempre fizeram parte de expedições planejadas com objetivos bem claros. Há muitas expedições que podem ser aqui lembradas, como a Missão Austríaca trazida pela arquiduquesa Leopoldina em sua viagem para o Brasil para se casar com D. Pedro I em 1817. Entre os diversos cientistas e artistas europeus, estava o jovem botânico alemão Karl Friedrich Philipp von Martius<sup>17</sup>, que percorreu, ao lado do zoólogo alemão Johann Baptiste von Spix, aproximadamente 10 mil quilômetros pelo interior do Brasil. De volta à Alemanha, em um grande esforço de catalogação, publicaram *Flora brasiliensis*, que é considerado ainda hoje o mais completo e abrangente levantamento

<sup>17</sup>Disponível em <[www.funpar.ufpr.br:8080/funpar/boletim/novo2/externo/boletim.php?noticia=884&boletim=39](http://www.funpar.ufpr.br:8080/funpar/boletim/novo2/externo/boletim.php?noticia=884&boletim=39)>. Acesso em 23 set. 2007.

to da flora nacional, com 22.767 espécies catalogadas, tendo levado 66 anos para ser concluído.

Podemos também lembrar aqui da expedição que veio com Maurício de Nassau trazendo os artistas Franz Post, Albert Eckhout e Georg Marcgraf, que, além de artista, era também cartógrafo, astrônomo e naturalista. Ou da expedição russa Langsdorff, organizada e chefiada pelo barão alemão Georg Heinrich von Langsdorff, que percorreu, entre 1824 e 1829, mais de 16 mil quilômetros pelo interior do Brasil, fazendo registros dos aspectos mais variados de sua natureza e sociedade. Dela participaram um astrônomo, um botânico, um zoólogo e, no primeiro momento, o pintor alemão Johann Moritz Rugendas<sup>18</sup>, que viajou por todo o Brasil durante 1822-1825 e publicou anos depois *Voyage pittoresque dans le Brésil*. Depois fizeram parte da expedição: Aimé-Adrien Taunay<sup>19</sup>, que começou com 15 anos a sua tarefa como desenhista em expedições e era filho de Nicolas-Antoine Taunay, pintor francês que participou da Missão Artística Francesa; e Hércules Florence<sup>20</sup>, polígrafo e desenhista francês, um dos pioneiros da fotografia na América Latina. Naquela ocasião, Florence concebeu um método para a transcrição do canto dos pássaros denominado zoofonia. Ele passou a maior parte da vida no Brasil, na cidade de Campinas.

O que é pensar numa expedição nos dias de hoje?

Refazer parte do percurso original da Expedição Langsdorff. Essa foi a idéia de Alfons Hug, ex-diretor do Instituto Goethe de Brasília e curador da 26ª Bienal de São Paulo, reunindo artistas brasileiros e alemães (COSTA, DIENER & STRAUSS, 1995). Além desses, a expedição contemporânea incluiu ainda um artista russo e também dois jornalistas, uma equipe cinematográfica, um especialista em Rugendas, outro pesquisador da Expedição Langsdorff, um biólogo, a neta de Hércules Florence e uma equipe de organizadores do Instituto Goethe. As produções artísticas geraram uma exposição com as impressões sobre o chão de locais visitados de Carlos Vergara, a “música de paisagem” do compositor alemão Michael Fahres, as fotografias em Polaroid de trabalhos de Rugendas em grande formato e puxando para o azul o tom acinzentado do original, a mala de objetos de Olaf Nicolai com plantas herbarizadas e eternizadas dentro de vidros, pinturas corporais retrabalhadas no computador e impressas sobre tapetes, além de uma planta artificial, e José Fajocka focalizou o ouro e a religião, criando uma instalação para expor as condições de vida e trabalho subumanas dos garimpeiros.

Percebemos que em cada expedição há tarefas singulares para cada um dos que dela participam. Não se trata de uma excursão em que o

<sup>18</sup>Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann\\_Moritz\\_Rugendas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Moritz_Rugendas)>. Acesso em 23 set. 2007.

<sup>19</sup>Procure por Taunay, Adrien em <[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)>. Acesso em 23 set. 2007.

<sup>20</sup>Disponível em <[www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/fevereiro2004/ju241pag12.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/fevereiro2004/ju241pag12.html)>. E também em <[www2.uol.com.br/sciam/reportagens/as\\_paisagens\\_do\\_ceu\\_de\\_hercules\\_florence.html](http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/as_paisagens_do_ceu_de_hercules_florence.html)>. Acesso em 23 set. 2007.

passeio e o entretenimento são os fatores principais, mas de uma expedição conectada com um objetivo comum – algo a investigar, a estudar. Observando os vários procedimentos de expedições do passado, podemos verificar que cada participante ou grupos de participantes têm funções específicas, colaborando para que o objeto de estudo da expedição possa ser vivido e percebido por múltiplos focos.

Que ressonâncias esse procedimento pode ter nas expedições às instituições que compõem o Programa *Cultura é Currículo*? Poderíamos inventar equipes de trabalho para a expedição que será feita?

Certamente esse procedimento requer que os alunos sejam preparados para cada tarefa, de acordo com a possibilidade e singularidade de cada classe. Essa sugestão implica uma leitura da classe pelo(a) professor(a), para verificar sua viabilidade ou adequá-la ao que é possível a partir de cada grupo-classe. Vejamos algumas hipóteses de equipes de trabalho.

O registro da expedição, por exemplo. Poderíamos pensar que basta alguém fotografar, mas há muitas formas de registro no próprio ato da visita. Além das fotos, que depois terão de ser selecionadas e organizadas, também há registros com outras qualidades, como os realizados por meio de desenhos, da gravação dos sons, da percepção de cenas com os personagens que a vivenciam. Há também os registros escritos, mas podemos fazer nossos alunos perceberem que há textos de diferentes modalidades que podem ser escritos por diferentes equipes, como os textos jornalísticos, que focalizam a expedição como uma reportagem; os textos de cunho literário, que traduzem a visita num conto, ou numa poesia, entre várias hipóteses; os textos críticos; os textos que se compõem como depoimentos pessoais...

Além do registro, há equipes que poderiam ser de cientistas, de historiadores, de geógrafos, de ecologistas, de antropólogos... Elas ficariam atentas às questões que estão sendo estudadas sob o olhar da área de estudo, adequadas à potencialidade de cada grupo-classe. E ainda seria possível montar equipes para focalizar o caminho da escola para a instituição cultural e o da volta. Esta equipe poderia estudar esse trajeto e proceder como um agente de turismo e/ou como um geógrafo, chamando a atenção para os pontos importantes sob um ou outro aspecto.

Evidentemente que todos participariam da expedição atentos a todo o processo vivido, mas, quando focalizamos tarefas específicas, estamos oferecendo a oportunidade de os estudantes perceberem a riqueza da experiência vista por seus protagonistas com focos diversos, ampliando também a possibilidade de leitura do mundo pela contribuição das áreas que são envolvidas pelos fazeres singulares de cada equipe.

Esse procedimento pode ser interessante para seu grupo de alunos? Como envolver os estudantes nesse procedimento? Quais equipes viajantes eles considerariam fundamentais para que a visita à instituição cultural pudesse ficar mais instigante?

Talvez nosso desafio maior enquanto professores seja acompanhar esse processo de montagem de equipes, preparando-as para as atribuições específicas. Como algo inusitado, esse procedimento terá de ser avaliado continuamente, alimentado pela socialização de outros professores, para que os primeiros desacertos não impeçam a continuidade das equipes de trabalho sob novas condições, sempre com a discussão junto aos alunos.

Esse procedimento cerca o momento da visita, mas podemos nos perguntar: O que fazer antes, durante e depois da visita a uma instituição?

### PREPARANDO A VIAGEM/EXPEDIÇÃO

Sair com um grupo de alunos para além dos muros da escola é um grande desafio. Por um lado, abre espaços para outros tipos de vínculo entre professor e alunos, pois estar ao lado, no mesmo nível, sem estrados, sem as mesas que podem se tornar couraças protetoras, permite uma outra experiência coletiva, já que o professor é também, como os alunos, um viajante atento, mesmo que já tenha visitado antes a instituição cultural. Por outro, amplia o repertório cultural dos alunos, pois provoca estranhamentos e encantamentos, convocando um pensar sobre a experiência vivida, que se inicia na preparação da viagem/expedição, mas que segue para além dela.

Puxemos os fios deixados em suspensão durante a leitura deste texto. Eles tecem modos de olhar a viagem/expedição, deslocando-nos para refletir sobre as ações que a preparam.

- *multiplicidade dos olhares*

Para Jorge LARROSA (1998, p. 145), “a amizade da leitura não está em olhar um para o outro, mas em olhar todos na mesma direção. E em ver coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo.”. Parece fácil? Com certeza não é. Muitas vezes escondidos para não dizerem o que pensam sobre algo, alunos e também professores restringem suas falas ao que já foi dito, repetindo conceitos ou impressões na homogeneização da experiência vivida coletivamente. A amizade da leitura, além de valorizar a diferença, parece provocar os pontos de vista, no enfrentamento de idéias. A possibilidade de dizer ao outro o que pensa muitas vezes precisa ser provocada por problematizações do educador, que gera conversa. Essa é uma maneira de prepará-los para uma visita/expedição.

O conceito de expedição e de suas equipes viajantes se torna também uma boa preparação para a própria visita/expedição. Compreender as tarefas de cada equipe pode ampliar a possibilidade de ler a viagem/expedição com olhares focados, atentos, sensíveis, diversos. Como diz a arte-educadora Gisa Picosque, “cada um vê o mundo a partir do banquinho em que está sentado”. Mas perceber o modo como o outro olha depende da disponibilidade para ouvir o outro e compreender a sua singularidade como leitor. Não seria um modo de preparar o estudante para

a multiplicidade de olhares e significações o exercício de viver uma função específica como equipe viajante? Nesse sentido, a preparação das equipes implica conhecer os meandros possíveis da área de conhecimento que fundamenta cada equipe sugerida e reinventada pelo professor e por seu grupo de alunos.

- *compartilhar memórias*

O fio da memória nos fez ver como, em cada visita a uma instituição, são atualizadas as impressões de encontros ou desencontros anteriores. O que os estudantes nos podem contar sobre as visitas que já fizeram? O que lembram? O que foi mais interessante?

Partilhar a experiência vivida pode preparar uma nova expedição, pois amplia a sua potencialidade como um dever. Você pode traçar com eles uma cartografia de experiências vividas anteriormente em instituições culturais, propondo-lhes, por meio de levantamentos, uma listagem das que foram visitadas, do modo como foram recebidos, das explanações do mediador, do que esperavam ver e conhecer e do que de fato ocorreu, de quem os levou etc. Sendo também o professor um mediador, poderemos suscitar outro modo de viver a visita/expedição.

- *provocar a curiosidade, a atitude investigativa*

Um presente embrulhado sempre esconde uma surpresa. E quanto mais demoramos para abri-lo, mais curiosos ficamos. Expectativas, hipóteses, memórias podem gerar uma atitude investigativa, aguçada pela curiosidade. O mesmo acontece se listarmos as expectativas do que esperam encontrar na instituição que será visitada. Esse levantamento, cutucado por questões problematizadoras, por si só instiga os alunos para o encontro com os originais. Mas isso só ocorre se o professor se tornar também ele próprio curioso, mesmo que seja por um museu muitas vezes já visitado.

Dependendo das condições, como tempo e recursos, visitar o *site* da instituição pode também se tornar uma preparação interessante. As salas de informática podem se converter em espaços de investigação, de descobertas. Depois, o confronto entre o que viram no *site*, o que imaginaram e a realidade do museu pode gerar novas perguntas, alimentando uma atitude investigativa.

- *percebendo as coleções, o acervo, o modo de expor*

As perguntas iniciais lançadas em relação às nossas próprias coleções e aos modos de expô-las nos convocam a olhar a instituição cultural por outro ângulo. Esse já é um modo de preparar a visita. Os alunos podem levar para a classe as suas coleções atuais ou aquelas que já fizeram parte de seu interesse. Antes de mostrá-la, cada aluno pode dispor a coleção na sala de aula. O relato sobre como iniciaram as coleções, sobre os critérios e desejos que a fizeram surgir, sobre como as expõem e as guardam abre espaço para novas problematizações em relação à museologia, à curadoria, à preservação do patrimônio cultural. Afinal, quando visitamos um espaço expositivo, nosso olhar se detém também

nos modos como os objetos artísticos, científicos e históricos estão expostos? Eles nos ajudam a ver?

- *conexões com o currículo*

O Programa *Cultura é Currículo* oferece a oportunidade de aprofundar certos eixos temáticos por meio das visitas/expedições. Neste programa, ou em qualquer oportunidade de saída da escola, será sempre importante nos perguntarmos:

- Como a visita/expedição se relaciona com os conteúdos do currículo?
- Ela pode gerar novos modos de perceber e interpretar os conceitos e suas relações, a serem trabalhados posteriormente?
- O interesse já foi despertado pela mídia ou os alunos pouco ou nada sabem sobre a instituição cultural e seu acervo?
- Como ampliar a potencialidade da visita valorizando o patrimônio cultural?
- A partir da visita, poderemos trabalhar aspectos que não seriam tocados sem a observação mais sensível?

Focos de observação mantêm o olhar à espreita, em estado de atenção que encontra, convertendo-se em facilitadores para que a visita/expedição se torne mais conectada com o que estão estudando.

### NA VIVA EXPERIÊNCIA DA VISITA/EXPEDIÇÃO

Alunos preparados, equipes de trabalho, memórias reatualizadas. Há, no entanto, uma questão central no momento em que os estudantes estão em situação de viajantes pelo mundo da cultura veiculada pela singularidade da instituição visitada: o espaço do silêncio.

Antes de qualquer pergunta, a convocação se dá pelo olhar silencioso que mergulha nas sensações que a imagem vai doando ao corpo do leitor. Em coleta sensorial, o corpo escava sensações e gesta falas de interpretação e de (inter)penetração entre a obra e o leitor.

*Em torno dos germes sensoriais da coleta, o leitor constrói pouco a pouco um olhar do detalhe, da nuance, encontrando passagens que amaciam o [con]tato pela imediatez dos sentidos. Forma-se, assim, uma parceria vibrante entre o corpo de quem lê e as nervuras da carne da obra que se lê, mesmo que o sentido revelado seja o não-sentido do que parece sem sentido. Propiciar momentos de silêncio, para que cada aluno escreva suas impressões, sensações, idéias, é uma ação de mediação especial que abre espaço para ampliações futuras pelas interpretações compartilhadas.*

(MARTINS & PICOSQUE, 2003, p. 10)

Como uma experiência estética e estésica, a visita/expedição se torna “um acontecimento” capaz de deslocar o visitante da experiência cotidiana para outro espaço, do qual ele sairá com outro olhar sobre o mesmo cotidiano. Para isso, é vital que o juízo, as opiniões, o “gosto/não gosto” saiam da conversa, da ação mediadora.

A continuidade da visita/expedição acontece em sala de aula, mas, neste programa, o tempo terá de ser mais um elemento importante. Vejamos:

### O TEMPO DO ANO LETIVO E O TEMPO DA EXPEDIÇÃO

O conceito que fundamenta o Programa *Cultura é Currículo* é a inserção da visita à instituição cultural no currículo de cada grupo-classe a partir de projetos que têm temáticas sugeridas. Entretanto, dada a abrangência do programa, a visita poderá ser marcada no início, no meio ou no final do ano letivo.

Considerando a dinâmica de um projeto na sala de aula, o enriquecimento cultural e a ampliação das possibilidades do estudo por meio de uma visita/expedição, podem-se prever as características diversas que um projeto pode adquirir se a visita/expedição for realizada no início do projeto dentro do currículo, ou se ela se der no meio ou no final desse processo. Como melhor aproveitar a visita/expedição dentro do currículo, independentemente da data de sua realização?

#### - A visita iniciando um projeto

Se a visita à instituição cultural for agendada para uma data próxima ao início do projeto calcado no currículo proposto, ou se ela é que marcará a entrada no projeto, podemos dizer que as ações pedagógicas estão centradas num caráter exploratório. A visita se torna espaço de descobertas, de aflorar não-saberes e curiosidades, de percorrer caminhos não experimentados.

#### - A visita no meio de um processo

Supondo que você já tenha iniciado o projeto, a visita/expedição pode condensar um caráter investigativo. Perguntas formuladas sobre o conteúdo antes da visita poderão encontrar respostas no próprio percurso da expedição, ampliando o que já está sendo pesquisado e estudado.

#### - A visita no final de um processo

Alguns professores podem pensar que não tem sentido encerrar um projeto, em que tantos aspectos foram estudados, com uma visita agendada no final do processo. Mas se considerarmos a visita como um espaço de sistematização, ela pode adquirir outra potencialidade tanto para os alunos como para os professores. A viagem pode se converter, assim, em um excelente meio de rever o assunto tratado, a partir do que já foi estudado, pesquisado e refletido.

## PORTFÓLIOS E DIÁRIOS DE BORDO DE UM PROJETO

Na metáfora da viagem, nos ícones das expedições do presente e do passado, os registros coletivos ou individuais dos alunos ou dos professores contam as histórias vividas e refletem sobre elas. Como transformar a experiência vivida em memória registrada?

Tendo como fio condutor o tempo, na história cronológica dos acontecimentos do projeto, ou tendo como fio a importância e significação dos acontecimentos vividos, a construção do portfólio é sempre um ato de análise e reflexão, além de ser uma experiência estética quando a cognição, o afeto e a vida se conectam, como diz Dewey. Expressar o prazer das descobertas, os acertos e desacertos, o que poderia ter sido realizado e os desejos pendentes oferece no portfólio uma nova compreensão do já vivido.

O conceito de portfólio é retirado do campo das artes. Artistas, designers, arquitetos nele selecionam e organizam suas trajetórias profissionais. Na escola, o portfólio “proporciona evidências dos conhecimentos que foram sendo construídos, as estratégias utilizadas para aprender e a disposição de quem o elabora para continuar aprendendo”, como nos diz Fernando HERNÁNDEZ (2000, p. 166). Sem se converter em uma recompilação do que foi feito, o portfólio se transforma em uma modalidade de avaliação, pois por meio dele cada aluno pode expor seu próprio processo de aprendizagem.

Construídos individualmente, em grupos ou por toda a classe, o portfólio de um projeto não expõe necessariamente a cronologia do que foi vivido, mas classifica, seleciona, organiza os documentos que dele fazem parte [anotações pessoais, produções feitas em classe ou fora dela, pesquisas, *folders* e reportagens, textos, mapas, fotografias etc.], num todo significativo. Os livros de artista<sup>21</sup> são também exemplos de portfólios que podem instigar para encontrar outros suportes além das pastas tradicionais.

Como professores, nosso registro pessoal de todo o processo vivido com nossos alunos é igualmente importante. Muitas idéias nascem no momento em que anotamos o que foi vivenciado com os alunos, como as questões que eles nos trazem, o que observamos e escutamos, as situações de aprendizagem que proporcionamos ou que poderíamos propor. Como um diário de bordo, nossas anotações nos põem em estado reflexivo e inventivo, dando-nos subsídios para uma avaliação constante que nos provoca a encontrar caminhos cada vez mais instigantes para o aprender e o ensinar.

Portfólios e diários de bordo podem se tornar, portanto, mais um momento para refletir, especialmente tendo as instituições culturais

<sup>21</sup> Também chamado de livro-arte, o livro de artista tem o livro como referente, mesmo que remotamente. Assim, ele pode não ser um livro propriamente dito, podendo ganhar o estatuto de escultura ou objeto. É uma manifestação da arte contemporânea. Para saber mais, leia: SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: E. Universidade/UFRGS, 2001.

como dispositivos dos processos de aprender e ensinar. Talvez eles nos possam ampliar a compreensão sobre o que nos diz Virgínia KASTRUP (op. cit., p. 151), para quem aprender é ser capaz de problematizar:

*O melhor aprendiz não é aquele que aborda o mundo por meio de hábitos cristalizados, mas o que consegue permanecer sempre em processo de aprendizagem. O processo de aprendizagem permanente pode, então, igualmente ser dito de desaprendizagem permanente. Em sentido último, aprender é experimentar incessantemente, é fugir ao controle da representação. É também, nesse mesmo sentido, impedir que a aprendizagem forme hábitos cristalizados.*

Como diários de viagem, os portfólios ultrapassam a idéia de guarda do que foi feito, para se tornar inquietude para olhar de outro modo o já visto, saindo das amarras de um olhar que tende ao reconhecimento e à recongnição. Um olhar que pode se espantar com o que é familiar e tornar familiar o que parece estranho. E, ao fazer isso, também amplia a ressonância da visita, pois acaba por chegar aos pais e a toda a comunidade escolar.

Os primeiros que fizeram sambas vinham dos morros. Nem todos seriam malandros, mas pobres eram sempre, e o morro acaba confundindo tudo. O princípio de nossa música é um rosário de comprar e meter a mão sem medida. Já lá dizia o velho Sinhô, que o samba é um passatempo, pertence a quem aponta primeiro, e Miguel Unanimo confirmava o cinismo: "Las cosas no son de quien las dice, y sí de quien las dice mejor". Heitor dos Prazeres me contou que, num certo momento, era tanta a febre de fabricar samba e ir correndo vender aos editores, que o velho Figueir, da casa "A Guitarra de Prata", estipulou uma norma: só comeria um samba de cada autor por dia, caso contrario iria para o morro de aperto. Quem se chamava João passava a noite no morro e a musica faltava dentro criulo, sereno e esperto. Um

Com a comp... dos pontos dessa... dentes. Metade da... ainda se tornando sen... divisão de madeira... faziam os limites... teciam ali, e de... tinha cartax de m... amigo de cantores e gost... até a fazer sucesso na vo... xa esta mulher chorar"

Quando ouvia alguma musica com... validade de gravação e sucesso, marcava encontro com... canto no São Jovê. Chegava o arigô, sinônimo de otário na gíria de malandro, Brancura o levava para uma mesa colada à divisão de madeira e mandava que ele cantasse. Do outro lado estava o Benedito Lacerda, munido de lápis e papel de musica, para escrever o que ia ouvindo. Quando tudo estava prontinho, o Benedito tendo dado o sinal de já ter posto a melodia nas pautas, o Brancura tirava de malandro e valente, pois a encenação, pelo menos, era de assustar:

— Cabra muito do safado é você, ein? Vem pra cá me cantar um samba que é meu. Não te dou umas porradas agora

Foto: Devanil Tozzi

Achaduros. O que poderemos encontrar neles, se deixarmos que o poético penetre na vida e nos faça viver a experiência condensada também nas instituições culturais?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. Achadouros. In: \_\_\_\_\_. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003a.
- \_\_\_\_\_. Sobre sucatas. In: \_\_\_\_\_. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003b.
- COLI, Jorge. *O que é arte?* São Paulo: Brasiliense, 1982. (Col. Primeiros Passos).
- COSTA, Maria de Fátima, DIENER, Pablo, STRAUSS, Dieter. *O Brasil de hoje no espelho do século XIX: artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- D'ALAMBERT, Clara Correia, MONTEIRO, Marina Garrido. *Exposição: materiais e técnicas de montagem*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2005.
- DEWEY, John. *Tendo uma experiência*. São Paulo: Abril, 1974. (Col. Os Pensadores).
- DUARTE JR., João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar, 2001.
- FABRO, M.L.S. *Em foco: professores de Artes e suas experiências com os materiais educativos Lá vai Maria, Bem-vindo, professor! e arte br*. Dissertação (mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), 2007.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas: Papirus, 1999.
- LARROSA, Jorge. Sobre a lição. In: \_\_\_\_\_. *Pedagogia profana: danças, pi-ruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre: Contra-bando, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e educação depois de Babel*. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOUREIRO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: Edusp, 1999.
- MARTINS, Mirian Celeste. Mediação: tecendo encontros sensíveis com a arte. *ARTeUnesp*, São Paulo, n. 13, p. 221-234, 1997.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Mediação: provocações estéticas*. São Paulo: Pós-Graduação do Instituto de Artes/Unesp, 2006.

- MARTINS, Mirian Celeste. Expedições instigantes. In: SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. *Expedições culturais: guia educativo de museus do Estado de São Paulo*. São Paulo: SEE/FDE, 2003. p. 9-29.
- MARTINS, Mirian, PICOSQUE, Gisa. *Mostra do redescobrimento: material educativo*. São Paulo: Associação Brasil +500, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Inventário dos achados: o olhar do professor-escavador de sentidos – material educativo*. Porto Alegre: 4ª Bienal do Mercosul/ Ação Educativa, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Material educativo – Professor – Darwin: descubra o homem e a teoria revolucionária que mudou o mundo*. São Paulo: Instituto Sangari, 2007.
- MEIRA, Marly. *Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- NAVES, Rodrigo. *Farnese de Andrade*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- PEIXOTO, Maria Inês Hamann. *Arte e grande público: a distância a ser extinta*. Campinas: Autores Associados, 2003.
- PORCHER, Louis. *Educação Artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1982.
- SUANO, Marlene. *O que é museu?* São Paulo: Brasiliense, 1986. [Col. Primeiros Passos].
- UTUARI, Solange. *O papel do museu na experiência estética e na formação do professor de Arte*. Dissertação (mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), 2004.



## A cultura ante as culturas na escola e na vida

por Rejane Coutinho<sup>1</sup>

Será que quando nós, educadores, falamos de cultura estamos todos atribuindo um mesmo sentido para o conceito de cultura? Essa pergunta tão básica e fundamental me veio à mente diante do desafio de conversar com vocês sobre um tema tão amplo e instigante – a cultura e suas instituições – e sobre seus possíveis desdobramentos na educação.

Sabemos que existem diferentes entendimentos de cultura, os quais podem coexistir ou ser mais ou menos concorrentes a partir de diferentes pontos de vista ou de diferentes pontos de referência teórica ou disciplinar.

Para um começo de conversa, vamos procurar rever alguns desses entendimentos para nos situar diante da questão. Como o campo é complexo, e o objetivo aqui não é dissertar sobre cultura, a idéia inicial é delimitar alguns desses sentidos – os mais pertinentes para pensar a relação entre cultura e educação –, buscando nas interseções revelar alguns pontos de conflito e problematizar os valores a eles atribuídos.

### CULTURA OU CULTURAS – COMO SE ENTENDER COM ESSAS QUESTÕES?

Vamos começar com uma definição genérica emprestada da antropologia, mediante a qual a cultura é compreendida como o conjunto das atividades materiais e simbólicas desenvolvidas pelos humanos. Essa simples e densa definição já contém conceitos importantes para nosso percurso reflexivo: a idéia de *cultura material* e *cultura simbólica* entendidas como um conjunto de atividades, como sistemas interdependentes. Por essa perspectiva, não se pode pretender conhecer determinado objeto da cultura material de determinado grupo social ou de determinado período da história desvinculado do contexto de uso e de significados que ao objeto era – ou ainda é – atribuído pelos sujeitos que dele faziam ou fazem uso. Por exemplo, diante de um cocar indígena numa visita a um museu de arqueologia, podemos ou não admirar sua forma como um objeto de adorno – vai depender de nossos critérios de beleza. Porém, se desejamos realmente conhecer esse objeto, precisamos adentrar a cultura na qual ele foi produzido, buscando situar seus usos e significados no campo contextual, entendendo por que ele foi produzido com aquela específica configuração formal, com aqueles elementos, compreendendo os significados atribuídos a ele por quem o usava, em que situação ele era usado e por quê. Ou seja, precisamos estabelecer uma pesquisa em rede, relacionando as informações sobre a cultura material e a cultura simbólica.

<sup>1</sup>Professora doutora no Instituto de Artes da Unesp e coordenadora do *Arteeducação Produções*, com pesquisas e publicações sobre história do ensino de Arte e mediação cultural.

Desse ponto de vista, pensar a cultura exige um exercício de contextualização, buscando as relações que cercam o objeto, pois os elementos culturais se situam nas relações de significados e não apenas nos objetos em si. Exige, portanto, um esforço de imersão na cultura que está sob observação e estudo, assim como um esforço de descentramento de sua própria cultura. Ao exercermos o descentramento, exercitamos as desejadas capacidades de imaginação e flexibilidade, principalmente a flexibilidade para imaginar e avaliar padrões e valores desconhecidos.

Entretanto, a idéia de descentramento é oposta à tão comum atitude etnocêntrica que herdamos do processo de colonização ocidental. O etnocentrismo (centrado em sua própria cultura) é um mecanismo que revela em sua essência uma dificuldade de olhar para outros valores culturais de forma relativa e crítica. A barreira que se interpõe nesse deslocamento é reforçada por dois pressupostos que agem em comum acordo: pela dificuldade de nos distanciarmos da cultura em que nos situamos, pois ela é nosso referencial e responde aos nossos desejos e necessidades imediatos, e pela idéia hierárquica e classificatória de valores culturais, baseada na falsa visão linear de evolução das sociedades. Essa visão evolucionista fundamentada na idéia de progresso social vem sendo sistematicamente desmontada desde meados do século XX, quando as civilizações “evoluídas” produziram e viveram as catástrofes das guerras mundiais. Os antagonismos que passamos a viver desde então entre o chamado mundo globalizado (internacionalização dos processos de produção, marketing e informação) e os conflitos étnicos não deixam margem para pensarmos hoje em progresso social. É sempre bom voltar à história e lembrar também que o etnocentrismo europeu foi uma das justificativas para o processo de domínio e colonização de países europeus como Inglaterra, França, Espanha e Portugal sobre o resto do mundo, incluindo nosso continente.

Esse mecanismo hierárquico e classificatório das culturas foi tão fortemente disseminado e assimilado nos países colonizados como o nosso que temos grande dificuldade de nos entender culturalmente. De certa forma, continuamos a reproduzir esse modelo tanto nas valorações culturais internas, quanto nas externas. Muitas vezes agimos com base nesse pressuposto; por exemplo, quando consideramos a cultura do povo (ou cultura popular como é oficialmente designada) como uma produção inferior em relação ao que consideramos como *alta cultura*, ou quando valorizamos como melhores as culturas produzidas em nações economicamente hegemônicas, como os países da Europa e Estados Unidos.

O que subjaz também nesse entendimento é a idéia de cultura como civilização. Porém, o padrão de civilização tido como exemplar é sempre o das culturas histórica e economicamente dominantes. Valida essa compreensão um ponto de vista filosófico de cultura em oposição à natureza. À cultura como fator de humanização, como sistema de símbolos e significados compartilhados, a partir do qual interpretamos a realidade e confe-

rimos sentidos à vida, interpõe-se e agrega-se uma valoração de “sociedades civilizadas”, em que a cultura costuma ser associada à aquisição de conhecimentos e práticas de vida “reconhecidas” como melhores e superiores a outras. Esse pensamento filosófico induz inclusive à criação de uma imagem de cultura ideal e universal pautada pelos cânones da *alta cultura*. E, obviamente, supondo uma *alta cultura*, supõe-se inversamente uma *baixa cultura*, próxima da não-cultura ou de uma incultura.

A idéia cumulativa de cultura como algo que se adquire pauta o entendimento de cultura como erudição, como acúmulo de informações e conhecimentos, outra acepção comumente atribuída e relacionada à idéia geral de cultura. Por esse entendimento, atribui-se valorativamente às pessoas o atributo de *culto* ou *inculto*. Está implícito na classificação de homem culto ou mulher culta o acesso que essas pessoas, em geral privilegiadas, têm à cultura considerada hegemônica, ao passo que o homem inculto ou a mulher inculta não têm acesso às formas consideradas elaboradas e superiores de cultura. Ou seja, o que pauta a classificação é o pertencimento a essa ou àquela classe social e não propriamente a culturas distintas.

Outro entendimento comum que tem conexões com a idéia de alta cultura e erudição é a delimitação do sentido de cultura à arte, aos produtos das práticas artísticas em diferentes linguagens, sobretudo as produções do campo das consideradas artes puras, tais como a literatura, a música, o teatro e as artes plásticas, categorias historicamente concebidas como exclusivas e com pretensões de autonomia em relação às sociedades. Não são poucas as coleções de “gênios da pintura” ou de “história da literatura universal” que reafirmam essa posição. Arte é cultura, uma parte significativa das produções culturais assim como outras produções, e, como tal, ela é inerente às condições sociais, econômicas, tecnológicas e históricas de produção e circulação.

Historicamente, para atribuírem autonomia a essa parcela da produção cultural, as sociedades ocidentais criaram vários mecanismos de suspensão dessas produções em relação aos contextos de origem. Um deles foi procurar isolá-las em nichos de distinção para apreciação – os templos de arte. Os objetos eram retirados de seus contextos de origem e ressignificados a partir do processo de exposição. Alguns museus ainda operam com esses mecanismos, atribuindo sentidos de excepcionalidade e originalidade ao que expõem, reafirmando os valores instituídos das artes pertencentes às elites econômicas e políticas. Esses mecanismos exclusivistas reforçam o distanciamento dessas produções daqueles que não fazem parte dessa elite.

É preciso desconstruir essas barreiras. Algumas delas são invisíveis, mas outras se evidenciam na arquitetura dos prédios, nos portais de entrada que intimidam o público leigo, na maneira de expor os objetos, criando auras que os ressignificam. É preciso compreender os mecanismos de distanciamento e de reprodução desse sistema fechado

se realmente quisermos democratizar o acesso de todos ao patrimônio. De outra forma, estaremos trabalhando apenas em prol do distanciamento, levando nossos alunos ao museu, por exemplo, para reafirmar o sentido de não pertencimento àquele mundo. Isso em parte explica o desinteresse de grande parcela do público em voltar a visitar museus depois de uma experiência desse tipo.

O entendimento de cultura como arte comporta também a categoria das artes aplicadas e ditas comerciais, como o artesanato, as artes decorativas, o design etc., só que estas são colocadas em patamar inferior em relação às artes puras. Entre as comerciais, incluem-se também as produções das indústrias culturais, aquelas atividades simbólicas relacionadas à produção e recepção, ou seja, ao consumo de produtos e divertimentos, ao lazer, prazeres e experiências estéticas tão mais próximas de nosso cotidiano. Hoje, estas se relacionam com as novas tecnologias, como o cinema, televisão, internet, jogos em mídias digitais etc. Uma grande diferenciação entre estas e as artes consideradas puras é a relação explícita de dependência destas produções com o poder econômico, político e social. Representam hoje uma grande parcela dos bens culturais que nos circundam e são em geral as atividades com as quais mais nos relacionamos e interagimos – elas atravessam fronteiras identitárias e nos conectam de forma globalizada, a nós e aos nossos alunos, conformando nossos valores e referências.

Em resumo, como podemos apreender por essas considerações iniciais, tratar a questão da cultura na educação exige reflexões e posicionamentos, pois não há consensos. Porém, duas idéias são fundamentais para nos situar e para reconhecermos esse campo de estudos: a certeza de que cultura é uma construção histórica e social e de que essa construção mantém proximidade com as relações de poder. Não há como refletir sobre cultura, principalmente em se tratando de projetos educacionais, sem encarar essas desigualdades. O desafio é procurar entendê-las e situá-las para não cair em suas armadilhas reprodutoras.

### CONSIDERAÇÕES PARA PENSAR O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CULTURA

Para pensar a questão da cultura e suas instituições, é importante tentar entender os mecanismos e processos de institucionalização de bens culturais patrimoniais, assim como um pouco de sua história, situando a concepção que rege esse movimento em nossa sociedade ocidental e aproximando a questão de nosso contexto.

É da concepção humanista e universalista de cultura que surge o movimento patrimonial. Essa concepção, que tem suas raízes no idealismo platônico, acompanha e se mescla com a história da cultura ocidental, vindo a se afirmar no século XIX como paradigma hegemônico. A consolidação tem relações com a expansão do capitalismo e do impe-

rialismo e com todo o desenvolvimento dos conhecimentos filosóficos, científicos, tecnológicos e das redes de comunicação que se estabelecem na geopolítica de nosso mundo civilizado. Nessa época foram produzidos vários estudos e pesquisas no sentido de definir e estabelecer critérios e valores para qualificar evolutivamente as culturas.

Como consequência, é no final desse século e início do século XX que os países desenvolvidos procuram disciplinar a proteção dos bens culturais patrimoniais. Os primeiros documentos oficiais surgem com a Liga das Nações em 1919 e se consolidam em 1935. É importante situar que as discussões iniciais giravam em torno de regras gerais de conduta para proteção dos bens patrimoniais dos países em períodos de guerra, sendo condizentes com a situação vivida naquele momento na Europa. Com a criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco –, em 1945, uma série de convenções se estabelece para buscar regular, disciplinar e criar instrumentos jurídicos internacionais para a promoção e proteção dos bens culturais patrimoniais.

Ao percorrer a seqüência de títulos das convenções promulgadas pela Unesco<sup>2</sup> de 1952 a 2005, tem-se um panorama do teor das questões que pautaram as discussões institucionais sobre cultura no período. Por exemplo, em 1970 a preocupação era com o tráfico ilícito de bens culturais entre países e continentes, um grave problema tratado juridicamente depois que deixou de ser prática corrente de potências dominantes em relação a povos dominados. Somente em 2001 o reconhecimento da diversidade cultural dos povos foi oficializado em uma declaração, a qual, em 2005, firmou-se como uma convenção de proteção e promoção da diversidade das expressões culturais. Já as questões referentes ao patrimônio imaterial foram reguladas na convenção de 2003.

Diante dessa história, é importante entender quais são os critérios e valores defendidos e promovidos pela concepção humanista e universalista de cultura para suas ações patrimoniais. Busca-se privilegiar as produções mais virtuosas, heróicas, singulares e essenciais para elevar espiritualmente a humanidade. Nesse sentido, um patrimônio cultural é definido por sua autenticidade, singularidade e originalidade diante de sua cultura particular e por seu caráter de documento universal para a humanidade. Pode-se dizer que é resultante de um processo de seleção cultural “natural” no tempo histórico, ou seja, sua perenidade comprova sua dimensão identitária em relação à cultura por sua resistência física e principalmente simbólica.

Assim, o patrimônio cultural pode ser definido como um bem material ou imaterial, herança do passado para o presente e o futuro, com valores e características que contribuem para a permanência e identidade da cultura a que pertence. Dos bens materiais, têm-se desde con-

<sup>2</sup>Informações disponíveis em <[www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br)>. Acesso em 10 set. 2007.

juntos urbanos ou locais e sítios dotados de expressivo valor histórico ou arqueológico, a casas, palácios, igrejas, praças, ou esculturas, pinturas e artefatos de um modo geral. Consideram-se bens imateriais a literatura, a música, a linguagem e as manifestações coletivas e/ou festivas, como costumes e fazeres. Recentemente aqui no Brasil, por exemplo, foram tombados como bens imateriais o acarajé na Bahia e o frevo em Pernambuco.

O processo de institucionalização patrimonial é regido por critérios pautados pela legislação internacional, de acordo com a esfera a que ele diz respeito. Portanto, um bem cultural patrimonial pode ser tombado e reconhecido por diferentes instâncias: municipais, estaduais, federais e internacionais. Aliás, é bom saber que todo cidadão, de forma individual ou coletiva, pode requerer o tombamento de bens materiais e imateriais, sendo necessário para tanto encaminhar um processo para o órgão<sup>3</sup> mais próximo que legisla a questão.

O processo de institucionalização dos patrimônios no Brasil ocorreu paralelamente ao movimento internacional no início do século XX. O projeto de criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan –, em 1937, envolveu a intelectualidade modernista e teve como base um anteprojeto elaborado por Mário de Andrade a pedido do então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema. Na década de 1930, Mário de Andrade atuava também como pesquisador e etnógrafo, além de gestor de cultura na Cidade de São Paulo, onde organizou e dirigiu o Departamento de Cultura. Seus trabalhos em prol do reconhecimento e preservação de todas as formas de manifestação cultural deram início a um processo que só recentemente se efetivou oficialmente. Como um “turista aprendiz”<sup>4</sup>, realizou viagens de pesquisa etnográfica ao Norte e ao Nordeste do Brasil, recolhendo relevantes registros materiais e imateriais. Pois, já naquela época, ele defendia a preservação não só dos grandes monumentos, da arte erudita ou pura e de peças arqueológicas, mas seu olhar de etnógrafo incluía como patrimônio a arte e os artefatos da cultura popular e dos povos “ameríndios”, assim como os bens imateriais: costumes, cantos, lendas e fazeres, reconhecendo e valorizando a diversidade de nossa formação cultural. O legado das pesquisas de Mário de Andrade continua hoje inspirando outros pesquisadores da cultura brasileira e pode também ser ponto de partida e alimento para projetos educacionais transdisciplinares, como se qualifica sua própria ação<sup>5</sup>.

<sup>3</sup>Em nível internacional, é a Unesco que legisla sobre o assunto. No plano federal, temos o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. No Estado de São Paulo, ligados à Secretaria da Cultura, existem a Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico – UPPM – e o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – Condephaat –, que legisla sobre a questão. Ligados à Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, temos o Departamento do Patrimônio Histórico – DPH – e o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo – Conpresp.

<sup>4</sup>“O Turista Aprendiz”, nome dado por Mário de Andrade ao diário escrito em sua primeira viagem etnográfica ao Norte do País em 1927, foi posteriormente publicado com estabelecimento de textos, introdução e notas por Telê Porto Ancona Lopez (São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976).

<sup>5</sup>Para pesquisa, além das obras completas de Mário de Andrade e de várias obras publicadas sobre ele e sua

Em sua atuação como gestor e educador cultural à frente do Departamento de Cultura (1935-1937), Mário de Andrade buscou quebrar o círculo vicioso da elitização com a promoção de ações educativas de circulação e recepção de bens culturais, como o projeto das aulas-concertos da orquestra sinfônica no Teatro Municipal, com uma programação especialmente selecionada e material de apoio didático informativo e explicativo, ou seja, estabelecendo um processo de mediação em música especialmente pensada para o público escolar.

Antes de São Paulo ter seus museus de arte, Mário idealizou um Museu Popular que não chegou a ser concretizado. O projeto, porém, sugeria que o museu fosse constituído por reproduções, colocando as coleções dos grandes museus europeus ao alcance de todos. Independentemente da discussão que se possa ter hoje acerca da qualidade das reproduções e da insubstituível presença das obras originais, o importante aqui é refletir sobre o caráter de extensão e de educação contido na proposta de museu de Mário de Andrade. Para ele “[...] o verdadeiro museu não ensina a repetir o passado, porém a tirar dele tudo o quanto ele nos dá dinamicamente para avançar em cultura dentro de nós, e em transformação dentro do progresso social”<sup>6</sup>. Ele pensava à época em museu com a função de disseminar conhecimentos para segmentos da população que não tinham acesso a esses conhecimentos, da mesma forma que estamos aqui hoje envolvidos neste projeto de democratização cultural, a despeito do processo de elitização que se incrustou nas instituições representativas de nossa cultura, procurando reverter esse processo, como sugere também Ana Mae Barbosa nos dias atuais:

*É hora dos museus abandonarem seu comportamento sacralizado e assumirem sua parceria com escolas, porque somente as escolas podem dar aos alunos de classe pobre a ocasião e auto-segurança para entrar em um museu. Os museus são lugares para a educação concreta sobre a herança cultural que deveria pertencer a todos, não somente a uma classe econômica e social privilegiada. Os museus são lugares ideais para o contato com padrões de avaliação de arte através da sua história, que prepara um consumidor de arte crítico não só para a arte de ontem e de hoje, mas também para as manifestações artísticas do futuro.*

**(BARBOSA, 1998, p. 19)**

produção, o Instituto de Estudos Brasileiros da USP – [www.ieb.usp.br](http://www.ieb.usp.br) – mantém à disposição dos pesquisadores grande parte do seu acervo bibliográfico e de manuscritos, além de suas coleções de obras de arte e objetos da cultura popular, entre outros. O Centro Cultural São Paulo, em sua biblioteca e arquivos, guarda também os resultados das Missões Folclóricas organizadas por Mário de Andrade na década de 1930.  
<sup>6</sup>ANDRADE, Mário de, *apud* LOURENÇO, Maria Cecília França. Museus à grande. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 30, p. 188, 2002.

## AS CULTURAS NA ESCOLA E NA VIDA

Para considerar a responsabilidade da escola diante dessas questões, é necessário levar em conta que a escola é também um espaço cultural e, sobretudo, que é constituída de pessoas culturalmente inseridas nessa trama complexa e heterogênea. Todos nós, educadores e estudantes, estamos implicados com a questão.

Procurar situar-se diante desse debate no contexto da educação não é algo novo; é um propósito que vem sendo apontado pelos projetos educacionais desde o início do século XX. Entretanto, em vez de chegar a um termo, a questão se complexifica cada vez mais e, como a escola não está dissociada dos contextos sociais e culturais a que pertence, e as sociedades contemporâneas revelam a todo o instante novos problemas e conflitos culturais, não podemos ficar imunes a ela.

Como educadora da cultura visual, por exemplo, entendo que a escola se encontra hoje diante do desafio de enfrentar as produções massificadas da indústria cultural na qual estamos imersos, que nos induzem ao consumo e conformam nossos valores e comportamentos. Aliadas a esse fato e em estreita relação, temos as reações dos jovens que vêm sistematicamente ocupando muros e paredes da cidade (e das escolas também) com pichações e grafites. As medidas institucionais de censura e prevenção a essas intervenções urbanas juvenis têm-se mostrado tão ineficazes quanto a resistência da escola em encarar os produtos da cultura de massa como objetos de estudo e reflexão. Coloco os dois fenômenos em relação porque são frutos e consequência da complexidade visual de nossa sociedade contemporânea. Algumas escolas têm inclusive usado a estratégia de recobrir suas paredes e muros com imagens da cultura visual de massa para evitar que os alunos intervenham nesses espaços com suas inscrições, sem estabelecerem um processo de reflexão crítica e de negociação por meio de projetos em que educadores e estudantes possam se confrontar e avaliar os pressupostos e as funções desses sistemas culturais. E diante dos fatos, cabe a pergunta: quando a escola elege aleatoriamente algumas imagens da cultura visual como decoração para seus espaços coletivos, não estará reforçando e legitimando exatamente essa parcela da cultura que ela não considera legítima o suficiente para fazer parte de seus currículos? Quando os estudantes insistem em continuar intervindo nos espaços coletivos com suas pichações, não estarão reforçando demandas de participação nas decisões coletivas desses espaços? As ações são contraditórias e revelam conflitos que nos remetem a repensar o lugar da cultura na educação.

E uma das primeiras preocupações da relação entre cultura e educação é a questão da identidade cultural, que em geral se reveste da perspectiva afirmativa de reforço à auto-estima dos estudantes, quando deveria buscar situá-los nos contextos culturais de referência. Para efetivar esse propósito, logicamente nós, educadores, precisamos tam-

bém buscar nos situar diante de nossos referenciais culturais. Entretanto, deparamo-nos com a dificuldade de identificar que contextos culturais são esses no mundo contemporâneo interconectado, em que as identidades culturais, que têm por base as segmentações de classes sociais, econômicas e étnicas, não se fixam em fronteiras nítidas. Pertencemos a vários segmentos que produzem suas representações em redes interdependentes. Por exemplo, como educadora e pesquisadora, posso buscar me situar entre meus pares acadêmicos, embora esse segmento de classe tenha vários matizes e níveis de conexão. Pertencer à comunidade acadêmica nacional ou local, pública ou privada me agrega diferentes referenciais culturais, que revelam diferentes conflitos, inclusive conflitos com outros segmentos a que pertencço, como o ser mulher e nordestina.

Néstor García Canclini pondera que “Estudar processos culturais, por isso, mais do que afirmar identidades auto-suficientes, é conhecer formas de se situar em meio à heterogeneidade e entender como se produzem as hibridizações”<sup>7</sup>. Canclini advoga uma redefinição da questão e uma mudança de foco: da identidade para a heterogeneidade e hibridização<sup>8</sup> multicultural. Ao focar apenas a identidade, mesmo que pressuponha levar em conta a diferença, conduz a circunscrever o sujeito em um segmento, tendo por critério as semelhanças e negando as diferenças, ou seja, é um processo que tem por base a homogeneidade. Porém, se o ponto de partida e o foco estão na heterogeneidade cultural, o processo é necessariamente mais democrático e plural; não se buscam apenas as semelhanças, mas se reconhecem criticamente as diferenças e as desigualdades, em direção à multiplicidade de sentidos.

Para melhor pensar a questão, basta lembrar como tem sido comemorado por nossas escolas de forma burocrática, distante e estereotipada o “Dia do Índio”. Cumprimos um calendário sem ao menos nos perguntarmos qual a função ou a razão dessa comemoração. O que há para comemorar? Criou-se uma imagem idealizada e pasteurizada – ou seja, homogênea – de um ser distante de nossa realidade e presta-se tributo a essa idealização. Esquecemos a história, esquecemos o processo de colonização, esquecemos a diversidade étnica e cultural dos vários povos que aqui viviam, esquecemos que alguns deles ainda vivem. Sobretudo, esquecemos que eles estão na base da constituição da sociedade brasileira. Como tratar a identidade cultural de nossos alunos se continuamos a reproduzir esse processo de negação de parte significativa de nossa identidade? Por que não aproveitamos esse dia e comemoramos o “Dia da Consciência Indígena”, tal qual fizeram os movimentos

<sup>7</sup>CANCLINI, Néstor García. El malestar en los estudios culturales. *Fractal*, v. 2, n. 6, p. 45-60, jul.-set. 1997. Disponível em <<http://www.fractal.com.mx/F6cancli.html>>. Acesso em 2 set. 2007.

<sup>8</sup>O autor toma a metáfora do hibridismo da linguagem (que pressupõe a mistura ou interpenetração de sintaxes provenientes de línguas distintas para formar um novo vocábulo) ou a idéia de hibridização genética, para usá-la em lugar do termo “mestiço” ou “mestiçagem”, que carrega conotações valorativas de inferioridade em relação aos elementos que o compõem.

de cultura negra ao abolirem a comemoração oficial do Dia da Libertação dos Escravos, criando oficialmente o Dia da Consciência Negra?

Somos um povo híbrido culturalmente, e a questão da multiculturalidade, tão em voga na educação, pode também ser enfrentada de formas diversas. Reconhecer apenas a multiplicidade de culturas não é suficiente. Procurar situar todas as culturas em pé de igualdade é uma atitude ingênua que escamoteia as desigualdades. Para tratar a multiculturalidade, é preciso buscar legitimar as múltiplas formas de conhecimento de cada grupo em suas relações com os outros, revelando os pontos de conflito, as reivindicações e, sobretudo, fazendo emergir possibilidades de construções solidárias – é o que se pode entender por interculturalidade, que pressupõe a interpenetração das culturas. Segundo Canclini, na América Latina, as relações entre a cultura hegemônica europeia e as heterogêneas culturas que compõem nossas formações favoreceram uma hibridização particular, uma constituição híbrida das identidades étnicas e nacionais, diferente, por exemplo, do que ocorreu nos Estados Unidos.

No caso de São Paulo, o processo de hibridização de culturas é singular e complexo por conta das ainda recentes levas de imigrantes de procedências diversas que compõem a história do Estado. Na constituição do paulista e, sobretudo, do paulistano, há distintas ascendências que funcionam muitas vezes como parâmetros culturais de qualificação. Identificar nossas origens e, com elas, suas formas de conhecimento, entendendo os movimentos migratórios externos e internos ao próprio País, encarando os pontos de conflito, os preconceitos e as relações implícitas de dependência e de poder entre os envolvidos, pode ser uma saída para a construção de redes identitárias solidárias. Ao enfrentar com responsabilidade a questão da diversidade cultural de sua comunidade, a escola pode se tornar um espaço de pertencimento para aqueles que compõem essa comunidade.

### ALGUMAS PALAVRAS PARA ABRIR CAMINHOS...

Ao escrever este texto, reafirmei alguns posicionamentos gerais que têm pautado minha vida pessoal e profissional. Com relação ao tema da cultura, identifico-me com as concepções que pautam o campo dos estudos culturais. Os estudos culturais foram iniciados na Inglaterra, na década de 1970, por professores de Literatura que, espantados com o hiato entre a cultura que eles estavam engajados em ensinar e as referências cotidianas de seus alunos, passaram a se interrogar sobre o conceito de cultura e seus pressupostos históricos e políticos.

Os estudos culturais são também humanistas, porém no sentido de que trabalham pela emancipação de todos, pelo reconhecimento mútuo e pela luta contra a falsa universalidade, essa hegemonia de um sobre todos em nome de um modelo pretensamente superior. Há, portanto,

um comprometimento com os estudos de todas as modalidades de cultura: de arte, crença, instituições e práticas comunicacionais das sociedades. Os objetos de estudo são entendidos em seus contextos e nas relações de significados enunciados por suas representações. Quanto ao método de estudo, há uma tendência a se radicalizar em direção à interdisciplinaridade, ou seja, a buscar apoio nos métodos e construtos teóricos de várias disciplinas, na medida em que o objeto demanda.

Porém, o mais importante é o reconhecimento da posição de comprometimento do pesquisador que é convidado a pensar sua própria relação com o objeto estudado. Ou seja, para pensar a cultura como objeto de estudo neste grande Programa *Cultura é Currículo*, eu convido você a pensar sobre as suas relações com essa questão, como eu procurei fazer neste texto. E as perguntas que orientam esse compromisso poderiam ser: Que valores orientam minhas concepções de cultura? Que posição eu assumo, como educador(a), em relação ao debate cultural? Como me entendo como um ser cultural e como um(a) mediador(a) cultural? Será que busco entender os estudantes como culturalmente inseridos em culturas? E de que maneira esse entendimento favorece os aprendizados escolares e o tão desejado bom desempenho dos estudantes?

E para encerrar, vou deixá-los com as palavras de Edgar Morin, um incansável pensador de nossa complexidade cultural, que, em uma de suas autobiografias, diz o seguinte:

*O que deveria significar hoje “ser culto” não é estar isolado em sua especialização, nem se satisfazer com idéias gerais nunca submetidas a exame crítico por não estarem de acordo com os conhecimentos particulares e concretos. É ser capaz de situar as informações e os saberes no contexto que esclarece seu sentido: é ser capaz de situá-los na realidade global de que fazem parte; é ser capaz de exercer um pensamento que, como dizia Pascal, alimenta os conhecimentos das partes dos conhecimentos do todo, e os conhecimentos do todo dos conhecimentos das partes. É, ao mesmo tempo, ser capaz de anteciper, certamente não de prever, mas de encarar as possibilidades, os riscos e as chances. A cultura é, em suma, o que ajuda o espírito a contextualizar, globalizar e anteciper.*

(MORIN, 2003, p. 45)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.
- MORIN, Edgar. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). *Arte, educação e cultura*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.
- REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Rio de Janeiro, Iphan, n. 30, 2002. [Mário de Andrade. Organização de Marta Rossetti Batista].
- RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

# Tempo de experiência<sup>1</sup>

por Stela Barbieri<sup>2</sup>

*A experiência, como o respirar, é ritmo de inspirações e expirações. Sua sucessão é pontilhada e tornada um ritmo pela existência de intervalos, pontos nos quais uma fase cessa e a outra está latente e em preparação.*

**John Dewey (1974)**

Para quem vive no mundo contemporâneo, onde o ritmo cotidiano é acelerado e os afazeres são tantos, onde existem inúmeros estímulos o tempo todo, que nos deixam muitas vezes atônitos, paralisados, a palavra “experiência” pode adquirir vários significados e conotações singulares para cada pessoa. A experiência é individual e intransferível. Pode-se compartilhar uma experiência, mas não transferi-la para outro.

A experiência, para quem vive em grandes centros, está em constante deslocamento. Nossa atenção está dividida entre muitos assuntos que nos requisitam o tempo todo. Lidamos com várias coisas ao mesmo tempo. Mesmo que consigamos fazer uma de cada vez, ficamos sobrecarregados. Não nos damos conta do que estamos vivendo. Vivemos situações voláteis, conectando-nos e desconectando-nos de cada assunto. Se fizermos uma retrospectiva de um dia com todos os seus detalhes, nos daremos conta da infinidade de coisas que nos passam. Isso se revela em vários momentos: quando andamos de ônibus, vemos pessoas, sentimos cheiros, temos idéias, estamos imersos na pulsação da cidade. Vamos carregando, impregnada em nós, uma variedade de situações que nos respingam ao longo do dia. São tantas experiências fragmentadas e sobrepostas que, mesmo sendo voláteis e passageiras, acabam contribuindo para formar o que somos, e assim podemos chamá-las de experiências. Mas as experiências que nos tocam e nos transformam muitas vezes podem acontecer em um milésimo de segundo e nos marcar para o resto da vida.

A vida do professor, na contemporaneidade, não é diferente. Ele administra família, casa, saúde, beleza, formação profissional, contas a pagar, compromissos e, na escola onde trabalha, vive uma grande diversidade de experiências que a convivência com seus alunos e colegas lhe propicia. Essa vivência em deslocamento nos dá a oportunidade

<sup>1</sup>Agradecimentos: a Ricardo Ohtake, Clélia Pastorello, Elizabeth Dória Scatolin, Cleide Terzi, Regina Machado; a Ângela Castelo Branco, por todas as contribuições, principalmente no capítulo sobre ciência; a Fernanda Albuquerque, pela leitura atenta e todos os comentários; por todas as ajudas sempre, a Denise Teixeira, Fernanda Beraldi, Fernanda Gomes, Fernanda Simionato, Dayene Mari e Lillian Grasielle Dias Nicolau; e, especialmente, a Fernando Vilela, meu grande palpiteiro de plantão.

<sup>2</sup>Artista plástica, diretora da Ação Educativa do Instituto Tomie Ohtake e educadora da Escola Experimental Vera Cruz, realiza apresentações de contos da tradição oral e já participou de espetáculos na Sala São Paulo, no Itaú Cultural e nos SESCOs, entre outros. É assessora para o ensino da Arte do Projeto *Escola no Cinema* do Espaço Unibanco de Cinema. Sua produção plástica pode ser conferida em <[www.stelabarbieri.com.br](http://www.stelabarbieri.com.br)>.

de vivermos muitos papéis e, dessa forma, ampliarmos nossa leitura de mundo.

Para nos aproximarmos mais do que é ter uma experiência, vamos refletir sobre os seus vários significados. Qual é o sabor da palavra “experiência”? As palavras se revestem de imagens, conceitos e temperaturas. Aqui, trataremos dos significados da palavra “experiência” sob vários pontos de vista:

*Tomá-la como coisa viva, pulsante, não como vogais e consoantes ou como um pobre envoltório de informações cerebrais. Tomá-la nos olhos, na boca, nos ouvidos, na pele dos dedos e do corpo, para sentir antes de compreender.<sup>3</sup>*

Podemos usar a imagem, o som, o corpo para comunicar algo, mas a palavra ainda é o nosso meio de comunicação mais utilizado. Para falarmos de nossas percepções, usamos a palavra constantemente. Muitas vezes perdemos o sentido da palavra como algo que nos localiza. Trataremos da palavra como uma possibilidade para criar novos sentidos, para ressignificar as nossas vivências.

Quando ouvimos ou lemos a palavra “experiência”, pensamos em uma série de concepções que já temos. Como um primeiro recurso deste texto, recorreremos ao *Dicionário Aurélio*, usando seus verbetes para dar nome a cada um de seus capítulos. Eis aqui, segundo o dicionário, algumas definições da palavra “experiência”: “[Do latim *experientia*, do verbo *experiri*, “experimentar”]. **S. f.** 1. Ato ou efeito de experimentar[-se]; experimento, experimentação. 2. Prática da vida: *É homem vivido, cheio de experiência*. 3. Habilidade, perícia, prática, adquiridas com o exercício constante duma profissão, duma arte ou ofício: *É um professor com experiência, tem 20 anos de magistério*. 4. Prova, demonstração, tentativa, ensaio: *experiência química*. 5. **Filos.** Experimentação. 6. **Filos.** Conhecimento que nos é transmitido pelos sentidos. 7. **Filos.** Conjunto de conhecimentos individuais ou específicos que constituem aquisições vantajosas acumuladas historicamente pela humanidade.”.

### A EXPERIÊNCIA TOMADA COMO ATO OU EFEITO DE EXPERIMENTAR[-SE]

A experiência tomada como ato ou efeito de experimentar[-se] trata da palavra no sentido de provar algo novo, entrar em contato e explorar possibilidades. Na infância, temos uma prontidão para viver esse tipo de situação, estamos mais dispostos e curiosos para descobrir novas possibilidades de uso dos objetos, queremos desvendar mistérios e conhecer o que ainda não conhecemos.

<sup>3</sup>WERNECK, H., no Projeto *Vivências Culturais para Educadores*, realizado pela Prefeitura de São Paulo e organizado pelo Instituto Tomie Ohtake, 2004.

No entanto, com o passar dos anos, a maioria das pessoas vai ficando menos disposta, com preguiça de ter novas vivências, satisfazendo-se com aquelas já vividas. Porém, quando vivemos uma nova experiência, experimentamos a nós mesmos em circunstâncias desconhecidas. Algumas pessoas procuram se expor e estão atentas a circunstâncias que propiciem vivências significativas em seu dia-a-dia.

Jorge LARROSA (2002), em seu texto “Experiência e paixão”, publicado no livro *Linguagem e Educação depois de Babel*, ao tratar da palavra “experiência”, diz:

*A experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou acontece ou toca, mas o que nos passa, nos acontece, nos toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa. Dir-se-ia que tudo o que passa está organizado para que nada se passe.*

Vivemos num tempo em que muitas coisas estão acontecendo concomitantemente. “Devemos ser cidadãos bem informados”, supostamente compatíveis com nossos colegas de trabalho, amigos e familiares. O mundo globalizado cria uma ilusão de que informação é experiência, e todos nós deveríamos correr atrás dessa atualização idealizada. Tratamos da experiência, na maioria das vezes, como um item a ser cumprido. A experiência não é um item.

Podemos fazer uma visita a um museu e sair mais informados, sem nada nos acontecer, ou ainda viajar para um lugar, visitar a escola de um colega ou assistir a um filme, e nada nos acontecer. Se sairmos mais informados, isto é um item. A experiência, tal como é tratada neste texto, é aquela que transforma e fica impregnada em nós pela vida afora. Para que uma obra de arte não seja apenas um item de uma lista infundável do que devemos fazer para nos atualizar, mas passe a ser algo que realmente nos traga transformação, mexendo com sensações, reflexões, idéias e conceitos que contribuam com o nosso olhar para a nossa história e para a de nossa comunidade, precisamos perceber o que a obra nos fala. Precisamos nos abrir para ler, sentir e pensar a obra de arte à nossa frente.

Numa grande cidade, temos disponíveis muitos espaços culturais para visitar, espaços estes que nem sempre são acessíveis a todos, pela dificuldade de locomoção, pela escassez de tempo ou por dificuldades econômicas. Como professores, quando temos a oportunidade de decidir a que lugares levaremos nossos alunos, precisamos estar atentos às nossas escolhas, pois nesse momento decidimos por eles que vivências terão.

A agenda cultural que se apresenta é imensa. Em função disso, vemos freqüentemente pessoas dizendo: *Você já foi à Bienal? Você foi ao Museu da Língua? Você assistiu a tal filme? Você fez o curso tal? Você leu tal livro?* A agenda é enorme, e tem pessoas que procuram cumpri-la integralmente, eliminando todas as possibilidades da lista sem fim, sempre com a sensação de que não estão atualizadas.

Qual é a qualidade da experiência que nós temos em cada uma dessas situações? O quanto nos permitimos entrar em contato com o que nos propusemos a conhecer? A informação está dada, pode ser localizada em livros, na internet, em espaços culturais, porém a informação sem a experiência é pobre. É só mais um dado. Corremos o risco de consumir tudo excessivamente e, desse modo, cair no vazio. Precisamos refletir ao fazermos nossas escolhas, pois dentro do que se apresenta na agenda cultural da cidade também há muita superficialidade. A escritora Lya LUFT (2004) nos fala que a reflexão é a arma que temos para fugir da mediocridade.

A grande maioria das pessoas, quando vai a um museu, precisa de um educador que as acompanhe, que lhes diga o que aquilo quer dizer, sem dialogar com o educador, sem perceber o que a obra propõe, sem estudar o artista ou o movimento no qual este se insere, esperando que o educador lhes indique as respostas rapidamente.

Não há silêncio para que a vida fale. O frenesi de nosso olhar desesperado pelas ruas da cidade nos impede de ver verdadeiramente. Não há espaço para a experiência; o tempo urge e precisamos ardorosamente devorar todas as oportunidades para estarmos atualizados. Com isso, corremos o risco de nos perdermos de nós mesmos em nossa trajetória como educadores.

Porém, na experiência, não há situação segura. Ela representa um “lugar de risco”, mutante, provisório. Contaminamo-nos das situações vivendo fusões momentâneas. Hoje vemos uma situação de um jeito, amanhã olhamos para ela e a enxergamos de outro. O lugar do professor contemporâneo também é o lugar do transitório, cheio de incertezas e em constante movimento. A sala de aula nos traz surpresas o tempo todo. Fazemos um planejamento e, quando chegamos para dar aula, tudo pode mudar, pois é da nossa relação e encontro com os alunos que a aula se dá.

Pode-se criar assim um lugar da invenção. Um lugar da impermanência, em que o planejamento não anda passo após passo como imaginamos, pois o lugar da cultura também é este, assim como a cidade, assim como a vida.

**“HABILIDADE, PERÍCIA, PRÁTICA, ADQUIRIDAS COM O EXERCÍCIO CONSTANTE DUMA PROFISSÃO, DUMA ARTE OU OFÍCIO: É UM PROFESSOR COM EXPERIÊNCIA, TEM 20 ANOS DE MAGISTÉRIO.”**

Trabalhar 20 anos em uma mesma profissão nem sempre significa experiência, pois existe o risco de vivermos tão mecanicamente o nosso dia-a-dia a ponto de não termos consciência do que está se passando. Muitas vezes, a experiência pode trazer para alguns ares de superioridade, como discute Walter BENJAMIM (1984, p. 21) em seu texto sobre a experiência: “A máscara do adulto chama-se experiência. Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre a mesma. Esse adulto já viveu tudo: juventude, idéias, esperança...”.

Para não nos desestabilizarmos ante as nossas certezas, nós adultos nos agarramos ao prático e ao conhecido, àquilo que não nos exige muito.

Walter Benjamin nos diz que em cada gesto está contida toda a nossa biografia. Então, quando estamos na sala de aula ou em qualquer outro lugar, temos uma imagem singular, porque estamos impregnados de nossa biografia. Impregnamos de quem nós somos todas as nossas atividades – ao lermos um livro ou assistirmos a um filme ou quando preparamos ou damos uma aula. Não temos como separar a pessoa do profissional que somos. As experiências da vida privada são diferentes daquelas vividas no espaço público, mas a pessoa é a mesma.

Em nossa vida profissional, precisamos ficar cada vez mais preparados e competentes, mas não podemos negar a pessoa que somos. Precisamos estar atentos. Corremos o risco de delegar o tempo todo a nossa formação e a nossa experiência a outros: à diretora da escola, à secretária, ao governo, ao mundo, ao planeta. No entanto, dessa forma existe o perigo de nos exirmos das escolhas que fazemos e das decisões que podemos e devemos tomar. Acabamos por não nos responsabilizarmos por nossa formação e por nossa biografia.

A trajetória e a experiência de vida precisam ser atualizadas por meio da presença em cada ato. Faz-se necessário tomar posições e decisões a cada instante.

O mundo contemporâneo é um mundo de classificações. Tudo é classificado para “facilitar” as coisas, e algo que está classificado em seu devido lugar não precisa ser olhado ou questionado. Mas o que se exige do professor contemporâneo é muito mais que isso. É articulação, interlocução com todas as leituras e questionamentos feitos pelos alunos.

Foto: Dayene Mari



Precisamos dialogar com o rapaz que ouve *hip-hop* e navega no computador com absoluta agilidade, ouvir o que ele pensa sobre as coisas, investigar qual é a percepção de vida de um jovem que vive num ritmo completamente ágil, como ele se relaciona com a sua experiência. O que nós, professores, como leitores da realidade e autores de nosso trabalho, faremos para que os conteúdos tratados na escola tenham sentido para as crianças e jovens de hoje, tornando-se experiências significativas?

O tempo passa muito rápido, e a vida nos engole. Como podemos fazer para sair do lugar do atropelo? Porque é fato: temos pouco tempo, uma vida louca, uma série de restrições e embates para conseguir viver. Mas como validar o lugar da experiência? Como tornar esse lugar potente?

As escolas nunca darão conta de todas as experiências, mesmo porque o mundo se mostra mais rico a cada momento. As crianças e jovens passam muitas horas de suas vidas dentro da escola e convivem mais com os colegas e professores do que com os próprios familiares. É necessário que consigamos propiciar momentos realmente significativos para os nossos alunos e para nós mesmos.

### PROVA, DEMONSTRAÇÃO, TENTATIVA, ENSAIO: EXPERIÊNCIA QUÍMICA/CIENTÍFICA

A experiência científica geralmente é disparada pela necessidade de resolver problemas (a cura de doenças), ultrapassar limites (chegar à Lua) ou realizar desejos (voar). Para que o experimento tenha êxito, monta-se uma estratégia organizada em etapas, com ações que podem ser observadas e testadas, provando-se ou refutando-se hipóteses por métodos de medição que evidenciam determinado resultado.

Grandes cientistas fizeram experiências que mudaram o destino da humanidade, como a descoberta da luz elétrica e da máquina a vapor e a invenção da imprensa. Atualmente, convivemos com uma intensa revolução das descobertas científicas. A tecnologia parece desenvolver-se desenfreadamente. Assistimos atônitos à devastação dos nossos recursos naturais, ao apelo exagerado pelo consumo e à aparente incompatibilidade da relação entre o ser humano e a natureza. Mas que processo desencadeou essa visão de ciência que temos atualmente?

Historicamente, a evolução da ciência nos mostra que o pensamento humano caminhou por uma série de transformações. Diferenciando-se do conhecimento popular, que não pode ser medido ou comprovado, o conhecimento científico é aquele que dispõe de instrumentos e de um sistema claro de comprovação de uma hipótese ou conceito.

A crença absoluta no poder da verdade científica por meio de experimentações (período conhecido como *empirismo*) ou por meio da argumentação lógica (denominado *racionalismo*) resultou na hiperespecialização das áreas do saber e na fragmentação do conhecimento.

A especialização da ciência chegou a tal ponto que o homem, por meio de experimentos de laboratório, foi capaz de criar a bomba atômica. E foi justamente após a Segunda Guerra Mundial que vivemos um período de reflexão acerca dos rumos que a ciência poderia tomar.

Nessa época, o filósofo da ciência Thomas Kuhn provocou uma grande revolução no modo de pensar a ciência, afirmando que a verdade científica estabelece-se por meio de paradigmas, isto é, não há uma verdade única, e sim um consenso entre os homens acerca de determinado conceito. Quando um conceito já não serve para responder a todas as perguntas vigentes, gera-se uma crise e uma revolução, alterando-se o paradigma científico.

Desde então, encaramos a ciência como uma área que atua para servir o homem, e não o contrário. Hoje, podemos acreditar que as revoluções científicas ocorrem quando há uma ruptura dos modelos vigentes. Para que isso aconteça, é preciso que o cientista seja persistente e vislumbre possibilidades, faça escolhas e tome decisões, olhe o mundo à sua volta e seja questionador. Muitas vezes um cientista faz milhares de experimentos e não chega a nada. Seu pensamento, no entanto, opera com *insights*<sup>4</sup> que são reveladores.

Portanto, além de acompanharmos os progressos da ciência, podemos contribuir para que seus mecanismos e conceitos se alterem. Ao adotarmos uma visão menos fragmentada, voltada para a solução multifatorial de problemas, incluindo a ética em nossas ações, contribuiremos para o desenvolvimento da humanidade.

Nesse sentido, o artista também é um cientista. Experimenta materiais díspares, entrega-se à curiosidade, estuda avanços tecnológicos e os incorpora em suas práticas para construir objetos, instalações (tecnológicas ou arquitetônicas) ou até mesmo uma pintura cuja tinta é elaborada apenas por meio de processos químicos.

Segundo Anísio TEIXEIRA (1957, p. 5-22), “a ciência, aliás, longe de mecanizar o artista ou o profissional, arma a sua imaginação com os instrumentos e recursos necessários para seus maiores vãos e audácias”.



Foto: Stela Barbieri



Crianças pesquisando a natureza, 2007

<sup>4</sup>*Insight*: profunda percepção de uma situação. Tem como sinônimos: observação, vislumbre, descoberta, discernimento, visão, intuição, idéia.

O artista cria novas possibilidades de significar a funcionalidade de objetos, de catalogar normas e leis de acordo com seu mundo individual, de alterar nossas percepções e desmontar paradigmas fixos e imutáveis.

Porém, podemos todos ser “experimentadores” do cotidiano, questionando as verdades estabelecidas, testando pensamentos, usufruindo com qualidade e consciência as descobertas e lançamentos da ciência, desenvolvendo um espírito de busca da verdade – aquela que melhor se adequar a um maior número de indivíduos e não apenas a uma pequena minoria.

### CONJUNTO DE CONHECIMENTOS INDIVIDUAIS OU ESPECÍFICOS QUE CONSTITUEM AQUISIÇÕES VANTAJOSAS ACUMULADAS HISTORICAMENTE PELA HUMANIDADE – A EXPERIÊNCIA NA CIDADE

A cidade é o lugar da experiência por excelência. Nela, pessoas diversas transitam pelas ruas e por tantos campos de ação. Vivem a história, deparam-se com fatos surpreendentes, têm encontros e desencontros, vivem amores e agressões.

A sociedade contemporânea nos apresenta cada vez mais vivências e, para que consigamos nos concentrar em nossas ações, pensamentos, trabalhos e relações, precisamos nos fechar um pouco, para não sermos invadidos por tantos estímulos e demandas. Viver numa grande cidade nos obriga a ter certos cuidados, já que ela encerra perigos para os quais precisamos estar atentos. Corremos o risco de ser invadidos tanto nas relações pessoais quanto nas sociais. Talvez, de tão defensivos que ficamos numa grande cidade, passamos a não vivê-la, e se deixamos de ser protagonistas, também deixamos espaço para o descaso, para o vandalismo e para a violência. A cidade é de todos que vivem nela, mas, nesse caso, passa a ser de ninguém.

A cidade tem impregnada em suas ruas a sua história, a nossa história. Sua arquitetura evidencia a evolução tecnológica empreendida por meio da resolução de problemas estruturais que apareceram quando a cidade (em muitos casos) teve de se verticalizar. Isso aconteceu em função do aglomerado de pessoas e da falta de espaço para abrigar todas elas. Além disso, podemos acompanhar, andando pelas ruas, a evolução da arquitetura em termos estéticos. A tecnologia e a estética tiveram uma evolução ao longo do tempo, e isso é história viva presente nos espaços urbanos.

A cidade é um lugar de vivências micro e macro. Vivemos em nosso cotidiano experiências individuais, percursos próprios e maneiras de utilizar os serviços (banco, supermercado, padaria) que nos levam a um deslocamento bastante peculiar dentro do espaço urbano. Nós também construímos a paisagem, pois o tratamento que damos às nossas casas contribui para a constituição visual de nossa rua.

Os locais que escolhemos para morar revelam uma identificação com certo tipo de construção. Por menos escolhas que possamos fazer

Fotos: Stela Barbieri



*Estudos sobre a cidade. Trabalho feito por crianças em oficina, 1988. Oficina Cultural Oswald de Andrade*

em função das grandes discrepâncias econômicas que uma metrópole apresenta, ainda assim fazemos escolhas e influímos na cidade. No entanto, o espaço urbano tem uma escala macro que afeta nossa experiência cotidiana. A falta de planejamento urbano e o crescimento desenfreado fazem com que haja trânsito, obras por todo lado e um tratamento mútuo entre os próprios habitantes da cidade que muitas vezes gera desrespeito e violência. Isso nos impõe muitos percalços, o que também contribui para que nos fechemos em nosso mundo, pois nos sentimos agredidos por uma cidade que não nos acolhe.

Claude LÉVI-STRAUSS (2004) comenta que o turista constitui sua identidade com as vivências que se acrescentam ao longo de sua trajetória, ao fim da qual ele mesmo será também o outro. Sendo assim, as experiências vividas na cidade são também experiências de deslocamento: “Quanto mais se entender a cidade como integração de funções, de renda, de idade, mais vida ela terá”<sup>5</sup>.

Precisamos usufruir das oportunidades que as cidades nos oferecem. Precisamos ser turistas em nossa cidade. A diferença entre a posição do morador de um lugar e a do turista é que o primeiro passa todos os dias pelos mesmos espaços e já não os percebe mais, e o segundo está desperto para tudo ao seu redor, atento e querendo conhecer. O turista como estou tratando aqui é aquele sujeito curioso, que quer viver o novo, fazer diferentes roteiros, conhecer os lugares por onde nunca andou. Repara no comportamento das pessoas, nas ruas da cidade. Tem uma experiência estética a cada instante. Os lugares que freqüentamos em nosso cotidiano têm uma organização peculiar e podem nos proporcionar uma vivência estética: o supermercado, a feira, a padaria. Na periferia, esses lugares têm uma cara. No centro, têm outra. Em bairros marcados pela forte presença de uma etnia, as características são marcadas pelos costumes daquela comunidade. São Pau-

<sup>5</sup>WERNECK, H., JAFFE, N., LERNER, J. et al. In: *Vivências Culturais para Educadores*. Instituto Tomie Ohtake (Org.), 2004, p. 33.

lo, por exemplo, é uma grande torre de Babel, cheia de influências e diversos costumes, com linguagens e características distintas, trazidas pelas pessoas tanto de dentro, quanto de fora do Brasil.

Se viajarmos pelo Brasil, veremos que em cada lugar temos características específicas. Apesar da globalização e da grande agilidade dos mercados, os costumes próprios de cada comunidade ainda estão presentes.

É por isso que ser turista na cidade onde vivemos pode nos propiciar experiências bastante enriquecedoras, que ampliam nossos horizontes culturais e nosso imaginário. Nela, temos um grande universo a ser pesquisado como possibilidade educacional. Nela, a vida pulsa, e os conhecimentos não precisam estar categorizados *a priori*, mas precisam ser vivenciados pelos alunos de maneira verdadeira. Precisamos nos apropriar dos percursos e dos lugares que a cidade nos apresenta para podermos desfrutar dela.

Os espaços culturais são potências a serem incorporadas em nossas áreas de atuação como possibilidade de experiências constantes. Nesses espaços, podemos experimentar a sensação de fusão momentânea com o que nos toma, ou seja, somos parte da cidade e nossas ações intervêm nela.

*“Não se trata de tirar as crianças da rua.  
Mas devolver a rua para as crianças.”*

**(Paulo Freire)**

## CONHECIMENTO QUE NOS É TRANSMITIDO PELOS SENTIDOS – ARTE COMO EXPERIÊNCIA

*Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida.  
Não penso que seja assim. Penso que o que estamos  
procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que  
nossas experiências de vida, no plano puramente físico,  
tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa  
realidade mais íntimos, de modo que realmente  
sintamos o enlevo de estar vivos.*

**(CAMPBELL, 1990)**

Ao longo do dia, além dos estímulos externos, ficamos em contato, mesmo que sem consciência, com os pensamentos e imaginação que permeiam nossas ações. Que tipo de experiência a imaginação nos propicia?

A imaginação é um recurso revolucionário que temos na mente. E com ela podemos projetar situações, atos, construir prédios, ter fantasias e resolver problemas. Noemi Jaffe nos diz sobre a imaginação:

*Imagine um mundo sem imaginação. Mas daí não dá para  
 imaginar. E por que imaginar? Porque esta é a linguagem  
 que expressa as coisas não como elas são, mas como nós  
 gostaríamos ou não gostaríamos que elas fossem. Ou seja, se  
 você conseguiu imaginar a vida sem imaginação, é o mesmo  
 que pensar numa vida sem martelos, pregos, garfos, violão,  
 cafezinho, elevador, arco e flecha e amor.  
 Uma vida sem transformações.<sup>6</sup>*

Podemos dizer que, na grande maioria das vezes, tudo o que foi feito pelo homem foi imaginado primeiro. Aristóteles dizia que a imaginação vem do mesmo lugar da alma que a memória. A imaginação e a memória alimentam-se mutuamente, trazendo a cada momento um novo conjunto de relações para o vivido e o imaginado.

Quantas emoções a imaginação pode nos trazer? Algumas vezes ouvimos: “Estou emocionado só de imaginar!”. Imaginemo-nos agora junto com o poeta sufi Jalaluddin Rumi:

*Imagine-se deslizando pelos ares na encosta de um rochedo  
 como uma águia. Imagine-se andando  
 na floresta, sozinho como anda um tigre.  
 Você é mais belo quando está à procura de comida.*

*Fique menos tempo com rouxinóis e pavões.  
 Um é apenas uma voz, outro apenas uma cor.*

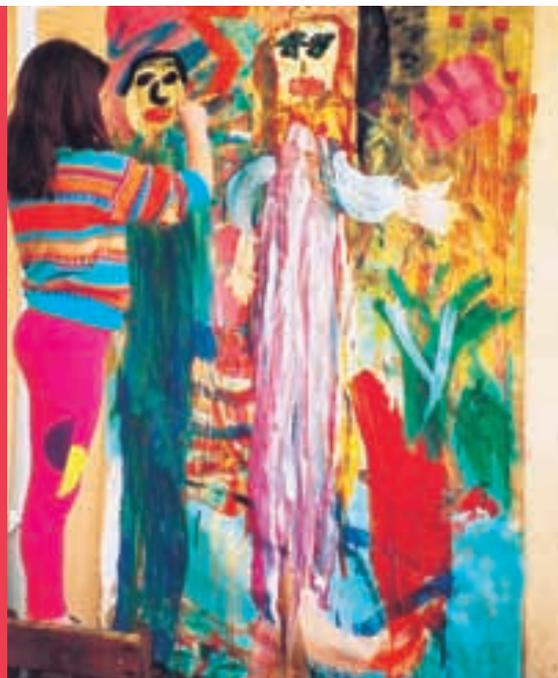
Ao lermos esse poema, imaginamos o que Rumi nos propõe e, mergulhando nessa pílula de significados que é o poema, percebemos muitas camadas. As obras de arte nos possibilitam leitura em camadas.

Os artistas são inventores de novos sentidos para o que há no mundo: visualidades, sons, histórias e movimentos. No entanto, não cabe só aos artistas imaginar e vivenciar o mundo por meio dos sentidos. Os arquitetos são inventores de lugares, da cidade, da paisagem. Os cientistas são inventores de novas perspectivas, solucionam problemas e ultrapassam limites. Todas as pessoas podem ser inventoras de suas próprias trajetórias, perceber o mundo à sua volta e criar metas, desejos e projetos a serem realizados.

## PROFESSOR COMO PROPOSITOR DE EXPERIÊNCIAS

O lugar do educador tem aspectos similares ao lugar do artista, porque ele lida com a possibilidade de criar novos sentidos, tanto em

<sup>6</sup>WERNECK, H., JAFFE, N., LERNER, J. et al. In: *Vivências Culturais para Educadores*. Instituto Tomie Ohtake (Org.), 2004, p. 33.



Fotos: Denise Adams

### *Crianças trabalhando*

relação aos conteúdos curriculares, quanto em relação à informação e à leitura do seu próprio grupo de alunos. Ele cria o seu planejamento e o seu caminho de ação.

Tratamos aqui do lugar onde permitimos que o conteúdo trabalhe nos transforme e se atualize a cada aula na relação que estabelecemos com nossos interlocutores, os alunos. O lugar da experiência nesse contexto é o da passagem, que atualiza o que já conhecemos.

Informação sem experiência não cria sentido e tem pouca utilidade em nossas vidas. Quantos de nós tivemos na nossa formação professores que permaneciam escrevendo na lousa? E isso ainda existe. Nós ficávamos copiando. E quantos de nós, na peneira da memória, trazemos esses conteúdos com significação? Certamente, algo que fazia pouco sentido ao professor que nos deu uma aula faz pouco sentido para nós atualmente. Porque não se deu um encontro entre o professor e o aluno, criando um entrave no aprendizado.

Para crescermos em nossa área de atuação, precisamos validar nosso compromisso dentro da escola. Temos que estar preparados e conectados com o mundo à nossa volta, mesmo que o mundo seja o nosso bairro. Mas ele precisa se renovar aos nossos olhos o tempo todo, para que possamos enxergar que ali, num pedaço do mundo, mora um pouco de tudo o que há no mundo. Se temos ambições de descobrir outros lugares, precisamos nos aventurar. Precisamos estar a serviço do que nos propusemos a fazer, mas acima de tudo entregues à vida.

Quando saímos com nossos alunos para espaços culturais, podemos aproveitar todas as oportunidades como situações de ensino. Podemos expandir o lugar do entretenimento para o lugar da experiência, lugar onde nós e nossos alunos podemos aprender.

Marilena Chauí<sup>7</sup> nos dá uma imagem para o papel do professor muito esclarecedora. Ela diz que um professor de natação, um bom professor de natação, é aquele que faz com que seu aluno entre em contato com a água, isto é, faz com que o aluno tenha a experiência da água sem ficar entre ele e a água. Um bom professor não pode ser só teórico. Mesmo para a teoria, para a reflexão, é preciso experimentar para fazer com que o aluno entre em contato com o conteúdo.

Precisamos desafiar os alunos à pesquisa e à investigação. Estimulá-los a indagar-se e a construir hipóteses. Instigá-los a fazer boas perguntas. Assim, construímos a possibilidade para o caminho da experiência significativa. Quando os desafiamos, indagamos, chamamos os alunos para a vida. Mas, para ensinarmos a pesquisar, precisamos ser pesquisadores. O professor pesquisador é aquele que realiza perguntas, é aquele curioso diante de um assunto, que precisa se atualizar porque todo dia o assunto muda. A vida contemporânea nos coloca em suspensão, nos coloca muitas vezes sem resposta, nos coloca procurando.

O professor é poderoso. Muitos de nós lembramos de professores que nos propiciaram experiências especiais, pessoas que vão continuar sendo nossos professores sempre. Professores que fizeram diferença em nossas vidas e com quem aprendemos até mesmo a ser professor. Precisamos ser professores que fazem a diferença.

Ao trabalharmos na sala de aula, devemos cuidar da qualidade das propostas feitas para perceber que experiências elas propiciam. Elas propõem questões que ensinam a pensar? Ou são atividades desconexas, com efeitos sedutores, sem intenções de transformar a trajetória do aluno?

## TEMPO DA EXPERIÊNCIA

Kant nos ensina que nossas experiências estão limitadas pelo tempo e pelo espaço. Ao longo deste texto, já tratamos bastante das questões relativas ao espaço onde a experiência acontece, mas e o tempo da experiência? Que tempo é este?

Quando estamos envolvidos em determinadas vivências, o tempo muda. Não é mais o tempo do relógio e sim um tempo em suspensão que pode parecer imenso ou dar a impressão de que passou num piscar de olhos.

O tempo que a vida contemporânea nos oferece é um tempo entrecortado por muitos tempos: o tempo do trânsito (parado, lento), o tempo do amor (veloz, instantâneo, saboroso), o tempo de um dia cheio de coisas para fazer (insuficiente, frustrantemente curto).

Podemos viver a dilatação do tempo se nos concentrarmos muito em cada oportunidade, saboreando cada momento como algo único.

<sup>7</sup>Marilena Chauí, filósofa brasileira e historiadora da Filosofia, é professora de Filosofia Política e História da Filosofia Moderna na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

A arte, a fantasia, as situações que nos levam para dentro de nós podem catalisar muitos deslocamentos num curto espaço de tempo sem sairmos do lugar.

Precisamos aproveitar o tempo de sentir o gosto do café, dar tempo para ouvir as pessoas, as crianças, os amigos, os idosos, olhar com cuidado as transformações das plantas, e o tempo registrado em nós, no sorriso, em cada ruga, em cada marca. O tempo é implacável, passa, age, mas nós podemos driblá-lo com a nossa incessante vontade de viver e com abertura para as experiências que aparecerem pelo caminho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Tópicos*. Trad. por Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. A. Pickard. São Paulo: Abril Cultural, 1978. [Col. Os Pensadores].
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athenas, 1990.
- COUTINHO, Rejane. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. In: TOZZI, D., COSTA, M. M., HONÓRIO, T. (Orgs.). *Educação com arte*. São Paulo: FDE, 2004. [Série Idéias, 31].
- DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo: Abril, 1974. [Col. Os Pensadores].
- DUARTE JR., J. F. *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas: Papyrus, 1995.
- FARIA, H., GARCIA, P. *Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário*. São Paulo: Instituto Pólis, 2003.
- GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 3-11, abr.-jun. 2000.
- HERNÁNDEZ, F., VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. p. 30.
- LARROSA, Jorge. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação* (ANPEd), Rio de Janeiro, n. 19, jan.-abr. 2002.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e educação depois de Babel*. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LERNER, J. *Acupuntura urbana*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- LUFT, Lya. *Pensar é transgredir*. São Paulo: Record, 2004.
- NÓVOA, A. (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Vida de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.
- PAIN, Sara. *Os aspectos estéticos na aprendizagem escolar*. Palestra: CEVEC, 2000.

PIMENTEL, M. da Glória. *O professor em construção*. Campinas: Papirus, 1993.

TEIXEIRA, Anísio. Ciência e arte de educar. *Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 5-22, ago. 1957.

WERNECK, H., JAFFE, N., LERNER, J. et al. In: *Vivências Culturais para Educadores*. Instituto Tomie Ohtake (Org.), 2004.

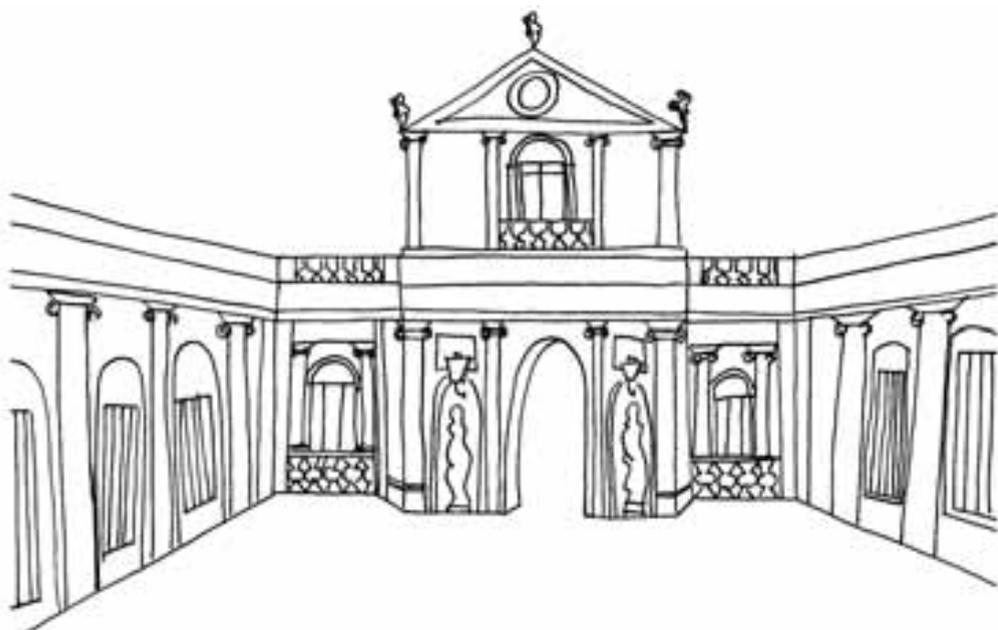
ZABALLA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. São Paulo: Artmed, 1998.

# LUGARES DE APRENDER





## Museu da Casa Brasileira



Instalado no Solar Crespi Prado, construído em estilo neoclássico em 1945, e cercado por um jardim de mais de 6 mil metros quadrados, o Museu da Casa Brasileira é o único especializado em design e arquitetura no Brasil.

Criado em maio de 1970 com a denominação Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro, tinha como objetivos reunir, catalogar e expor móveis e objetos de residências, considerados de valor histórico ou artístico para o País. Com o passar dos anos, ampliou seu campo de atuação, visando tornar-se um centro de referência nas áreas de Arquitetura, Design e correlatos.

Para o público visitante, além da exposição de seu acervo de mobiliário e objetos do século XVII ao XX, o museu realiza exposições temporárias de origem nacional e internacional, promove debates, palestras, lançamentos de livros, workshops e visitas guiadas sobre temas ligados às suas áreas de vocação e, ainda, audições de música. Entre o público especializado, sua iniciativa mais conhecida é o Prêmio Design Museu da Casa Brasileira, realizado anualmente desde 1986.

O atendimento ao público é organizado pelo Setor Educativo, que realiza visitas orientadas para interessados em geral e para escolas, com agendamento prévio e entrada gratuita.

---

### Museu da Casa Brasileira

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2.705 – Jardim Paulistano

☎ (11) 3032-2564 / 3032-3727

🌐 [www.mcb.sp.gov.br](http://www.mcb.sp.gov.br)

## Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE



Foto: Divulgação

O Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, criado em 1989, conta atualmente com cerca de 120 mil peças que representam coleções arqueológicas e etnográficas indígenas brasileiras e de outros países americanos, coleções etnográficas afro-brasileiras e africanas, e coleções arqueológicas da região do Mediterrâneo e do Oriente Médio.

Caracterizado como museu universitário, o MAE está estruturado para o desenvolvimento de atividades de pesquisa, docência, preservação e comunicação nas áreas de Arqueologia e Etnografia.

A exposição permanente *Formas da Humanidade* exhibe objetos entre máscaras, armas, pinturas, instrumentos musicais e de trabalho, abrangendo a cultura material desses povos, da Pré-História até os dias atuais.

Além de programação diferenciada para visitas de alunos e professores da Educação Infantil ao Ensino Médio, possui recursos para atendimento a pessoas com deficiência visual.

---

### Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE

Av. Professor Almeida Prado, 1.466 – Cidade Universitária

☎ (11) 3091-4905

🌐 [www.mae.usp.br](http://www.mae.usp.br)

## Museu Lasar Segall – MLS

Criado em 1967, está instalado na antiga residência e ateliê do artista Lasar Segall. Concebido com o principal objetivo de conservar, pesquisar e divulgar a obra do artista, o museu possui um acervo de cerca de 3 mil trabalhos.

Desde 1985, a Área de Ação Educativa desenvolve programas para escolas e famílias, como o *Museu-Escola* e o *Arte em Família*, com o objetivo de capacitar os visitantes a ver, analisar e interpretar obras de arte em múltiplos contextos.

O museu também oferece cursos nas áreas de Gravura, Fotografia e Criação Literária, eventos culturais, além de abrigar uma biblioteca especializada em cinema e fotografia. Há, ainda, aberto ao público, o Cine Segall, com programação semanal de filmes.



Museu Lasar Segall – MLS

Rua Berta, 111 – Vila Mariana

☎ (11) 5574-7322 / 5572-3586

🌐 [www.museusegall.org.br](http://www.museusegall.org.br)

## Museu de Arte Contemporânea – MAC

O Museu de Arte Contemporânea da USP é um dos mais importantes museus de arte moderna e contemporânea da América Latina. Seu acervo possui cerca de 8 mil obras – entre pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, objetos e trabalhos conceituais – de renomados artistas brasileiros e estrangeiros dos séculos XX e XXI. Do seu acervo, mais da metade se compõe de obras realizadas sobre papel, disponíveis para apreciação no Gabinete do Papel, no qual é possível encontrar ainda desenhos e estudos de diversos artistas.

O MAC realiza também uma série de exposições temporárias, tornando-se, assim, um espaço para o surgimento e discussão de novos caminhos da arte contemporânea.

Possui um setor educativo que, além de elaborar material de apoio ao ensino de Arte, oferece visitas orientadas gratuitamente e desenvolve projetos educacionais dirigidos a alunos da Pré-Escola ao Ensino Superior, incluindo educação especial. Também desenvolve o programa de inclusão socioeducativa e cultural denominado *Viva Arte!*, um conjunto de atividades com visitas orientadas às exposições, oficinas e sessões de audiovisuais.



Foto: Divulgação

### Museu de Arte Contemporânea – MAC

Rua da Reitoria, 160 – Cidade Universitária

☎ (11) 3091-3039

🌐 [www.macvirtual.usp.br](http://www.macvirtual.usp.br)

### Pavilhão Ciccillo Matarazzo, 3º piso – Parque do Ibirapuera

☎ (11) 5573-9932

🌐 [www.macvirtual.usp.br](http://www.macvirtual.usp.br)

## Instituto Butantan

Instituição de renome mundial em pesquisa de biotecnologia e produção de soros e vacinas, assim como por prestar atendimento médico a vítimas de animais venenosos. O Butantan também é bastante conhecido por seus serpentários e viveiros com escorpiões, aranhas e cobras, como as najas da África e da Índia.

Foi criado oficialmente em 1901, com o nome de Instituto Serumtherápico, por iniciativa do médico pesquisador Vital Brazil para combater um surto epidêmico de peste bubônica identificada em Santos em 1898.

No bonito parque com áreas verdes, estão abrigados três museus: o Biológico, o Histórico e o de Microbiologia. Há também o Serpentário, uma área murada ao ar livre na qual estão expostas serpentes peçonhentas e não-peçonhentas, e uma área reservada para macacos – Macacário.

Nos museus, o visitante pode realizar pesquisas e observar insetos e répteis de diversos tipos e ainda ter acesso a peças e materiais biológicos, fotos e documentos. Sua coleção de insetos e répteis tem cerca de 54 mil espécies catalogadas – uma das maiores do mundo.

O serviço de monitoria pode ser interno, com monitores dentro dos museus para tirar dúvidas, ou externo, com monitores que recebem, organizam e orientam os visitantes.

O Museu Biológico oferece sob empréstimo, no programa *O Museu Vai à Escola*, kits biológicos com animais conservados para as escolas e feiras de ciências.

Para alunos de Ensino Médio, são oferecidos, no Museu de Microbiologia, cursos práticos gratuitos.




---

### Instituto Butantan

Av. Vital Brasil, 1.500 – Butantã

☎ (11) 3726-7222

🌐 [www.butantan.gov.br](http://www.butantan.gov.br)

## Memorial da América Latina

Inaugurado em março de 1989, foi criado com o objetivo de ser um local destinado à reflexão sobre as relações políticas, históricas e culturais entre os países latino-americanos. O espaço compreende um conjunto de prédios projetado por Oscar Niemeyer, também autor da escultura *A Mão*, símbolo do Memorial, feita de concreto, com 7 metros de altura, que, pela cor vermelha, sugere o escorrer de um fio de sangue que forma o desenho do mapa da América Latina.

No Pavilhão da Criatividade, está exposto um acervo com cerca de 2 mil peças de arte popular latino-americana, constituído a partir de abrangente e cuidadosa pesquisa etnográfica. Outros espaços que podem ser visitados são a Galeria Marta Taba, que recebe exposições periódicas, o Salão de Atos, a Biblioteca Víctor Civita, com mais de 30 mil títulos, e o Auditório Simón Bolívar.

Algumas obras de arte podem ser vistas nos espaços do Memorial: além da mão de concreto, o painel *Tiradentes*, de Portinari; os painéis em concreto de Poty e Caribé, que representam aspectos históricos e culturais do Brasil; e uma tapeçaria de Tomie Ohtake.

O Memorial busca manter a integração das nações componentes da América Latina por meio de seu acervo, da realização de eventos, como shows com a participação de grupos e artistas latino-americanos, e de encontros, palestras e exposições temporárias. Além dessa programação regular, há uma série de serviços oferecidos à população, dentre eles:

- Biblioteca especializada com informações aprofundadas da realidade latino-americana.
- Visita monitorada com o objetivo de difundir o conhecimento da história dos povos latino-americanos, especialmente por meio da visitação escolar.



Foto: Divulgação

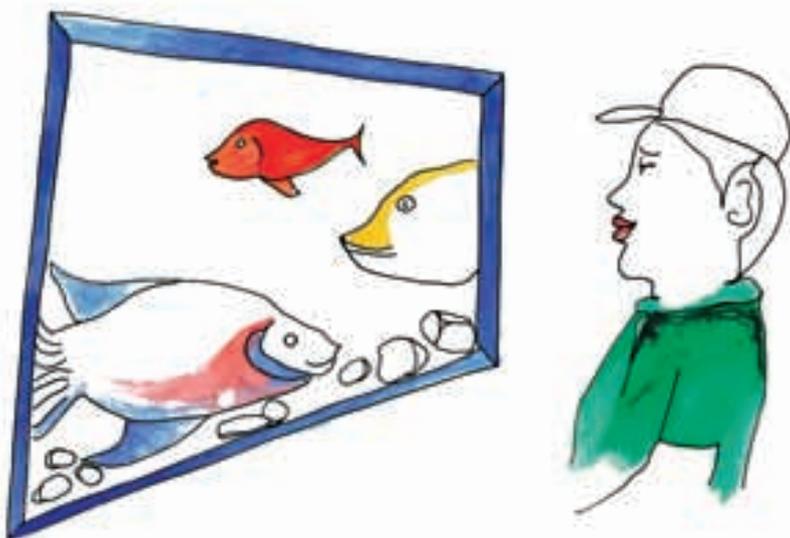
### Memorial da América Latina

Rua Auro Soares de Moura Andrade, 664 – Barra Funda

☎ (11) 3823-4600

🌐 [www.memorial.sp.gov.br](http://www.memorial.sp.gov.br)

## Aquário do Parque da Água Branca



Construído na década de 1930 em estilo normando, o aquário surpreende pela funcionalidade, beleza e arrojo da arquitetura da época. O mais antigo aquário de visitação pública do Estado de São Paulo e o segundo mais antigo do Brasil está localizado no Parque da Água Branca e é mantido pelo Instituto de Pesca, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado.

Nele estão expostas as espécies mais significativas das bacias hidrográficas do Estado e de outras regiões do País. O projeto dá subsídios para que o visitante conheça a biologia e a importância comercial de cada peixe.

O espaço foi concebido para um funcionamento integrado, com miniauditório, área lúdica e exposição de espécies.

---

### Aquário do Parque da Água Branca

Av. Francisco Matarazzo, 455 – Água Branca

☎ (11) 3871-7530

🌐 [www.pesca.sp.gov.br](http://www.pesca.sp.gov.br)

🌐 [www.parqueaguabranca.sp.gov.br](http://www.parqueaguabranca.sp.gov.br)

## Museu de Arte Sacra de São Paulo

Originalmente um convento de freiras, o Mosteiro da Luz, fundado por Frei Galvão por volta de 1774, é considerado um dos mais importantes monumentos coloniais paulistas do século XVIII. Hoje é o único prédio em São Paulo em estilo colonial que ainda mantém sua arquitetura original.

O acervo do Museu de Arte Sacra é composto por mais de 4 mil peças, entre imaginária sacra, retábulos, oratórios, objetos litúrgicos e livros raros, abrangendo o período do século XVI até nossos dias.

Possui ainda, em seu acervo, o Museu dos Presépios, com cerca de 190 singulares conjuntos presepistas, oriundos de diferentes países e regiões do Brasil e produzidos em técnicas diversificadas, assim como a Coleção de Numismática, composta por 9 mil peças, que abrange moedas do período colonial e medalhas pontifícias.

O setor educativo do museu oferece serviços de monitoria para alunos e professores.



Foto: Divulgação

---

### Museu de Arte Sacra de São Paulo

Av. Tiradentes, 676 – Luz

☎ (11) 3326-1373 / 3326-5393 / 3326-3336

🌐 <http://artesacla.sarasa.com.br>

## Viveiro Manequinho Lopes



O viveiro foi criado na década de 1920 pela Prefeitura, que queria construir um parque nos moldes dos que havia na Europa naquela época. O jornalista Manoel Lopes de Oliveira decidiu então plantar eucaliptos para drenar o solo, medida que possibilitou o plantio de diversas espécies nativas de árvores e flores ornamentais e exóticas.

Após o falecimento de Manequinho, em 1938, o local foi nomeado em homenagem a seu fundador. Nas décadas de 1940 e 1950, o fornecimento de hortaliças e plantas ornamentais e frutíferas para a cidade já se destacava.

Em 1951, a comissão responsável pela comemoração do IV Centenário de São Paulo [1954] decidiu construir um parque em torno do viveiro e foi a partir dele que nasceu o Parque do Ibirapuera.

Com uma área de 48 mil metros quadrados e uma produção de 800 mil mudas anuais, é de lá que sai a maioria das espécies plantadas nas ruas e parques da cidade.

Para conhecer as 32 quadras para plantio, as 10 estufas e outras estruturas, são organizadas visitas fonoguiadas e monitoradas ao local, as quais devem ser agendadas com antecedência.

---

### Viveiro Manequinho Lopes

Parque do Ibirapuera – Portão 7A – Ibirapuera

☎ (11) 3887-6761 / 3887-7723

## Paço das Artes



Foto: Divulgação

Criado em 1970, como instituição sem fins lucrativos, ligada à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, o Paço das Artes tem a finalidade de promover a arte contemporânea nacional e internacional. Situado na Cidade Universitária, no campus da USP, o Paço das Artes ocupa uma área de 4 mil metros quadrados em dois pisos, sendo 2 mil metros quadrados de espaço expositivo.

Trata-se de um espaço dinâmico, cuja programação procura criar, no panorama das instituições e galerias do Brasil, uma grande frente para a arte e para a tecnologia. Mostras, apresentações de diversas obras híbridas e multimídias, setor educativo, promoção de encontros e debates compõem o perfil multidisciplinar do Paço das Artes, cuja missão é mostrar e pensar a arte contemporânea.

---

### Paço das Artes

Av. da Universidade, 1 – Portão 1 – Cidade Universitária

☎ (11) 3814-4832

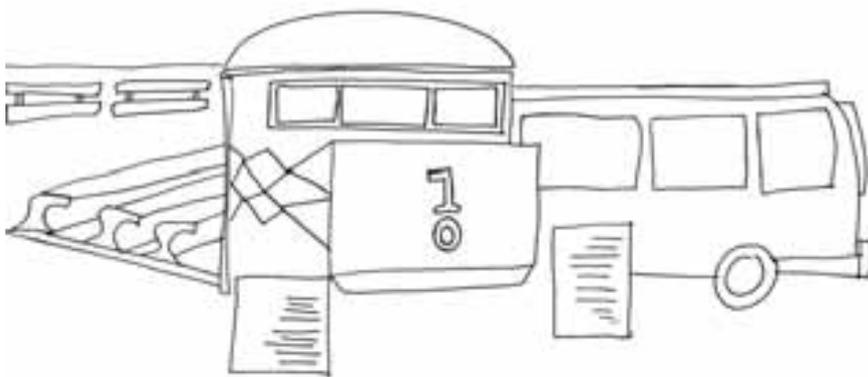
🌐 [www.pacodasartes.org.br](http://www.pacodasartes.org.br)

## Museu dos Transportes Públicos Gaetano Ferolla

A romântica imagem da Cidade de São Paulo do século XIX, com seus bondes abertos puxados por animais, continua preservada no Museu dos Transportes Públicos Gaetano Ferolla.

O local guarda relíquias como bondes e trólebus e situa-se próximo à Estação Armênia do Metrô. No jardim que recebe os visitantes, bancos e luminárias retratam a década de 1920 e nele está instalado um bonde de areia, cuja função era espalhar areia nos trilhos para evitar a derrapagem dos veículos que carregavam passageiros.

Fundado por iniciativa de um ex-funcionário da Companhia Municipal de Transportes Coletivos, Sr. Gaetano Ferolla, e enriquecido por doações de colecionadores e instituições, o museu foi inaugurado em 1985 e atualmente é mantido pela SPTrans, empresa gerenciadora do transporte coletivo por ônibus na capital paulista.



---

Museu dos Transportes Públicos Gaetano Ferolla

Av. Cruzeiro do Sul, 780 – Ponte Pequena

☎ (11) 3315-8884 / 3227-5860

🌐 [www.sptrans.com.br](http://www.sptrans.com.br)

## Memorial do Imigrante



Foto: Divulgação

Inaugurado em 1998, ocupa parte do edifício centenário da antiga Hospedaria de Imigrantes, onde eram recebidos os estrangeiros que chegavam ao Brasil pelo Porto de Santos. Tem o objetivo de reunir, preservar, expor e estudar a documentação, a memória e os objetos de imigrantes aportados no Brasil desde meados do século XIX até os dias de hoje. Exibe móveis, documentos e fotografias. Uma parte do acervo [de 1882 a 1907] está informatizada e em poucos segundos os visitantes podem consultar as origens de suas famílias.

O Memorial do Imigrante é composto pelo Museu da Imigração, por um Centro de Pesquisa e Documentação, além do Núcleo Histórico dos Transportes e do Núcleo de Estudos e Tradições. Os visitantes podem viajar no tempo e reviver o início do século XX nos passeios de bonde e maria-fumaça. No mês de junho, realiza-se a grande Festa do Imigrante.

O memorial possui também jardins, pátio interno, auditório com 100 lugares, uma “minifazenda de café”, Caffé Bistrô do Imigrante, cinevídeo aos sábados, com filmes que abordam as migrações, e várias salas de exposição.

Para grupos de até 45 pessoas, adultos ou crianças, o Memorial do Imigrante dispõe de um serviço de monitoria em todas as dependências do edifício, que explica cada uma das etapas do processo migratório no Estado de São Paulo.

Além do público em geral, atende estudantes dos ensinos Fundamental, Médio e Superior, acadêmicos, pesquisadores, editoras de livros didáticos, produtoras e emissoras de televisão do Brasil e do exterior.

---

### Memorial do Imigrante

Rua Visconde de Parnaíba, 1.316 – Mooca

☎ (11) 6692-7804 / 6692-1866

🌐 [www.memorialdoimigrante.sp.gov.br](http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br)

## Museu Geológico Valdemar Lefèvre – MUGEO

O Museu Geológico Valdemar Lefèvre, nome em homenagem ao engenheiro e ex-diretor do Instituto Geográfico e Geológico, é conhecido hoje como MUGEO e está situado no Parque da Água Branca.

Criado em 1967, suas exposições permanentes constituem-se, basicamente, de equipamentos geológicos, fotografias antigas, mapas, coleções de minerais, rochas, fósseis, objetos e documentos antigos, representando o reflexo de mais de um século de pesquisas na área de Geociências no Estado de São Paulo.

No MUGEO, o público conhece os temas ligados às geociências, aprecia a beleza do mundo mineral e adquire, ainda, noções de evolução sobre as formas de vida que existiram nos diversos períodos geológicos do planeta.

Além das exposições permanentes, o museu oferece a escolas e instituições educativas oficinas monitoradas de sensibilização, desenvolvidas com base em coleções didáticas de rochas, minerais e fósseis, e na exposição de temas ligados às geociências e à questão ambiental.



---

### Museu Geológico Valdemar Lefèvre – MUGEO

Av. Francisco Matarazzo, 455 – Água Branca

☎ (11) 3673-6797 / 3872-6358

🌐 [www.mugeo.sp.gov.br](http://www.mugeo.sp.gov.br)

## Museu Paulista

O Museu Paulista, também conhecido como Museu do Ipiranga, foi inaugurado em 1890, com o objetivo de preservar a história do Brasil. Projetado pelo arquiteto e engenheiro italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi, tem inspiração em palácios renascentistas. Seu jardim, posteriormente construído, foi projetado pelo paisagista belga Arsenius Puttemans e segue o modelo barroco francês, imitando o Jardim de Versalhes. Ampliado mais tarde, hoje o jardim conta com piscinas e chafarizes, ocupando 1,5 mil metros quadrados.

Seu acervo é formado por esculturas, quadros, móveis, peças religiosas, armas, fotografias e documentos, que ilustram a história da sociedade brasileira, especialmente a paulistana, do século XVII até meados do século XX.

Reunindo mais de 125 mil objetos, o acervo está exposto em três principais alas, de acordo com as linhas de pesquisa que o museu desenvolve: História do Imaginário, Universo do Trabalho e Aspectos de Cotidiano e Sociedade.

O Museu Paulista também promove cursos, seminários e outros eventos, faz atendimento e distribuição de suas publicações a pesquisadores, professores, estudantes e público em geral, além de prestar assessoria e consultoria.



Foto: José Rosael

---

### Museu Paulista

Parque da Independência, s/n – Ipiranga

☎ (11) 6165-8000

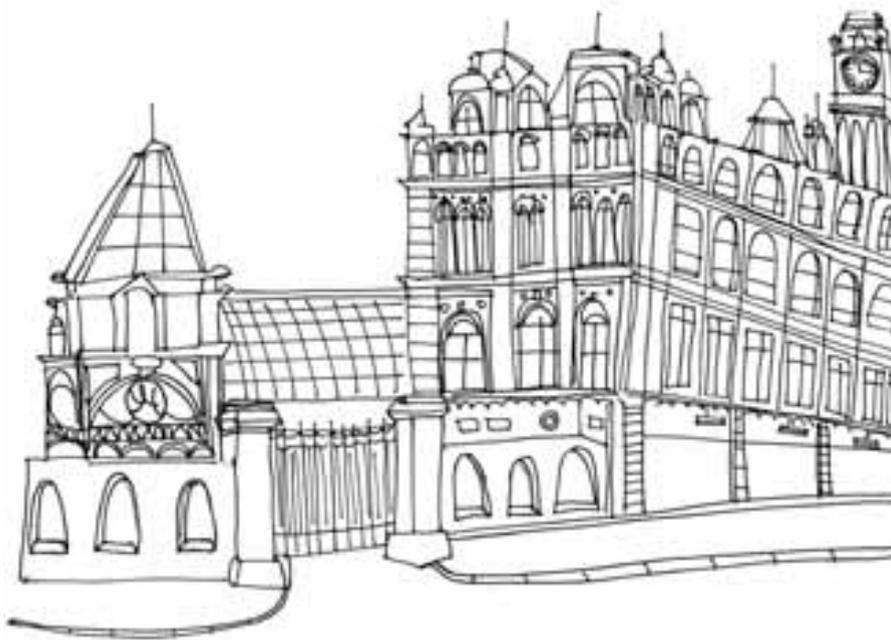
🌐 [www.mp.usp.br](http://www.mp.usp.br)

## Museu da Língua Portuguesa

Instalado acima da plataforma de trens da Estação da Luz, no centro de São Paulo, o museu ocupa quatro andares daquele prédio histórico, completamente restaurados e adaptados para serem o ponto de encontro dos visitantes com a língua, a literatura e a história.

O museu conta com um vasto conteúdo acerca da história da língua portuguesa, dos idiomas que ajudaram a formá-la, das formas que a linguagem assume no cotidiano e da criação da língua na literatura brasileira, entre outros temas.

Com o objetivo de manter um espaço vivo sobre a língua portuguesa, considerada base da cultura do Brasil, mostra aspectos inusitados e, muitas vezes, desconhecidos de nossa língua materna e realiza diferentes mostras e exposições em diversas mídias, privilegiando a interatividade ao visitante.



---

### Museu da Língua Portuguesa

Praça da Luz, s/n – Centro

☎ (11) 3326-0775

🌐 [www.museudalinguaportuguesa.org.br](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br)

## Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB



Foto: Marcia Alves

Projetado por Hippolyto Gustavo Pujol e construído na primeira década do século passado, o edifício que hoje abriga o CCBB foi adquirido em 1923 para ser uma agência do Banco do Brasil. É considerado um importante exemplar da arquitetura eclética paulista, que inclui do neoclássico ao *art nouveau*, marco da consolidação da economia cafeeira em São Paulo.

O CCBB foi aberto ao público em 2001 para visitação e participação em projetos de arte. Seus cinco andares, em mais de 4 mil metros quadrados, abrigam várias atividades, como exposições de artes plásticas, fotografia e apresentações de teatro, música e palestras. Conta com salas de exposição, cinema, teatro, auditório, cyber café e livraria, além de promover exposições no interior dos antigos cofres do banco, no subsolo.

O CCBB oferece ainda o *Programa Educativo*, com visitas orientadas e oficinas sobre as obras em exposição, e o *Conhecendo o CCBB*, que apresenta e informa sobre sua arquitetura.

---

### Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB

Rua Álvares Penteado, 112 – Centro

☎ (11) 3113-3651 / 3113-3652 / 3113-3649

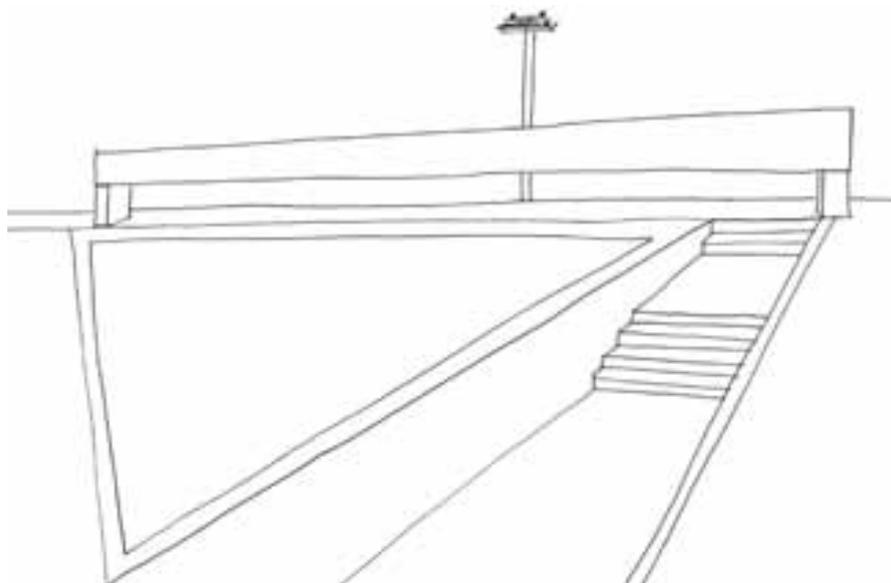
🌐 [www.bb.com.br](http://www.bb.com.br)

## Museu Brasileiro da Escultura – MUBE

O MUBE surgiu a partir da iniciativa conjunta da Sociedade dos Amigos dos Jardins Europa e Paulistano – Sajep – e da Sociedade de Amigos dos Museus – SAM Nacional –, quando iniciaram um movimento social, há 20 anos, para impedir a construção de um shopping center em zona residencial.

É de Paulo Mendes da Rocha, um dos mais expressivos arquitetos da contemporaneidade, o projeto do prédio que abriga o museu e seu jardim, projetado pelo paisagista Burle Marx, com diversas esculturas ao ar livre.

O MUBE oferece exposições temporárias e cursos sobre variadas temáticas e técnicas artísticas.



---

### Museu Brasileiro da Escultura – MUBE

Av. Europa, 218 – Jardim Europa

☎ (11) 3081-8611

🌐 [www.mube.art.br](http://www.mube.art.br)

## Museu de Arte Moderna – MAM



Foto: Divulgação

Criado em 1948 pelo industrial Francisco “Ciccillo” Matarazzo Sobrinho e sediado no prédio dos *Diários Associados*, na Rua 7 de Abril, foi uma das instituições pioneiras dedicadas à arte moderna no Brasil. Logo no ano seguinte ao de sua criação, aconteceu a primeira exposição *Do Figurativismo ao Abstracionismo*, com obras de artistas como Joan Miró, Di Cavalcanti e Anita Malfatti.

Em 1958, a sede do MAM mudou-se para o Parque do Ibirapuera, numa área privilegiada onde se integra a estrutura paisagística e arquitetônica projetada por Oscar Niemeyer. Assim, o museu é instalado num prédio desenhado por Lina Bo Bardi, que foi construído sob a marquise do parque.

Em 1993, é inaugurado o Jardim de Esculturas, com 25 peças expostas em área externa de 6 mil metros quadrados.

Atualmente, além de um acervo de aproximadamente 4 mil obras de arte contemporânea brasileira, o museu recebe exposições nacionais e internacionais. Vale ressaltar que, apesar de ser um museu de arte moderna, seu acervo constitui-se de um número expressivo de obras de arte contemporânea.

Dispõe de um setor educativo para recepção do público em geral e para atendimento especializado a escolas. São também oferecidos cursos de Desenho, Pintura, História da Arte, Escultura, Cenografia e Fotografia e organizados grupos de estudo para professores.

---

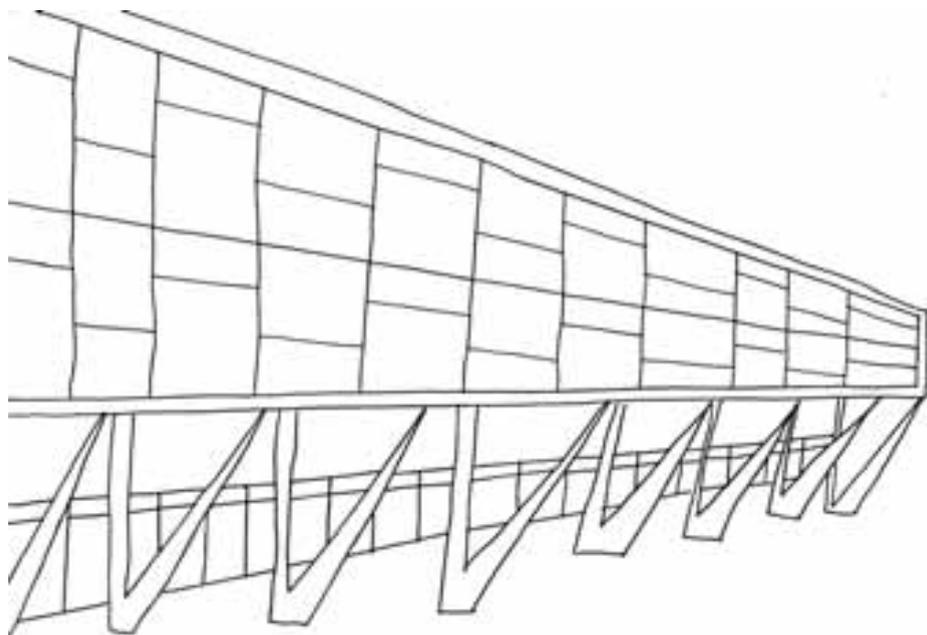
### Museu de Arte Moderna – MAM

Parque do Ibirapuera – Portão 3 – Ibirapuera

☎ (11) 5085-1300

🌐 [www.mam.org.br](http://www.mam.org.br)

## Museu Afro Brasil



Inaugurado em 2004, o museu instalado no Pavilhão Manoel da Nóbrega, prédio que integra um conjunto arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer localizado no Parque do Ibirapuera, disponibiliza aos visitantes, em seus 11 mil metros quadrados, um acervo de artes visuais, a Biblioteca Carolina Maria de Jesus e o Anfiteatro Ruth de Souza.

Ao recuperar a memória da população negro-africana, o museu se integra ao patrimônio da cidade, trazendo consigo a missão educativa de fazer reconhecer, entender e, sobretudo, respeitar essa população, na tentativa de reescrever a nossa memória e a nossa história.

Seu acervo reúne mais de 3 mil peças, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, livros, vídeos e documentos, de artistas e autores brasileiros e estrangeiros, relacionados com a temática do negro.

Possui ainda um Núcleo de Educação que realiza visitas orientadas, cursos, oficinas, seminários, eventos e publicações, que têm como eixo a tarefa de desconstruir um imaginário da população negra, construído ao longo da nossa história pela ótica da inferioridade, e transformá-lo em um imaginário fundado no prestígio e no pertencimento.

---

### Museu Afro Brasil

Parque do Ibirapuera – Portão 10 – Ibirapuera

☎ (11) 5579-8542 / 5579-7716 / 5579-6099

🌐 [www.museuafrobrasil.com.br](http://www.museuafrobrasil.com.br)

## Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Sua origem remonta ao ano de 1890, quando o conselheiro Francisco Mayrink doou ao governo do Estado uma coleção de História Natural. O museu continuou a receber outras doações, resultantes da agregação do acervo de outros órgãos públicos, também da área de Zoologia, e em 1969 passou a fazer parte da Universidade de São Paulo, quando recebeu seu nome atual.

O Museu de Zoologia realiza estudos sobre animais, especialmente sobre a fauna da região Neotropical, que abrange a América do Sul e a América Central.

As pesquisas são baseadas em coleções de animais, hoje com cerca de 8 milhões de exemplares conservados em meio líquido ou seco.

Mantém uma biblioteca especializada, publicações, exposições públicas e atendimento educativo, além de oferecer disciplinas para graduação, pós-graduação, cursos de extensão e estágios de aperfeiçoamento e de iniciação científica.

O museu também é responsável pela Estação Biológica de Boracéia, uma reserva de Mata Atlântica em Salesópolis (SP).



Foto: Divulgação

---

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Av. Nazaré, 481 – Ipiranga

☎ (11) 6165-8100

🌐 [www.mz.usp.br](http://www.mz.usp.br)

## Jardim Botânico de São Paulo



Uma vasta região de mata nativa, ocupada no final do século XIX por sítiantes e chacareiros, na zona Sul da cidade, posteriormente desapropriada visando à recuperação da floresta, à utilização dos recursos hídricos e à preservação das nascentes do riacho do Ipiranga, deu lugar ao Jardim Botânico de São Paulo, oficializado pelo governo do Estado em 1938.

O local oferece visitas monitoradas que percorrem importantes áreas, como a Trilha da Nascente do Riacho do Ipiranga, o Museu Botânico “Dr. João Barbosa Rodrigues”, estufas de plantas variadas, bosques, o Lago das Ninféias e o Jardim dos Sentidos, composto por uma coleção de plantas aromáticas, com folhas de diversas texturas, flores coloridas e fonte de água que estimulam os sentidos dos visitantes.

O Jardim Botânico conta ainda com os projetos desenvolvidos junto a escolas do entorno do parque, sobre a importância da conservação da biodiversidade e dos recursos hídricos.

---

### Jardim Botânico de São Paulo

Av. Miguel Stéfano, 3.031 – Água Funda

☎ (11) 5073-6300

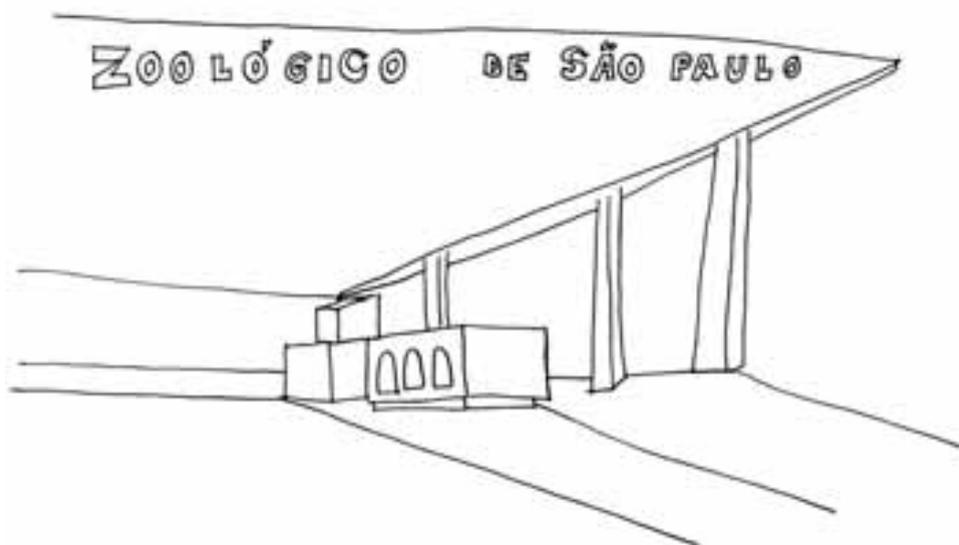
🌐 [www.ibot.sp.gov.br](http://www.ibot.sp.gov.br)

## Zoológico de São Paulo

Localizado em uma área de 824.529 metros quadrados de Mata Atlântica original, o parque aloja as nascentes do histórico riacho do Ipiranga, cujas águas formam um lago que acolhe exemplares de aves de várias espécies, além das migratórias. Assim como o lago, a mata abriga animais nativos de vida livre, formando maravilhosa fauna paralela.

Por meio da exibição de mais de 3.200 animais que representam várias espécies de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e invertebrados, alojados em recintos amplos e semelhantes a seu hábitat natural, o Zoológico de São Paulo promove a conscientização do público sobre a variedade e diversidade das formas de vida sobre a Terra.

Com a missão de disseminar conhecimentos na área de Zoologia, realiza cursos, palestras, simpósios e encontros científicos em seu auditório e mantém uma biblioteca, que presta atendimento bibliográfico especializado a estudantes, técnicos e público em geral. Oferece, ainda, visitas monitoradas e roteiros para visitação, durante os quais os monitores abordam, além de questões sobre a fauna, assuntos relacionados   preserva o do meio ambiente, como a coleta seletiva de lixo e a utiliza o responsável dos recursos naturais.



---

### Zoológico de São Paulo

Av. Miguel Stéfano, 4.241 –  gua Funda

☎ (11) 5073-0811 / 5058-0564

🌐 [www.zoologico.sp.gov.br](http://www.zoologico.sp.gov.br)

## Instituto Tomie Ohtake

O Instituto Tomie Ohtake tem como proposta apresentar as novas tendências da arte nacional e internacional, além daquelas que são referência nos últimos 50 anos, coincidindo com o período de trabalho da artista plástica que dá nome ao espaço e abrigando algumas de suas obras.

Com uma arrojada arquitetura de formas marcantes que compõem espaços e volumes escultóricos, o empreendimento Ohtake Cultural – dois prédios de escritórios, centro de convenções e o Instituto Tomie Ohtake – já se tornou referência na paisagem da Cidade de São Paulo, rendendo ao autor do projeto, o arquiteto Ruy Ohtake, um prêmio na 9ª Bienal de Arquitetura de Buenos Aires, em 2001.

Conta com 7.500 metros quadrados para exposições de artes plásticas, arquitetura e design, salas específicas para ateliês, seminários e documentação, restaurante, livreria e loja. Possui um Setor Educativo que oferece cursos e atividades educativas voltados a escolas e comunidade em geral.



Foto: Divulgação

---

### Instituto Tomie Ohtake

Rua Coropés, 88 – Pinheiros

☎ (11) 6844-1900 / 2245-1916

🌐 [www.institutotomieohtake.org.br](http://www.institutotomieohtake.org.br)

## Pinacoteca do Estado

O prédio no Parque da Luz, projetado por Ramos de Azevedo em 1895 para abrigar o Liceu de Artes e Ofícios, é sede da Pinacoteca do Estado desde 1905, ano em que foi fundada, sendo o primeiro museu de arte da cidade.

Na década de 1930, o edifício foi requisitado pelo governo e o acervo da Pinacoteca foi distribuído por diversos órgãos públicos. Em 1947, o acervo, já reunido, voltou ao prédio da Praça da Luz. Até a década de 1970, a Pinacoteca voltou-se à sua complementação numa linha clássica. No final da década de 1990, o edifício foi totalmente restaurado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, transformando-se em um destacado espaço de exposições internacionais.

Seu acervo original contava com obras de Pedro Alexandrino, José Ferraz de Almeida Jr. e Benedito Calixto. Atualmente, o museu possui cerca de 7 mil obras de arte brasileira, do século XIX até a produção contemporânea. Cerca de 800 dessas obras são apresentadas em uma exposição de longa duração no segundo andar do edifício, com trabalhos de autoria dos mais representativos artistas brasileiros, como Tarsila do Amaral, Portinari, Segall, Brecheret, Volpi, Pancetti e Tomie Ohtake.

Realiza visitas monitoradas mediante agendamento.

Foto: Laércio Marmo




---

### Pinacoteca do Estado

Praça da Luz, 2 – Jardim da Luz

☎ (11) 3324-1000

🌐 [www.pinacoteca.org.br](http://www.pinacoteca.org.br)

## Estação Pinacoteca e Memorial da Resistência

A Estação Pinacoteca, um anexo da Pinacoteca do Estado, está localizada ao lado da Estação Júlio Prestes (Sala São Paulo), próximo do Parque e Estação da Luz, constituindo-se em elemento articulador de um importante corredor cultural no local.

Ocupa o prédio projetado por Ramos de Azevedo, concluído em 1914, que pertenceu à administração da Estrada de Ferro Sorocabana, e que foi ocupado, de 1940 a 1983, pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo – DEOPS/SP, órgão símbolo da repressão institucionalizada no Brasil. O Memorial da Resistência, instalado no andar térreo, nas antigas celas do DEOPS/SP, desenvolve um trabalho de valorização da memória das lutas políticas daquele período.

A Estação Pinacoteca oferece exposições temporárias, além do Gabinete de Gravura Guita e José Mindlin, assim denominado em homenagem ao casal paulista que foi grande incentivador da gravura no Brasil. Abriga a Biblioteca Walter Wey, especializada em artes visuais brasileiras, o Centro de Documentação e Memória da Pinacoteca do Estado e o Auditório Vitae, onde são desenvolvidos cursos e palestras sobre história da arte. No segundo andar do edifício, são apresentadas as obras da Fundação José e Paulina Nemirovsky, uma das mais destacadas coleções de arte moderna brasileira.

Realiza visitas monitoradas mediante agendamento.



### Estação Pinacoteca e Memorial da Resistência

Largo General Osório, 66 – Luz

☎ (11) 3337-0185

🌐 [www.museus.sp.gov.br](http://www.museus.sp.gov.br)

## Centro Universitário Mariantonia – CEUMA

O conjunto de edifícios do nº 294 da Rua Maria Antônia abrigou a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP de 1949 a 1968. Considerado um monumento de resistência ao regime militar dos anos 1960, desde 1993 é sede do Centro Universitário Mariantonia, que funciona como um importante centro de referência sobre a cultura e a arte contemporânea.

Criado com o intuito de estabelecer um intercâmbio de atividades de pesquisa e didática do universo acadêmico, especialmente voltado a atender às expectativas culturais de toda a comunidade, realiza atividades diversificadas, estimulando uma formação cultural abrangente.

Possui espaços para exposições temporárias, auditório, salas de aula e oficinas, sendo previsto, ainda, para esse Centro, um novo espaço: o Instituto de Arte Contemporânea – IAC –, uma iniciativa da marchand Raquel Arnaud em parceria com o CEUMA.

Foto: Divulgação



---

### Centro Universitário Mariantonia – CEUMA

Rua Maria Antônia, 294 – Vila Buarque

☎ (11) 3255-7182 / 3255-3140

🌐 [www.usp.br/mariantonia](http://www.usp.br/mariantonia)

## Parque de Ciência e Tecnologia – CIENTEC



Programas educacionais orientados e um ambiente privilegiado, circundado por Mata Atlântica, permitem ao Parque de Ciência e Tecnologia oferecer a seus visitantes uma alternativa moderna para o aprendizado da ciência, da tecnologia e da cultura humanística em geral.

Por meio de seus diferentes passeios, demonstrações e experiências, a ciência e a tecnologia ficam muito mais próximas dos visitantes, que aprendem enquanto se divertem e se divertem enquanto aprendem.

Possui em sua programação a Alameda do Sistema Solar, a Exposição de Matemática, a Minibacia Hidrográfica com Vertedouros, o Espaço Geofísico, a Estação Meteorológica, o Espaço Astronomia e o Laboratório de Óptica.

---

### Parque de Ciência e Tecnologia – CIENTEC

Av. Miguel Stéfano, 4.200 – Água Funda

☎ (11) 5077-6312 / 5073-0270

🌐 [www.parquecientec.usp.br/](http://www.parquecientec.usp.br/)

## Palácio dos Bandeirantes



Foto: Divulgação

O Palácio do Governo, localizado na Avenida Morumbi, oferece ao visitante a oportunidade de conhecer parte da história do Brasil por meio do retrato de seus governantes na Galeria dos Governadores.

Dos espaços que compõem o palácio, destacam-se ainda a sala de arte barroca e uma coleção de obras de arte, com peças de artistas plásticos brasileiros como Portinari, Aldo Bonadei, Djanira, Almeida Júnior, Victor Brecheret, Ernesto de Fiori e Aleijadinho, entre outros.

O palácio expõe, também, um mobiliário colonial, artefatos de couro e prata e tapeçaria europeia, esculturas, louçarias e pratarias.

Em estilo eclético, o edifício apresenta em sua fachada painéis alusivos à história de São Paulo. Oferece visitas monitoradas para grupos, escolas e público espontâneo.

---

### Palácio dos Bandeirantes

Av. Morumbi, 4.500 – Portão 2 – Morumbi

☎ (11) 2193-8282

🌐 [www.acervo.sp.gov.br](http://www.acervo.sp.gov.br)

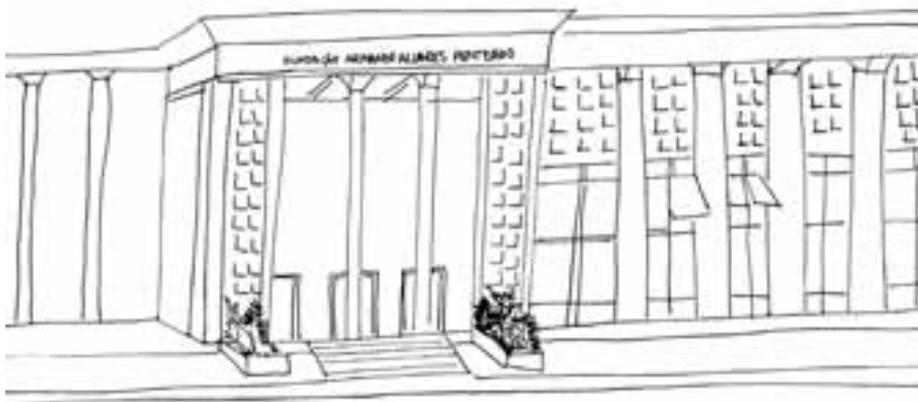
## Museu de Arte Brasileira – MAB

Desde o surgimento da Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP –, a arte faz parte de seu cotidiano. Além de cursos e eventos, é uma constante a presença de obras de arte em toda a FAAP: estão nos jardins, corredores, salas administrativas, na sede da mantenedora; e, na clarabóia do *hall* do prédio, instalada entre 1959 e 1960, encontram-se um gigantesco painel-vitral e uma composição de vitrais.

O MAB conta hoje com cerca de 2.500 obras, entre pinturas, esculturas, objetos, desenhos, gravuras e instalações pelas quais é possível traçar um panorama da arte brasileira a partir do final do século XIX.

Além da pesquisa e organização de exposições de temas pertinentes à produção artística brasileira, o MAB incorporou a apresentação de mostras de arte internacional e temas de interesse geral que revelam experiências significativas ao público e ampliam a compreensão do fazer artístico e cultural.

Há, ainda, o MAB-Centro, instalado no Edifício Lutetia, projeto de Ramos de Azevedo da década de 1920. A construção faz parte de um conjunto de três prédios independentes com uma fachada única, que funciona como espaço cultural e abriga a Residência Artística FAAP, destinada a artistas brasileiros e estrangeiros que atuam nas áreas de Artes, Comunicação e Arquitetura.



### Museu de Arte Brasileira – MAB

Rua Alagoas, 903 – Higienópolis

☎ (11) 3662-7200

🌐 [www.faap.br/museu/](http://www.faap.br/museu/)

### Edifício Lutetia

Praça do Patriarca, 78, 2ª andar – Centro

☎ (11) 3101-1776

🌐 [www.faap.br/museu/edificio/edificio.htm](http://www.faap.br/museu/edificio/edificio.htm)

## Instituto Moreira Salles – IMS

O Instituto Moreira Salles é uma entidade civil sem fins lucrativos, criada em 1990, que tem por finalidade exclusiva a promoção e o desenvolvimento de programas culturais, sendo cinco as suas principais áreas de atuação: Fotografia, Literatura, Cinema, Artes Plásticas e Música Brasileira.

Conta com centros culturais em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em São Paulo, encontra-se um centro de recepção dos acervos fotográficos, iconográficos e documentais, com área própria para guarda de arquivos, e atividade semelhante é desenvolvida pela Reserva Técnica Fotográfica – dedicando-se às coleções de imagens. Conta também com exposições, concertos e cursos.

Além dos centros culturais, o instituto coordena as atividades dos Espaços Unibanco de Cinema/Unibanco Arteplex, uma rede de salas de exibição. Nos Arteplex de São Paulo, Porto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro, o instituto conta ainda com espaços expositivos, as Galerias IMS, animadas com mostras relacionadas à programação do cinema e à arte local.



Foto: Divulgação

---

### Instituto Moreira Salles – IMS

Rua Piauí, 844, 1º andar – Higienópolis

☎ (11) 3825-2560 / 3661-0984

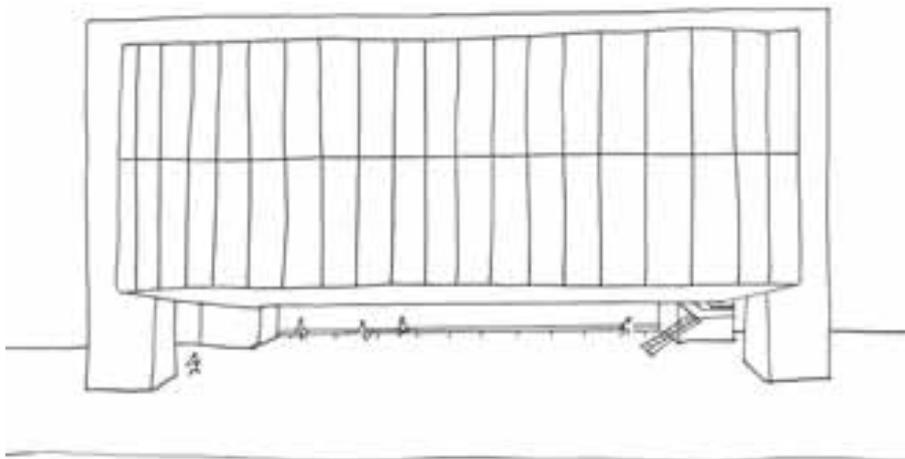
🌐 <http://ims.uol.com.br/ims/>

### Galeria IMS-SP – Unibanco Arteplex

Rua Frei Caneca, 569 – 3º piso

☎ (11) 3255-8816

## Museu de Arte de São Paulo – MASP



O Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, considerado o mais importante museu de arte ocidental da América Latina, foi inaugurado, em 2 de outubro de 1947, por seus idealizadores, o jornalista Assis Chateaubriand e o professor e crítico de arte italiano Pietro Maria Bardi.

Instalado inicialmente em edifício dos *Diários Associados*, somente em 1968 tem inaugurada a atual sede, na Avenida Paulista, projeto da arquiteta Lina Bo Bardi – de arquitetura moderna, o prédio destaca-se por seu vão livre de 74 metros.

O seu acervo reúne obras de grandes artistas de um período da história da arte que vai da Idade Média até a contemporaneidade, entre elas obras de Bosch, Rembrandt, Poussin, Van Gogh, Renoir e Degas.

O MASP coloca-se como primeiro centro cultural de excelência em nosso país não só em virtude de seu rico acervo, como também pelos eventos que realiza. Participa do circuito internacional de artes, tanto recebendo exposições temporárias de outros países, como disponibilizando suas obras para mostras internacionais. Promove, também, em seus auditórios, apresentações de música, cinema, palestras e cursos de História da Arte.

O Serviço Educativo apresenta programas especiais, desenvolvendo recursos e metodologias específicos para o atendimento aos visitantes, de acordo com a exposição e a faixa etária.

---

### Museu de Arte de São Paulo – MASP

Av. Paulista, 1.578 – Estação Trianon-Masp do Metrô – Cerqueira César

☎ (11) 3251-5644

🌐 [www.masp.art.br](http://www.masp.art.br)

## Estação Ciência

Construídos no início do século para o funcionamento de uma tecelagem, os galpões da Rua Guaicurus, de arquitetura industrial típica do início do século e vizinhos à Estação Ferroviária da Lapa (Fepasa), abrigam, desde 1986, a Estação Ciência.

Gerenciada pela Universidade de São Paulo, tem como objetivo popularizar a ciência e promover a educação científica, por meio de exposições interativas, com temas de diferentes áreas do conhecimento sob a orientação de monitores.

Oferece ainda à comunidade a Experimentoteca, que empresta exposições e laboratórios portáteis para escolas; o ABC na Educação Científica – Mão na Massa – ciências para crianças de 1ª a 4ª série; o Núcleo de Artes Cênicas – criação, montagem e apresentação de peças teatrais com temas científicos; e o Laboratório Virtual – divulgação da ciência em animações interativas pela internet.

Fotos: Divulgação



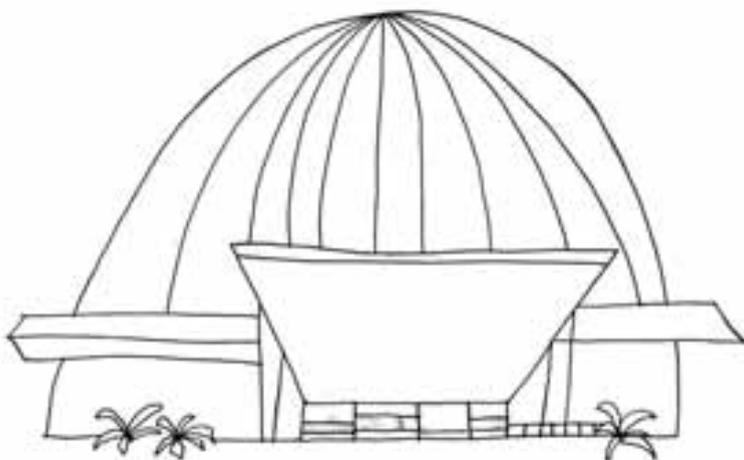
### Estação Ciência

Rua Guaicurus, 1.394 – Lapa

☎ (11) 3672-5364 / 3675-6889

🌐 [www.eciencia.usp.br](http://www.eciencia.usp.br)

## Planetários da Cidade de São Paulo



Para escapar de locais onde a observação do céu é obstruída por prédios altos e prejudicada pela poluição atmosférica e pela iluminação noturna, os planetários são ótimas opções para quem deseja não apenas admirar, mas também conhecer os fenômenos que ocorrem sobre nossas cabeças.

Em uma sala com teto em formato de cúpula, na qual são realizadas projeções luminosas, é possível ver simulações das configurações dos astros no céu, seus movimentos, os círculos celestes e as constelações, além de eclipses, rotação de planetas e meteoróides.

Os planetários do Carmo e do Ibirapuera e a Escola Municipal de Astrofísica integram o Complexo Planetários de São Paulo.

Inaugurado em 1957, o Planetário do Ibirapuera, o primeiro construído na América Latina, tem no prédio que o abriga um importante patrimônio histórico, científico e cultural, tombado pelo Conpresp e pelo Condephaat.

O do Carmo, aberto ao público desde 2004, tem uma sala de projeção com espaço para 300 pessoas e uma biblioteca informatizada.

Ao lado do Planetário do Ibirapuera localiza-se a Escola Municipal de Astrofísica, que promove cursos de Astronomia, palestras e atividades de observação do céu e passará a contar com a Biblioteca Astronômica da cidade.

---

### Planetário do Ibirapuera

Parque do Ibirapuera – Portões 3 e 10 – Ibirapuera

☎ (11) 5575-5206 / 5575-5425

🌐 [www.prefeitura.sp.gov.br/planetarios](http://www.prefeitura.sp.gov.br/planetarios)

### Planetário do Carmo

Rua John Speers, 137 – Itaquera

☎ (11) 6522-8555 / 6521-1444

🌐 [www.prefeitura.sp.gov.br/planetarios](http://www.prefeitura.sp.gov.br/planetarios)

## Museu da Cidade de São Paulo

Foi criado em 1993 com o objetivo de reunir, organizar, preservar e expor a documentação sobre a memória e os objetos da história de São Paulo.

O museu possui um programa de ação educativa fundamentado nos princípios metodológicos da Educação para o Patrimônio. É formado por um conjunto de imóveis e monumentos localizados em várias regiões do município, a maioria tombada por órgãos de proteção ao patrimônio histórico. Atende educadores, agentes de multiplicação e público portador de necessidades especiais.

A sede do Museu da Cidade situa-se no Solar da Marquesa e se compõe dos seguintes espaços:

### Beco do Pinto

Vieira que ligava a antiga Rua do Carmo à várzea do rio Tamandateí, atualmente é uma passagem que fica entre o Solar da Marquesa e a Casa Nº 1 ou Casa da Imagem, que tem início no Pateo do Collegio e termina no Parque D. Pedro. O nome do beco relaciona-se a um dos antigos proprietários do Solar da Marquesa de Santos, que sempre foi alvo de desavenças entre vizinhos que o utilizavam como depósito de lixo. Por esse motivo, foi fechado inúmeras vezes.

Hoje o local faz parte do circuito cultural da cidade, oferecendo atividades como shows, exposições e feiras diversas.

---

#### Beco do Pinto

Rua Roberto Simonsen, entre a Casa Nº 1 e o Solar da Marquesa – Centro

📍 [www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Solar da Marquesa de Santos



Em 1834, o prédio foi adquirido por D. Maria Domitília de Castro Canto e Mello, a marquesa de Santos, que o transformou numa das residências mais aristocráticas de São Paulo, passando a ser conhecido também como Palacete do Carmo. Considerado o último exemplar de arquitetura residencial urbana do século XVIII, o Solar foi submetido a diversas mudanças de uso e a várias reformas.

Conta com exposições permanentes e temporárias, consultas ao Arquivo de Negativos, Projeto Terceira Idade, serviço educativo, atividades voltadas à preservação do patrimônio artístico-cultural paulistano, projeção de vídeos e apresentações musicais.

---

### Solar da Marquesa de Santos

Rua Roberto Simonsen, 136 – Pátio do Colégio – Centro

☎ (11) 3241-4238 / 3241-4026

🌐 [www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Casa Nº 1 ou Casa da Imagem

De todos os chalés surgidos no final do século XIX na Cidade de São Paulo, inspirados em habitações campestres de regiões alpinas da Europa, o imóvel conhecido hoje como Casa Nº 1 foi o único que sobreviveu ao tempo. De acordo com registros, a casa teve seu primeiro proprietário em 1689.

Em 1884, o imóvel foi adquirido pelo governo estadual, tendo abrigado entre 1910 e 1970 a Polícia Estadual; depois, foi restaurado e teve suas características originais recuperadas.

Atualmente, aloja a Divisão do Arquivo Histórico Municipal, promovendo a guarda, a preservação, a difusão e a ampliação do acervo. No

site estão disponíveis partes de imagens históricas e os recentes registros produzidos durante a *Expedição São Paulo 450 Anos – uma viagem por dentro da metrópole*.

---

#### Casa Nº 1 ou Casa da Imagem

Rua Roberto Simonsen, 136 – Centro

☎ (11) 3241-4238 / 3241-4026

🌐 [www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Monumento à Independência

O Monumento à Independência divide o terreno com o Museu Paulista e seu conjunto de jardins e fontes. Obra de Ettore Ximenes, criada para celebrar o Dia da Independência do Brasil, foi inaugurada, sem ser concluída, em 7 de setembro de 1922.

O monumento só ficou completamente pronto quatro anos mais tarde, com a inclusão de alguns painéis de episódios vinculados ao processo de independência. Na base da obra está um conjunto de 131 peças de bronze que reproduzem elementos do quadro de Pedro Américo.

Em 1952, em seu interior foi construída a Capela Imperial, onde foram colocados os despojos de D. Pedro I e das imperatrizes Leopoldina e Amélia de Beauharnais.

---

#### Monumento à Independência

Parque da Independência, s/n – Ipiranga

☎ (11) 6168-0032

🌐 [www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Casa do Sertanista



Típica construção bandeirista, a casa foi construída no século XVII em taipa de pilão e era também conhecida como Casa do Caxingui. Restaurada nos anos 70, abrigou, de 1989 a 1993, o Núcleo de Cultura

Indígena, da União das Nações Indígenas, tendo ali instalado atualmente o Museu Casa do Sertanista, dedicado à cultura indígena.

---

### Casa do Sertanista

Praça Ênio Barbato, s/n – Caxingui

☎ (11) 3722-1856

🌐 [www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Capela do Morumbi

Foi construída sobre as antigas ruínas de uma capela da Fazenda do Morumbi pelo arquiteto Gregori Warchavchik. Com o objetivo de resgatar o caráter sacro da construção, a artista Lúcia Suanê pintou um afresco nas paredes do altar representando a cena do batismo de Cristo, com anjos de fisionomia indígena. Essa obra ficou pronta em 1950, permanecendo praticamente fechada até 1957. A partir dessa data, a capela passou à responsabilidade direta do Departamento do Patrimônio Histórico – DPH.

Em 1979, o DPH iniciou o processo de revitalização da capela, entregando-a ao público no dia 25 de janeiro de 1980. Desde então, o local é utilizado para exposições diversas, destacando-se instalações de artistas contemporâneos.

---

### Capela do Morumbi

Av. Morumbi, 5.387 – Morumbi

☎ (11) 3772-4301

🌐 [www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Casa do Bandeirante

Construída em taipa de pilão, possui 12 cômodos em 350 metros quadrados e contém móveis, utensílios e objetos de valor histórico. A construção do início do século XVIII passou por diversos donos e, curiosamente, dizem que nunca foi de um bandeirante. É um marco da arquitetura colonial da Cidade de São Paulo.

---

### Casa do Bandeirante

Praça Monteiro Lobato, s/n – Butantã

☎ (11) 3031-0920

🌐 [www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Casa do Grito



Situada nas proximidades do riacho do Ipiranga, foi construída originalmente em pau-a-pique. Como data de 1884 o documento mais antigo sobre a origem do imóvel, não é possível precisar o ano de sua construção.

Em 1936, a Casa foi desapropriada e permaneceu semi-abandonada até 1955, quando foi restaurada com inspiração na casa da tela *O Brado do Ipiranga*, de Pedro Américo, que se encontra no Salão Nobre do Museu Paulista.

Tombada em 1975 pelo Condephaat, o imóvel, que divide terreno com o Museu Paulista e está situado no interior do Parque da Independência, abriga exposições sobre o bairro e sobre temas diversos relacionados à Cidade de São Paulo.

---

### Casa do Grito

Parque da Independência, s/n – Ipiranga

☎ (11) 6168-0032

🌐 [www.prodam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Sítio Morrinhos

Implantado em meio a uma área verde, é composto por um conjunto arquitetônico que inclui uma casa-sede, construída em 1702, e outras construções da metade do século XIX e início do século XX.

Em 1905, essas terras foram loteadas e arrematadas por monges beneditinos, que ali permaneceram até 1941, quando as terras novamente foram loteadas, dando origem ao bairro do Jardim São Bento. O lote que compreendia a casa foi doado à Prefeitura em 1977.

Apesar das modificações sofridas no decorrer dos anos, o imóvel conserva a planta característica das casas de sítio do século XVII.

---

### Sítio Morrinhos

Rua Santo Anselmo, 102 – Jardim São Bento

☎ (11) 6236-6121

🌐 [www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Casa do Sítio da Ressaca



Datada provavelmente de 1719, quando abrigava um antigo quilombo, sua estrutura física resistiu ao tempo, ao contrário dos quilombos existentes hoje no Vale do Ribeira. O Quilombo Jabaquara – seu nome na época – chegou a reunir 10 mil escravos.

Em 1978, como parte do projeto de reurbanização da região, a casa foi restaurada e integrada ao Centro Cultural do Jabaquara.

De paredes grossas de taipa de pilão, com sótão, túnel de pedras e terra batida e janelas baixas, o local hoje promove vários eventos, como shows e uma exposição permanente de paramentos e indumentárias africanos.

Desde 1998, o sítio passou a ser um centro de documentação tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional.

As atividades da Casa do Sítio da Ressaca estão sob a responsabilidade do Acervo da Memória e do Viver Afro-Brasileiro.

---

### Casa do Sítio da Ressaca

Rua Nadra Raffoul Mokodsi, 3 – Jabaquara

A casa não possui telefone, mas é possível obter informações no Centro Cultural Jabaquara:

☎ (11) 6168-0032

🌐 [www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Casa do Tatuapé



Construção típica do período bandeirante, em taipa de pilão e pau-a-pique, originou-se, provavelmente, no período de 1688 a 1698. Durante um século e meio, a casa serviu apenas de moradia; depois disso, passou a ser utilizada também como olaria, com a produção exclusiva de telhas. Com a chegada dos imigrantes italianos, disseminadores da construção em alvenaria, a olaria passou a produzir tijolos.

O município efetivou a desapropriação do imóvel em 1979 e, a seguir, ele foi restaurado, revitalizado e finalmente aberto à visitação pública. As atividades são prioritariamente voltadas para a Terceira Idade.

---

### Casa do Tatuapé

Rua Guabiju, 49 – Tatuapé

☎ (11) 2296-4330

🌐 [www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm](http://www.prodiam.sp.gov.br/dph/museus/solar.htm)

## Estação da Luz

Construída no final do século XIX para ser a sede da recém-criada Companhia São Paulo Railway, a Estação da Luz foi projetada pelo engenheiro inglês Henry Driver, que “copiou” o Big Ben e a Abadia de Westminster. Todo o material necessário a sua construção foi trazido da Inglaterra e a estação foi apenas montada em São Paulo.

Nas primeiras décadas do século XX, ela foi a principal porta de entrada da cidade, mas sua maior importância era econômica: por ali passava o café em direção ao Porto de Santos e chegavam os produtos importados que abasteciam a cidade. Na década de 1940, depois de sofrer um incêndio, a estação passou por reforma e um pavimento administrativo foi adicionado ao prédio.

A partir desse mesmo período, com o início da degradação do transporte ferroviário no Brasil, bem como do Bairro da Luz, a estação foi igualmente deteriorada.

Depois de um longo período, a partir de 1990 a estação passou por uma série de reformas e hoje, completamente restaurada e em funcionamento, integra o sistema de trens metropolitanos da CPTM e do Metrô de São Paulo, além de abrigar o Museu da Língua Portuguesa – Estação Luz da Nossa Língua.



### Estação da Luz

Praça da Luz, 1 – Luz

☎ (11) 3293-4602 – Projeto Usuário do Amanhã

🌐 [www.cptm.sp.gov.br](http://www.cptm.sp.gov.br)

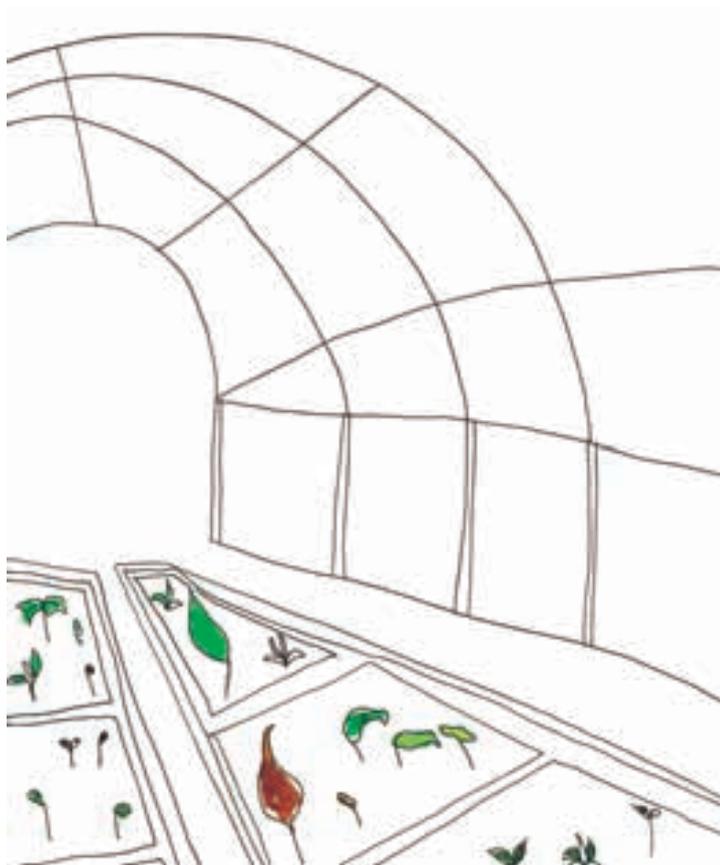
## Parque Estadual Albert Löefgren (Horto Florestal)

Localizado ao lado do Parque Estadual da Cantareira, o Horto Florestal, como é mais conhecido, oferece ao visitante contato direto com a natureza, por meio de sua fauna e flora diversificadas. Além disso, conta com palco para eventos, Museu Florestal, área para piquenique, playground, pista de cooper, equipamentos de ginástica, bicas de água potável e lagos.

Abriga, ainda, o Palácio de Verão do Governo do Estado, além das sedes da Polícia Militar e da Polícia Florestal do Estado.

Fazem parte de sua paisagem espécies vegetais exóticas, como pinheiro-do-brejo e criptoméria, e nativas, como pau-brasil, carvalho-nacional, pau-ferro e jatobá. Observam-se, com frequência, várias espécies animais, como macaco-prego, tucano, gambá, socó, garça, tico-tico, serelepe e martim-pescador.

O Horto Florestal oferece agendamento de visitas monitoradas.



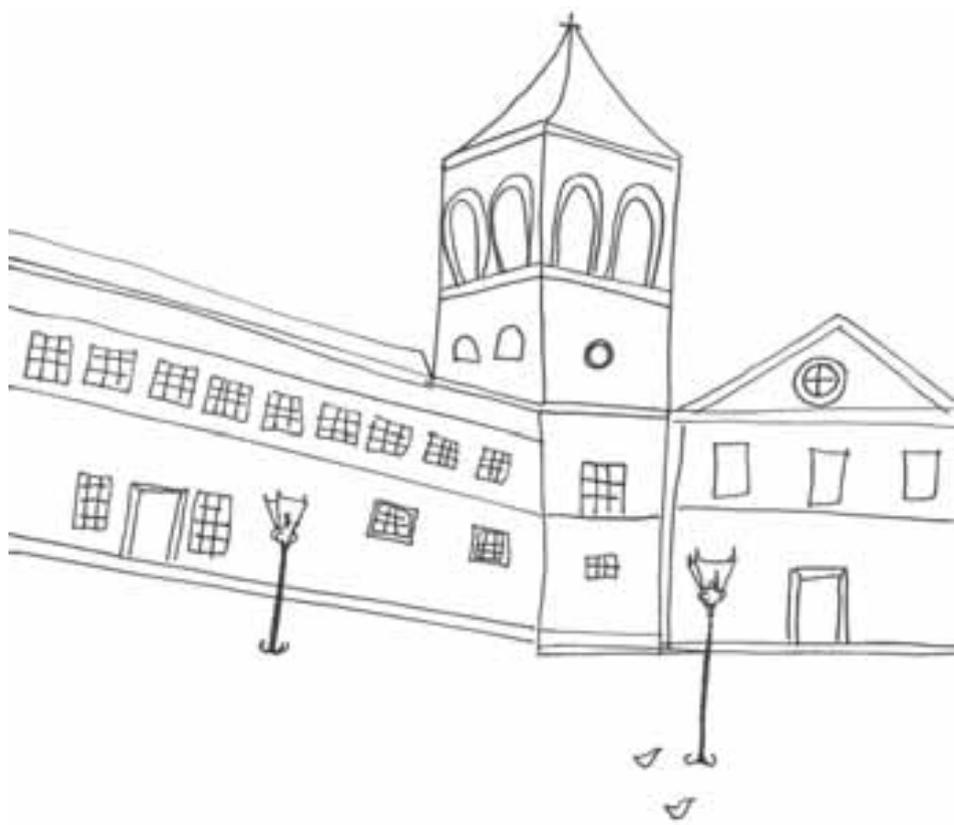
### Parque Estadual Albert Löefgren (Horto Florestal)

Rua do Horto, 931 – Horto Florestal

☎ (11) 6231-8555

🌐 [www.hortoflorestal.com.br](http://www.hortoflorestal.com.br)

## Pateo do Collegio



O Pateo do Collegio é um dos principais monumentos da capital paulista por ser, também, o marco exato de fundação da cidade, pelos padres José de Anchieta e Manoel da Nóbrega.

Encontra-se restaurado e nele se localiza o Museu Padre Anchieta, cujo acervo contém cerca de 400 peças, entre as quais se destacam as imagens sacras (sécs. XVIII e XIX), a pia, de 1556, usada pelo Pe. Anchieta para batizar os índios, a primeira edição da *Gramática Tupi-Guarani* e peças do mobiliário paulistano antigo. Possui, também, um acervo composto por peças de índios Guarani do planalto de Piratininga e de índios do Parque Indígena do Xingu, estas doadas pelos irmãos Villas Bôas.

### Pateo do Collegio

Praça Pátio do Colégio, 2 – Centro

☎ (11) 3105-6898

🌐 [www.pateocollegio.com.br](http://www.pateocollegio.com.br)

## Complexo Cultural Júlio Prestes



Foto: Thiago Honório

O prédio da Estação Júlio Prestes, concebido em 1925 para sediar a Estrada de Ferro Sorocabana, foi inaugurado apenas em 1938.

O projeto desenhado em 1925 refletia o estilo e a visão conservadora da Escola de Arquitetura da Pensilvânia, um tipo de arquitetura avesso àqueles anos de efervescência cultural vividos no pós-Semana de Arte Moderna.

Apesar disso, o projeto da Estação Inicial da Estrada de Ferro Sorocabana recebeu, em 1927, o Prêmio de Honra no III Congresso Pan-Americano de Arquitetura, em Buenos Aires.

Atualmente, o prédio abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp. A reforma que o transformou em complexo cultural levou em conta os mais modernos parâmetros técnico-acústicos. O piso de mil metros quadrados, com pé-direito de 24 metros, tem capacidade para 1,5 mil lugares, além de nove salas de ensaio e uma biblioteca para partituras.

No complexo, encontra-se ainda, desde 1997, a Secretaria de Estado da Cultura. A plataforma de embarque e desembarque de trens continua ativa.

---

### Complexo Cultural Júlio Prestes

Praça Júlio Prestes, s/n – Luz

☎ (11) 3351-8200

## Instituto de Estudos Brasileiros – IEB

Criado em 1962, por iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda, como órgão interdisciplinar de pesquisa e documentação sobre a história e a cultura do País, o IEB está localizado na Cidade Universitária.

Seu acervo reúne um expressivo conjunto de fundos pessoais constituídos por artistas e intelectuais brasileiros, distribuídos na Biblioteca, no Arquivo e na Coleção de Artes Visuais. Manuscritos originais de nomes decisivos para nossa cultura, livros raros e obras de arte formam um conjunto de caráter único, que recebe periodicamente novas aquisições.

Dentre as coleções, destaca-se a de Mário de Andrade, que inclui pinturas, gravuras, desenhos e esculturas de artistas como Portinari, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi e Victor Brecheret.

O IEB oferece, ainda, visitas monitoradas mediante agendamento, estágios supervisionados nas áreas de Museologia e Arte Brasileira, além de atendimento a consulentes, instituições e órgãos de imprensa.




---

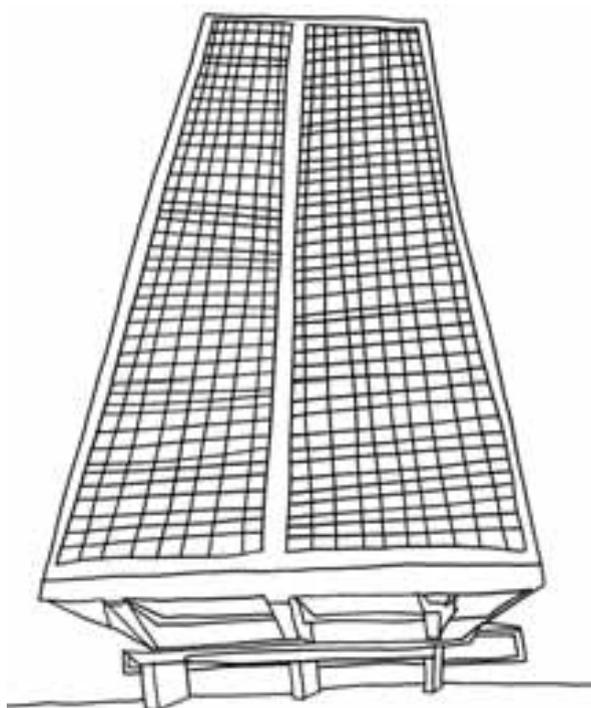
### Instituto de Estudos Brasileiros – IEB

Av. Prof. Mello Moraes, travessa 8, 140 – Cidade Universitária

☎ (11) 3091-3199 / 3815-3106

🌐 [www.ieb.usp.br](http://www.ieb.usp.br)

## Centro Cultural FIESP



O Centro Cultural FIESP, inaugurado em 1998, está instalado em prédio projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Compõe-se de três espaços culturais: o Mezanino do Centro Cultural, que é um espaço alternativo para apresentações de teatro experimental, performances, projeção de filmes e palestras; a Galeria de Arte do SESI, que promove exposições temporárias de artistas renomados; e o Teatro Popular do SESI, que oferece programação teatral. O Centro dispõe, ainda, de uma Biblioteca Circulante, com livros, revistas, jornais, gibis e CDs.

Além dessas atividades, a programação inclui outras produções culturais, como shows, palestras e cinema.

Faz parte da proposta cultural do SESI o *Projeto de Formação de Público em Artes Cênicas*, que objetiva ampliar a frequência de jovens a espetáculos teatrais de qualidade. O projeto oferece, principalmente a escolas carentes, acesso gratuito para a peça de teatro em cartaz, condução para os alunos em alguns casos, além de subsídios para os professores prepararem os alunos para a visita.

Ao lado desse projeto de difusão e promoção cultural, o SESI mantém o Núcleo Experimental do Teatro Popular, com vistas ao aperfeiçoamento de jovens atores de teatro.

---

### Centro Cultural FIESP

Av. Paulista, 1.313 – Cerqueira César

☎ (11) 3146-7405 / 3146-7406 / 3146-7439

🌐 [www.sesisp.org.br/centrocultural](http://www.sesisp.org.br/centrocultural)

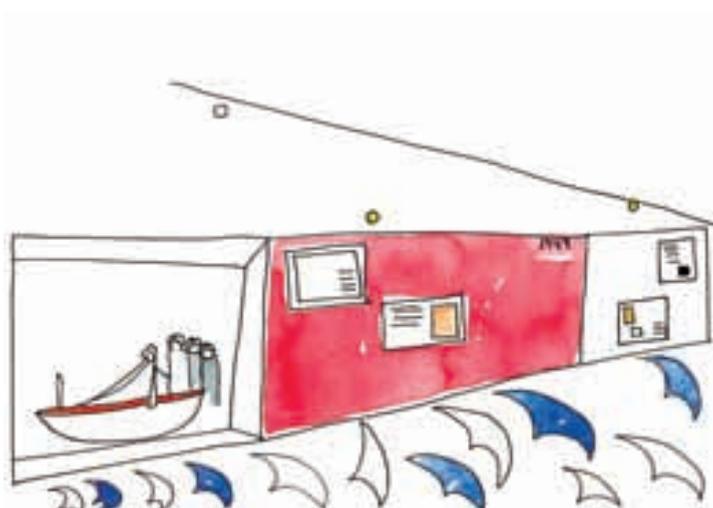
## Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

Inaugurado em junho de 1978, tem como objetivo registrar e preservar, por meio de histórias, fotos e objetos, a vida dos japoneses no Brasil desde o início da imigração.

Localizado no bairro da Liberdade, ocupa quatro andares do Edifício Bunkyo, onde é possível encontrar uma biblioteca, documentos e objetos dos períodos que abrangem desde a assinatura do Tratado de Amizade Brasil/Japão em 1895 até a chegada dos primeiros imigrantes em 1908; dos núcleos coloniais a partir de 1913 até a policultura.

Outro eixo temático do museu refere-se aos 50 anos do pós-Segunda Guerra, que trata das mudanças da comunidade *nikkei*, da vinda de empresas japonesas e das contribuições dos nipo-brasileiros à sociedade brasileira.

Seu acervo soma mais de 5 mil objetos, 28 mil documentos escritos – diários, livros, jornais, revistas – e cerca de 10 mil fotos relacionadas aos imigrantes japoneses.



### Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

Rua São Joaquim, 381 – 7º andar – Liberdade

☎ (11) 3209-5465 / 3209-9565

🌐 [www.nihonsite.com/muse/](http://www.nihonsite.com/muse/)

## Serviço Social do Comércio – SESC



Foto: Thiago Honório

É uma instituição de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado de comércio e serviços, que o mantém e administra.

No Estado de São Paulo, o SESC conta com 30 unidades operacionais e, só na Capital e Grande São Paulo, são 16 unidades, todas elas atuando nas áreas de Educação, Saúde, Lazer, Cultura e Assistência.

Sua programação, rica e variada, compõe-se de um amplo leque de serviços oferecidos aos trabalhadores do comércio e à comunidade em geral, dentre eles teatro, música, atividades recreativas nos finais de semana, eventos, festas, seminários, encontros, simpósios. Oferece, também, centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros específicos de odontologia e turismo social. Em suas ações de educação informal e permanente, procura valorizar as pessoas, ao estimular a interação e o contato com expressões e modos diversos de pensar e sentir. Acesse os sites para conhecer as atividades do SESC mais próximo de você.

---

### Serviço Social do Comércio – SESC

Av. Álvaro Ramos, 915 (Sede) – Belenzinho

☎ (11) 6607-8000

🌐 [www.sesc.com.br](http://www.sesc.com.br)

🌐 [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)

## Instituto Biológico

Criado em 1927, o edifício principal, parte do conjunto arquitetônico do Instituto Biológico projetado por Mário Whately, destaca-se pelo estilo *art déco*, influência da concepção artística europeia da década de 1930.

O Museu do Instituto, parte do complexo arquitetônico, está instalado num casarão da década de 1940. Com o objetivo de mostrar a importância das pesquisas nas atividades agrícolas, ali são apresentadas informações sobre diversas doenças, pragas e práticas da agricultura de uma forma didática, lúdica e interativa.

Em 2002, foi tombado pelo Condephaat como bem cultural de interesse histórico, arquitetônico e urbanístico.

Durante a visita, é possível observar a vida animal e vegetal por meio de microscópios ou conhecer a vida dentro de um formigueiro, por exemplo.

As visitas são monitoradas e devem ser agendadas.



### Instituto Biológico

Av. Conselheiro Rodrigues Alves, 1.252 – Vila Mariana

☎ (11) 5087-1701

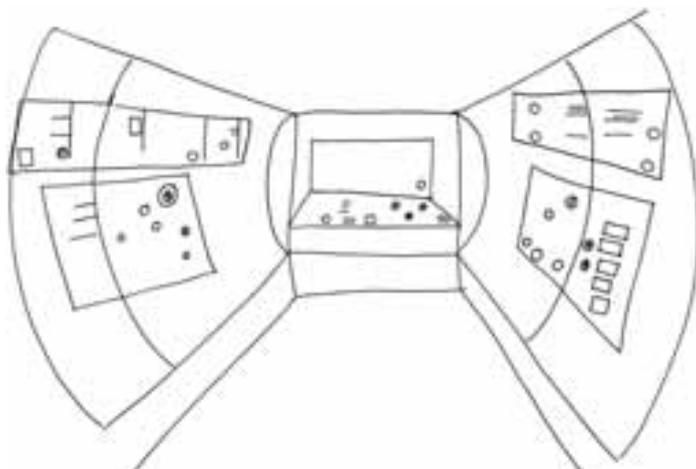
🌐 [www.biologico.sp.gov.br/](http://www.biologico.sp.gov.br/)

### Museu do Instituto Biológico

Rua Dr. Amâncio de Carvalho, 546 – Vila Mariana

☎ (11) 5572-9933

## Itaú Numismática – Museu Herculano Pires



O Museu Herculano Pires de numismática, situado no prédio do Itaú Cultural, está estruturado para atender tanto o público especializado em moedas, como o público em geral, oferecendo vasto repertório sobre o assunto aos mais diversos interesses culturais e faixas etárias.

Com a finalidade de situar o espectador no tempo universal, suas vitrinas têm na base uma fita cronológica com a descrição dos principais eventos históricos, políticos e sociais do Brasil e de Portugal, em particular, e do mundo em geral, abrangendo o período de 1500 e 2000.

Além disso, uma mesa circular exibe 236 patações, que podem ser observados detalhadamente por meio de poderosas lentes objetivas que alcançam até 40 vezes de aumento.

Oferece visitas monitoradas e, neste caso, agendadas para grupos de até 20 pessoas, em virtude das dimensões de seu espaço expositivo.

### Itaú Numismática – Museu Herculano Pires

Av. Paulista, 149 – Bela Vista

☎ (11) 2168-1876 / 2168-1776 / 2168-1777

🌐 [www.itaunumismatica.com.br](http://www.itaunumismatica.com.br)

## Museu da Pessoa



O Museu da Pessoa, criado 1991, tem por objetivos promover a democratização da memória social, por meio da valorização de histórias de vida de todas as pessoas da sociedade, e democratizar o registro dessas memórias, permitindo que todo e qualquer indivíduo da sociedade tenha sua história de vida registrada e preservada.

Trata-se de um museu virtual, do qual você pode fazer parte, escrevendo e incluindo em seu acervo a sua história de vida. Além disso, você pode consultar fotos, documentos, áudios e outras biografias.

---

Museu da Pessoa

[www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)

## Centro de Referência em Educação Mario Covas – CRE

Criado em 2002, o Centro de Referência em Educação Mario Covas, integrado à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, reúne, sistematiza e disponibiliza informações educacionais.

Em sua sede, um antigo palacete no bairro de Campos Elíseos, o CRE possui biblioteca, videoteca, ambiente de estudo e pesquisa equipado com computadores e acesso gratuito à internet, auditório com capacidade para 50 pessoas, estúdio para a realização de videoconferências e espaço de exposições sobre a história da educação paulista.

Os serviços e a infra-estrutura do portal do CRE na internet estão voltados para aut capacitação de educadores e alunos de todo o Estado.



Foto: Divulgação

---

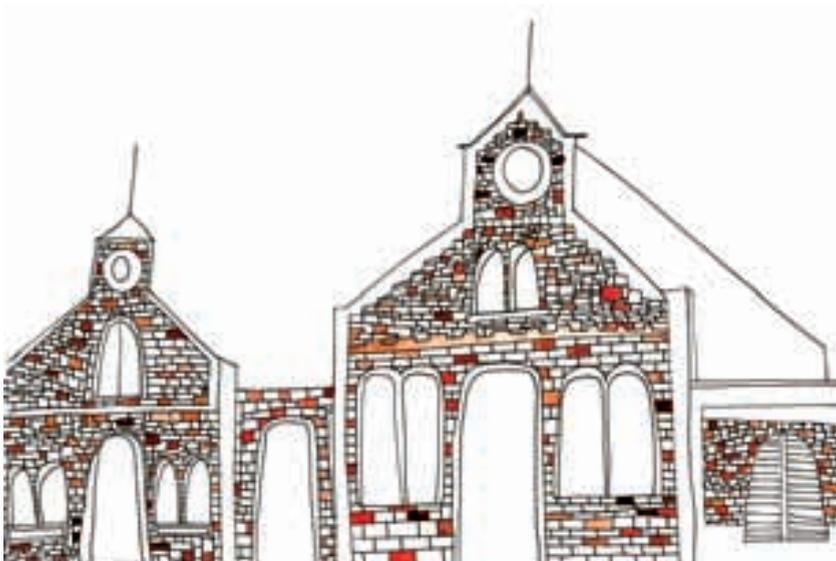
Centro de Referência em Educação Mario Covas – CRE

Av. Rio Branco, 1.260 – Campos Elíseos

☎ (11) 3334-0311 / 3334-0065 / 3334-0666

🌐 [www.crmariocovas.sp.gov.br](http://www.crmariocovas.sp.gov.br)

## Cinemateca Brasileira



Em 1940, alguns jovens estudantes de Filosofia da USP, entre os quais Paulo Emílio Salles Gomes, Francisco Luiz de Almeida Salles, Décio de Almeida Prado e Antonio Candido de Mello e Souza, fundaram o Clube de Cinema de São Paulo, que deu origem à Cinemateca Brasileira, incorporada ao governo federal desde 1984 e ligada hoje à Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura.

Em 1992, a Cinemateca passou a ocupar o espaço do antigo Matadouro Municipal. Seus edifícios históricos, inaugurados no século XIX, foram tombados e restaurados pelo Condephaat.

Responsável pela preservação da produção audiovisual brasileira, a Cinemateca possui o maior acervo de imagens em movimento da América Latina, com cerca de 200 mil rolos de filme, entre longas, curtas e 30 mil títulos de cinejornais.

Dentre os filmes encontram-se obras de ficção, documentários, filmes publicitários e registros familiares, nacionais e estrangeiros, produzidos desde 1895. Fazem parte ainda de suas atividades a difusão e a restauração de documentos formados por livros, revistas, roteiros originais, fotografias e cartazes.

---

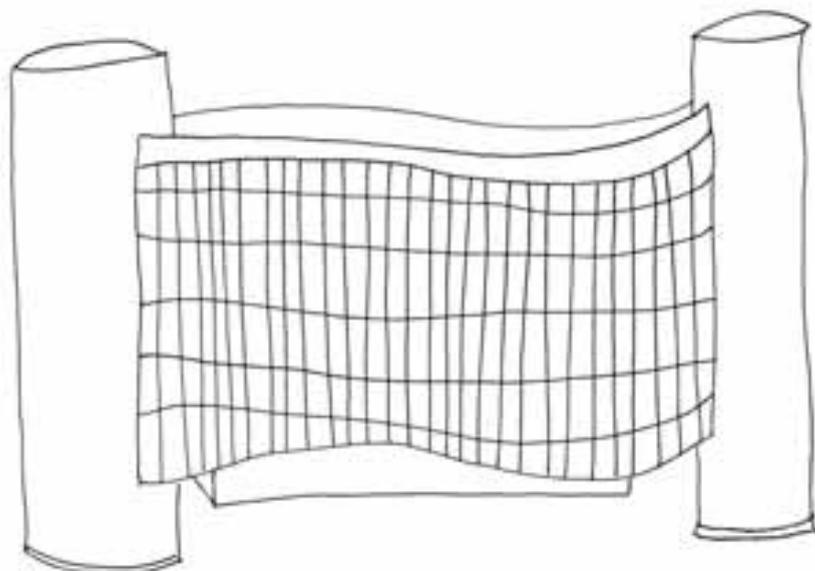
### Cinemateca Brasileira

Largo Senador Raul Cardoso, 207 – Vila Clementino

☎ (11) 3512-6111

🌐 [www.cinemateca.org.br](http://www.cinemateca.org.br)

## Centro da Cultura Judaica



Inaugurada em 2003, a sede do Centro da Cultura Judaica foi projetada pelo arquiteto Roberto Loeb e destaca-se na paisagem de São Paulo como uma grande Torá, o rolo sagrado das Escrituras, mostrando-se para toda a cidade e convidando todos a entrar e conhecer o que a cultura judaica tem a oferecer.

Com a missão de estabelecer vínculos sólidos entre a comunidade judaica e a sociedade brasileira, o Centro é divulgador do patrimônio cultural judaico, da atual produção de Israel em todas as áreas de conhecimento, das raízes do povo judeu e de sua história ao longo dos séculos. Atuando de forma aberta, interativa, reflexiva e sistemática, é um centro irradiador da cultura judaica e de suas variações, e receptor da cultura brasileira.

Possui um setor de ação educativa e oferece uma programação que abrange exposições e cursos, artes visuais e cênicas, literatura, música e gastronomia, entre outros.

---

### Centro da Cultura Judaica

Rua Oscar Freire, 2.500 – Sumaré

☎ (11) 3065-4333

🌐 [www.culturajudaica.org.br](http://www.culturajudaica.org.br)

## Serviço Social da Indústria – SESI

O SESI, criado em 1947, é uma entidade de direito privado, que colabora com a melhoria da qualidade de vida do trabalhador da indústria por meio de seus serviços, que incluem uma vasta programação nas áreas de Educação, Saúde, Lazer e Esporte, Cultura e Alimentação. É, também, parceiro de empresas, fornecendo apoio na implantação e no desenvolvimento de projetos de benefícios sociais para funcionários.

Em todos os estados brasileiros, o SESI apresenta uma programação de atividades culturais, como cursos, shows, seminários, apresentações de teatro, música e palestras.

Foto: Thiago Honório



---

### Serviço Social da Indústria – SESI

Av. Paulista, 1.313 (Sede) – Cerqueira César

☎ (11) 3146-7000

🌐 [www.sesisp.org.br](http://www.sesisp.org.br)

## Instituto Itaú Cultural

O Itaú Cultural desempenha o papel de instituição articuladora de expressões e questões da cultura contemporânea brasileira, com uma programação diversificada, produtos e apoio a manifestações artísticas em diversas áreas de expressão.

Entre os destaques dessa política, o Itaú Cultural promove ações que mapeiam a produção artístico-cultural brasileira e vem contribuindo para a renovação da pauta cultural do País.

Além de palestras, atividades educativas, visitas orientadas para o público escolar e espontâneo, o Itaú Cultural oferece um site com as Enciclopédias de Teatro, de Literatura Brasileira e de Artes Visuais.



Foto: Divulgação

---

### Instituto Itaú Cultural

Av. Paulista, 149 – Bela Vista

☎ (11) 2168-1700

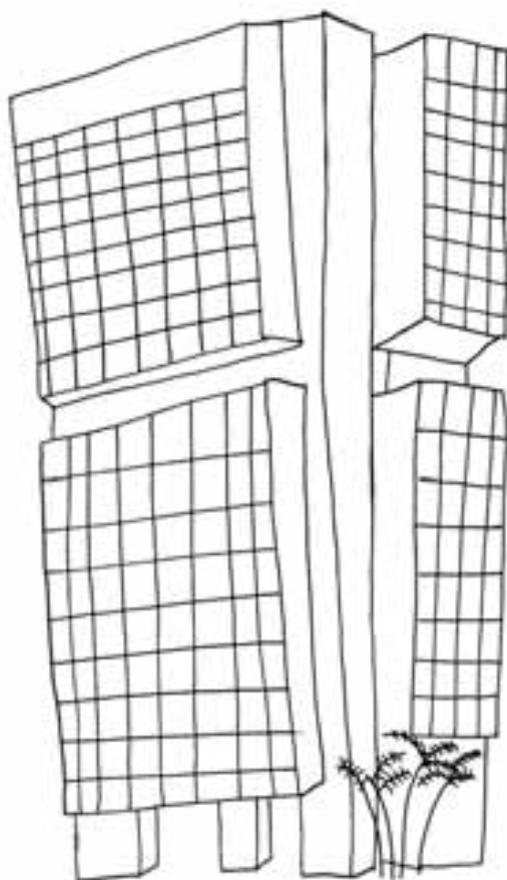
🌐 [www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)

## Museu de Valores do Banco Central

Foi criado pelo Banco Central com a finalidade principal de contribuir para a preservação da memória nacional no que diz respeito aos meios de pagamento, partindo do princípio de que o dinheiro é registro indispensável para a constituição da história econômica de um país.

O museu reúne, ordena e conserva cédulas, moedas, documentos e objetos que, de algum modo, expressem valor monetário. Possui salas de exposição nas cidades de Brasília, Curitiba, Belo Horizonte, Recife e São Paulo.

Para mostrar e divulgar seu acervo, promove exposições permanentes, temporárias e itinerantes, além de desenvolver programas de integração com escolas e manter um serviço de atendimento a consulentes na área de Numismática.



---

### Museu de Valores do Banco Central

Av. Paulista, 1.804 – Cerqueira César

☎ (11) 3491-6122

🌐 [www.bcb.gov.br/?MMUSEU](http://www.bcb.gov.br/?MMUSEU)

## Museu da Energia de São Paulo



O Museu da Energia ocupa um antigo e restaurado casarão, no bairro de Campos Elíseos, que pertenceu à família de Santos Dumont.

Abriga uma pequena parte do acervo que a Fundação Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento herdou na época da privatização das empresas energéticas da cidade.

Instrumentos antigos, fotografias históricas e painéis são exibidos durante as visitas monitoradas. O visitante pode conferir lâmpadas, lamparinas e outros objetos, como voltímetros, que medem a intensidade da corrente elétrica, e galvanômetros, que detectam correntes elétricas de baixa intensidade.

O local também é boa fonte para quem deseja conhecer mais sobre a história da Cidade e do Estado.

---

### Museu da Energia de São Paulo

Alameda Cleveland, 601 – Campos Elíseos

☎ (11) 3333-5600, ramal 211

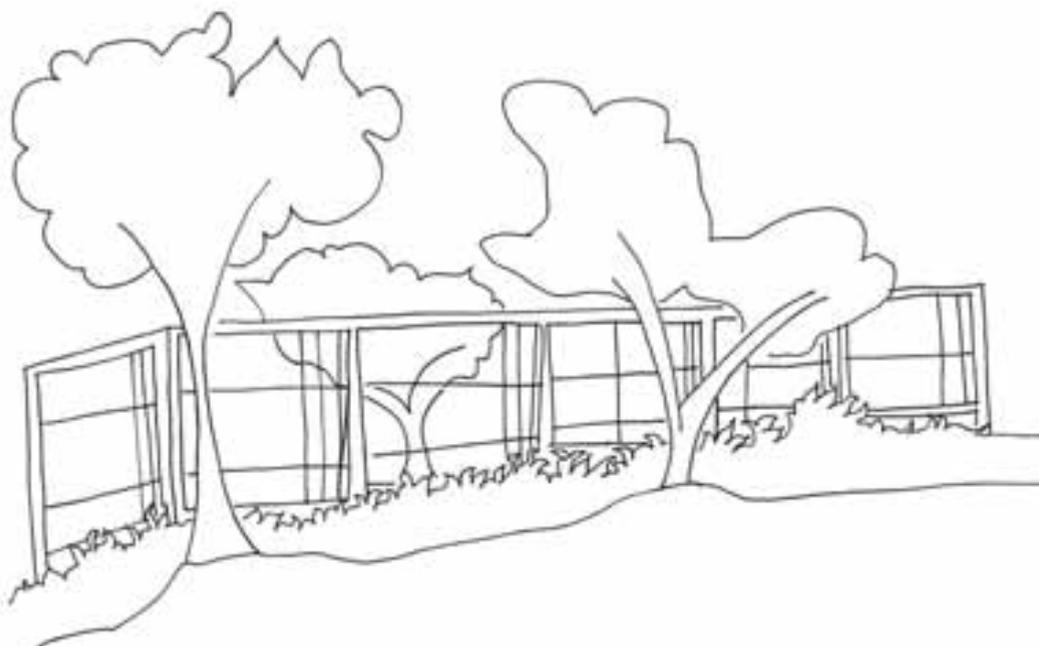
🌐 [www.fphesp.org.br/saopaulo/saopaulo.shtml](http://www.fphesp.org.br/saopaulo/saopaulo.shtml)

## Fundação Maria Luisa e Oscar Americano

Foi instituída por Oscar Americano em março de 1974, que doou à Cidade de São Paulo, além da casa situada em um grande e arborizado terreno, a coleção de obras de arte da família.

Preservando a natureza, reunindo peças e documentos ligados à história do Brasil e realizando cursos, concertos e outras atividades culturais, a Fundação oferece aos visitantes um panorama do passado e do presente do País.

Em meio a plantas e árvores, encontra-se a casa projetada pelo arquiteto Oswaldo Arthur Bratke em 1950. Nela, é possível visitar um acervo constituído por pinturas, mobiliário, prataria, porcelana, tapeçaria e arte sacra do século XVIII.



---

### Fundação Maria Luisa e Oscar Americano

Av. Morumbi, 4.077 – Morumbi

☎ (11) 3742-0077 / 3746-6941

🌐 [www.fundacaoscamericano.org.br](http://www.fundacaoscamericano.org.br)

## Casa das Rosas



Foto: Divulgação

Foi projetada no final da década de 1920 pelo arquiteto Ramos de Azevedo para ser a residência de sua filha Lúcia. Construída numa área de 5.500 metros quadrados, a Casa das Rosas, com seus 30 cômodos em estilo arquitetônico francês, tem por atração o jardim, inspirado no Palácio de Versalhes, que abriga um famoso roseiral, origem do nome da casa.

A mansão foi tombada como patrimônio histórico pelo Condephaat em 1985 e, em 1991, a Secretaria de Estado da Cultura inaugurou ali o espaço cultural Casa das Rosas, que exibiu obras do acervo artístico do Estado e mostras com tendências nacionais e internacionais de arte contemporânea.

Fechada em 2003 para reformas, foi reinaugurada em 2004 com nova vocação: o primeiro espaço público do País destinado à poesia.

Batizado de Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, abriga o acervo de cerca de 30 mil volumes da biblioteca do poeta, tradutor e ensaísta Haroldo de Campos [1929-2003], além de uma biblioteca circulante especializada em poesia, cursos bimestrais, exposições, peças de teatro, lançamentos de livros, palestras e eventos musicais.

---

### Casa das Rosas

Av. Paulista, 37 – Bela Vista

☎ (11) 3285-6986 / 3288-9447 / 3287-8917

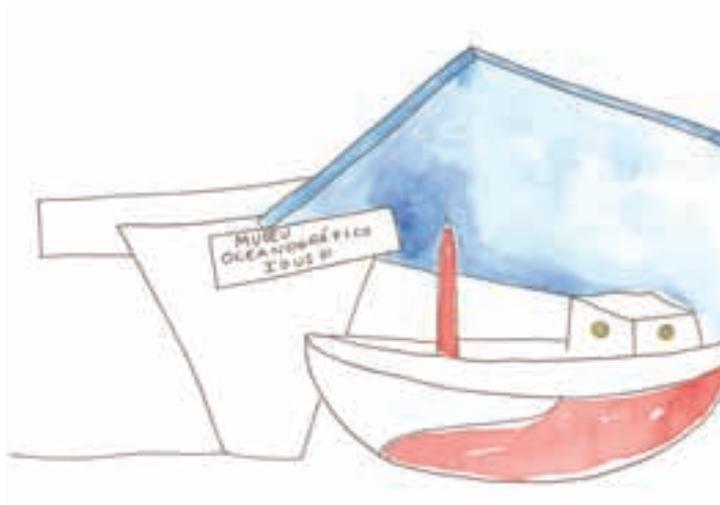
🌐 [www.casadasrosas.sp.gov.br](http://www.casadasrosas.sp.gov.br)

## Museu Oceanográfico da USP

Com o objetivo de difundir a ciência oceanográfica e as pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Oceanográfico da USP, o Museu expõe ao público diversos organismos marinhos e aquários de pequeno e médio portes, que são utilizados para a apresentação de ecossistemas, que mostram um pouco do modo de vida de alguns seres vivos e a biodiversidade dos oceanos.

O Museu abriga uma série de painéis com informações sobre oceanografia e vários instrumentos oceanográficos, utilizados na obtenção de dados e coleta de água, sedimentos e organismos marinhos.

Conta ainda com alguns serviços, como *Exposições Itinerantes* – módulos que podem ser levados para outros locais –; *Expo-Antártica*, composta de painéis fotográficos que retratam as expedições científicas e pesquisas realizadas pelo Instituto na Antártica desde 1983; e *Empréstimo de Material Biológico* – organismos marinhos, taxidermizados ou preservados em formol ou álcool, encontram-se à disposição para empréstimo.



### Museu Oceanográfico da USP

Praça do Oceanográfico, 191 – Cidade Universitária

☎ (11) 3091-6587 / 3091-6501

🌐 [www.io.usp.br](http://www.io.usp.br)

## Conjunto Cultural da Caixa



Com o objetivo de resgatar a cultura e verdadeiros ícones do patrimônio cultural nacional, o Conjunto Cultural da Caixa ganhou vida e hoje retrata a história política, econômica, artística e cultural do Brasil.

Composto por teatros, museus e galerias, situados em diferentes capitais, a empresa promove, apóia e divulga as mais diversas manifestações artístico-culturais com um acervo de mais de mil obras, entre pinturas, gravuras, desenhos, tapeçarias, esculturas e painéis, e cerca de 6 mil peças antigas relacionadas à trajetória da Caixa e do próprio País.

Em São Paulo, o Conjunto Cultural ocupa três pavimentos do prédio construído na década de 1930, na Praça da Sé, com pilares de mármore negro, piso de madeira, vidros ingleses e um vitral de mais de seis metros de altura, criado pelo artista italiano Henrique Zucca. Conta com áreas para exposições, uma sala de vídeo e dois salões multiculturais, onde se apresentam grupos de teatro, música e dança, além do Museu da Caixa, que resgata e divulga sua própria história.

---

### Conjunto Cultural da Caixa

Praça da Sé, 111 – Centro

☎ (11) 3321-4400

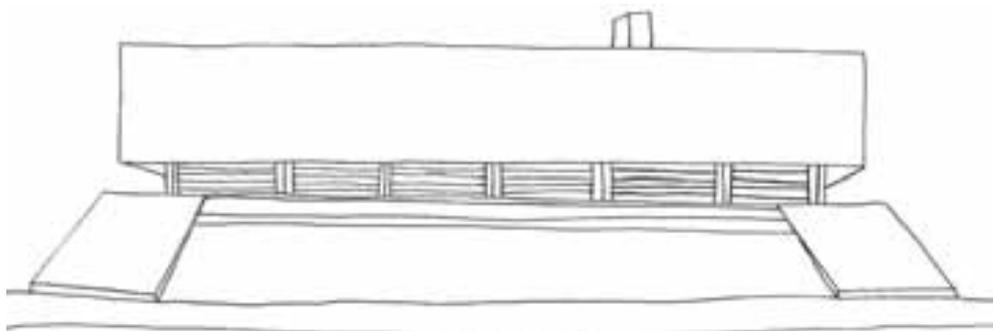
🌐 [www.caixacultural.com.br/html/index.html](http://www.caixacultural.com.br/html/index.html)

## Museu do Crime

O Museu do Crime tem suas origens nos anos 1930, com o surgimento das Escolas de Polícia. Localizado na Cidade Universitária, é um dos mais importantes do gênero em todo o País, constituído por fotografias, cópias de laudos da Polícia Técnica, instrumentos de crime e armas de fogo.

Organizado pela Polícia Civil com o objetivo de atender os estudantes de sua academia, também é referência para policiais estrangeiros.

É necessário agendar visita e há restrições quanto à idade dos visitantes.



---

### Museu do Crime

Praça Reynaldo Porchat, 219 – Cidade Universitária

☎ (11) 3039-3460

🌐 [www.policia-civ.sp.gov.br/academia/museu\\_crime.htm](http://www.policia-civ.sp.gov.br/academia/museu_crime.htm)

## Centro Cultural São Paulo – CCSP



Foto: Divulgação

O CCSP é um equipamento multidisciplinar da Secretaria Municipal de Cultura, inaugurado em maio de 1982. Sua localização privilegiada, junto à linha norte-sul do Metrô, também é servida pelas principais vias expressas do município.

Além do acervo da Pinacoteca Municipal de São Paulo, possui uma política de programação diversificada, incluindo exposições temporárias, gabinete do papel, cinema, espetáculos teatrais e de dança, entre outros, a preços populares.

Sua arquitetura moderna apresenta linhas arrojadas, em que vidros e grandiosos espaços vazados convivem harmonicamente com a rigidez do aço e do concreto. A beleza do contraste é acentuada com entradas de luz natural e a localização de um jardim centenário de 600 metros quadrados, onde estão preservadas as duas últimas araucárias do centro da cidade.

---

### Centro Cultural São Paulo – CCSP

Rua Vergueiro, 1.000 – Paraíso

☎ (11) 3383-3436 / 3383-3437

🌐 [www.centrocultural.sp.gov.br](http://www.centrocultural.sp.gov.br)

## Museu da Imagem e do Som – MIS

Criado em 1970, o Museu da Imagem e do Som hoje é uma incubadora de produção, formação e reflexão de Arte e Cultura da Conectividade.

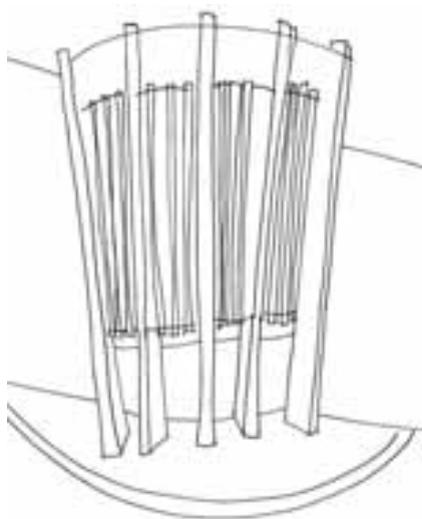
Depois de um reposicionamento iniciado em 2008, o MIS assumiu a responsabilidade de produzir e difundir conhecimento tecnológico em arte.

Tendo sido a primeira instituição museológica a ter como prática permanente a atividade de história oral, rompendo com os cânones tradicionais de arquivos, agora, como evolução e ampliação desse projeto, o Site do MIS tem papel fundamental, observando também a digitalização do acervo, que conta com coleções de foto e música e arquivos de audiovisual e cinema.

O apoio à pesquisa se dá por meio da MEDIATECA, que dispõe de bibliografia especializada e disponibiliza computadores e acesso à internet para o público.

A intensa programação do MIS abrange shows, audições de música eletrônica e experimental, exposições de vídeo, mostras interativas, foto contemporânea, além dos festivais de cinema e vídeo que apóia, configurando sua tradição.

É possível contar ainda com um Media-Lab – o Lab MIS –, destinado a fomentar e difundir a produção artística que opera com as novas tecnologias.



---

Museu da Imagem e do Som – MIS

Av. Europa, 158 – Jardim Europa

☎ (11) 3088-0896 / 3062-9197 / 3081-4417

🌐 [www.mis.sp.gov.br](http://www.mis.sp.gov.br)

## Casa Guilherme de Almeida



A Casa Guilherme de Almeida é um órgão da Secretaria de Estado da Cultura que integra o Departamento de Museus e Arquivos.

Inaugurada em 1979, contém a totalidade de bens e pertences do poeta paulista Guilherme de Almeida (1890-1969), constituindo-se no único museu biográfico da cidade.

Seu rico acervo é composto por desenhos, gravuras, pinturas, esculturas, móveis, objetos decorativos, fotografias, livros, hemeroteca e correspondência do artista, ocupando um espaço de cerca de 350 metros quadrados, com projeto arquitetônico de Sílvio Jaguaribe Ekman.

O número máximo de visitantes é de cinco pessoas, mediante agendamento.

---

### Casa Guilherme de Almeida

Rua Macapá, 187 – Sumaré

☎ (11) 3673-1883

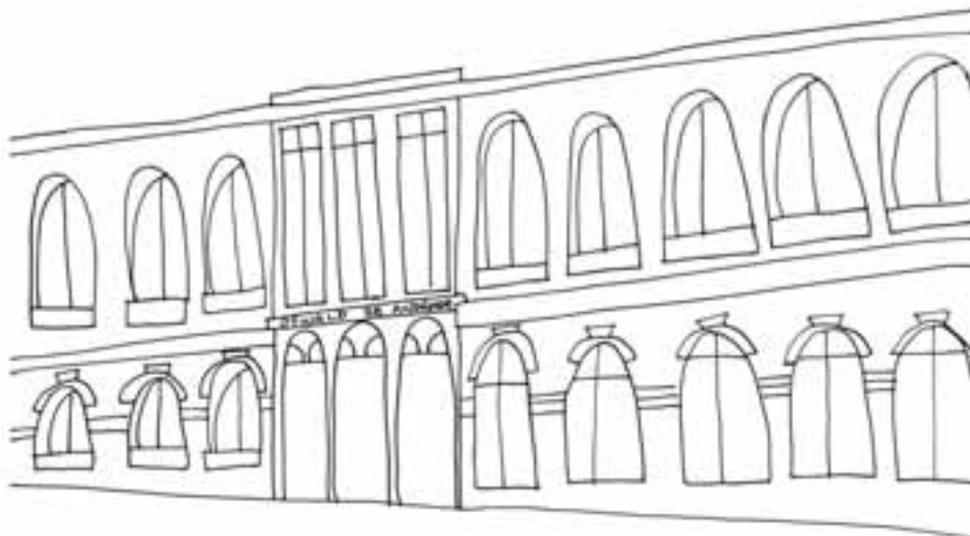
🌐 [www.museus.sp.gov.br/casaguilhermedealmeida.htm](http://www.museus.sp.gov.br/casaguilhermedealmeida.htm)



OFICINAS CULTURAIS  
CASAS DE CULTURA  
CENTRO HISTÓRICO  
BIENAIAS



## Oficinas Culturais



O Projeto *Oficinas Culturais* da Secretaria de Estado da Cultura, iniciado em 1983, tem por finalidade capacitar agentes multiplicadores na área das linguagens artísticas e da gestão cultural, além de oferecer atividades culturais para a população e desenvolver uma política de formação inclusiva e de estímulo à cultura paulista. São sete endereços na Capital e mais 12 oficinas no interior.

Consulte o site da Associação Amigos das Oficinas Culturais de São Paulo (Assaoc) para obter informações sobre a programação mensal de cada oficina e lembre-se: as atividades são gratuitas.

[www.assaoc.org.br](http://www.assaoc.org.br)

### Oficina Cultural Alfredo Volpi

#### Itaquera

Rua Victorio Santim, 206

☎ (11) 6205-5180

Atividades de dança, teatro, artes plásticas, fotografia, histórias em quadrinhos, música, cultura geral e literatura.

### Oficina Cultural Amácio Mazzaroppi

#### Brás

Av. Rangel Pestana, 2.401

☎ (11) 6292-7071 / 6292-7711

Atividades de circo, dança, teatro, artes plásticas e música.

## Oficina Cultural Luiz Gonzaga

---

### São Miguel Paulista

Rua Amadeu Gamberine, 259

☎ (11) 6956-2449

Atividades de dança, teatro, artes plásticas, música e literatura.

## Oficina Cultural Maestro Juan Serrano

---

### Vila Brasilândia

Rua Joaquim Pimentel, 200

☎ (11) 3994-3362

Atividades de dança, teatro, música e histórias em quadrinhos.

## Oficina da Palavra – Casa Mário de Andrade

---

### Barra Funda

Rua Lopes Chaves, 546

☎ (11) 3666-5803 / 3826-4085

Atividades de teatro, audiovisual, literatura.

## Oficina Cultural da Terceira Idade

---

### Brás

Av. Rangel Pestana, 2.401

☎ (11) 6096-2635

Atividades de moda, dança, teatro, música, cultura geral, meio ambiente e artes plásticas.

## Oficina Cultural Oswald de Andrade

---

### Bom Retiro

Rua Três Rios, 363

☎ (11) 3221-5558 / 3222-2662

Atividades de dança, teatro, artes plásticas, fotografia, audiovisual, cinema, música, moda, arte-educação e rádio.

## Casas de Cultura

As Casas de Cultura oferecem à população, gratuitamente, oficinas culturais, espaço de leitura, espaço para atividades afins e acervo histórico da região onde está inserida.

Consulte a programação pelo telefone de cada Casa de Cultura, por meio da Agenda Cultural distribuída mensalmente pela Prefeitura ou ainda pelo site:

📄 <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura>.

### Zona Sul

#### Casa de Cultura Casa Amarela

Praça Floriano Peixoto, 130 – Santo Amaro

☎ (11) 5548-1115

#### Casa de Cultura Cora Coralina

Rua Sant'Ana, 201 – Vila São Pedro

☎ (11) 5631-0740

#### Casa de Cultura de Interlagos

Rua Padre José Garzotti, 545 – Cidade Dutra

☎ (11) 5668-6296

#### Casa de Cultura Chico Science

Av. Tancredo Neves, 1.265 – Moinho Velho/Ipiranga

☎ (11) 6969-7066

#### Centro Cultural Jacob Salvador Sveibil

Acervo da Memória e do Viver Afro-Brasileiro

Rua Arsênio Tavolieri, 45 – Jabaquara

☎ (11) 5011-2421

## Casa de Cultura M'Boi Mirim

---

Rua Inácio Dias da Silva, s/n

☎ (11) 5514-3408

## Casa de Cultura Manoel Cardoso de Mendonça

---

Praça Francisco Ferreira Lopes, 434 – Santo Amaro

☎ (11) 5522-8897

## Zona Leste

## Casa de Cultura Itaim Paulista

---

Rua Barão de Alagoas, 340

☎ (11) 6963-2742

## Casa de Cultura Raul Seixas

---

Rua Murmúrios da Tarde, 211 – Itaquera

☎ (11) 6521-6411

## Casa de Cultura da Penha

---

Largo do Rosário, 20 – 3ª andar

☎ (11) 2296-6172

## Casa de Cultura de São Miguel Paulista

---

Rua Irineu Bonardi, 169 – Vila Pedroso

☎ (11) 6137-5009

## Zona Norte

### Casa de Cultura Salvador Ligabue

---

Largo da Matriz, 215 – Freguesia do Ó  
☎ (11) 3931-8266

### Casa de Cultura do Tremembé

---

Rua Maria Lopes Azevedo, 190  
☎ (11) 6991-4291

## Zona Oeste

### Casa de Cultura do Butantã

---

Rua Junta Mizumoto, 13 – Jardim Peri Peri  
☎ (11) 3742-6218

### Espaço Cultural Tendal da Lapa

---

Rua Constança, 72  
☎ (11) 3862-1837

## Centro Histórico da Cidade de São Paulo



Além dos espaços e instituições culturais já indicados por esta publicação, é possível conhecer um pouco mais a história da cidade visitando ruas, praças, edifícios, monumentos, enfim, admirando a riqueza de detalhes e estilos arquitetônicos de nosso patrimônio histórico.

Para deixar-se envolver pela atmosfera de uma cidade no início do século passado, quando as moradias eram escassas e surgiam os grandes edifícios – obras modernas para a época –, sugerimos alguns roteiros que podem ser percorridos a pé, de preferência aos finais de semana, quando o burburinho e a agitação da cidade diminuem, tornando mais prazerosa essa imersão.

## Roteiros

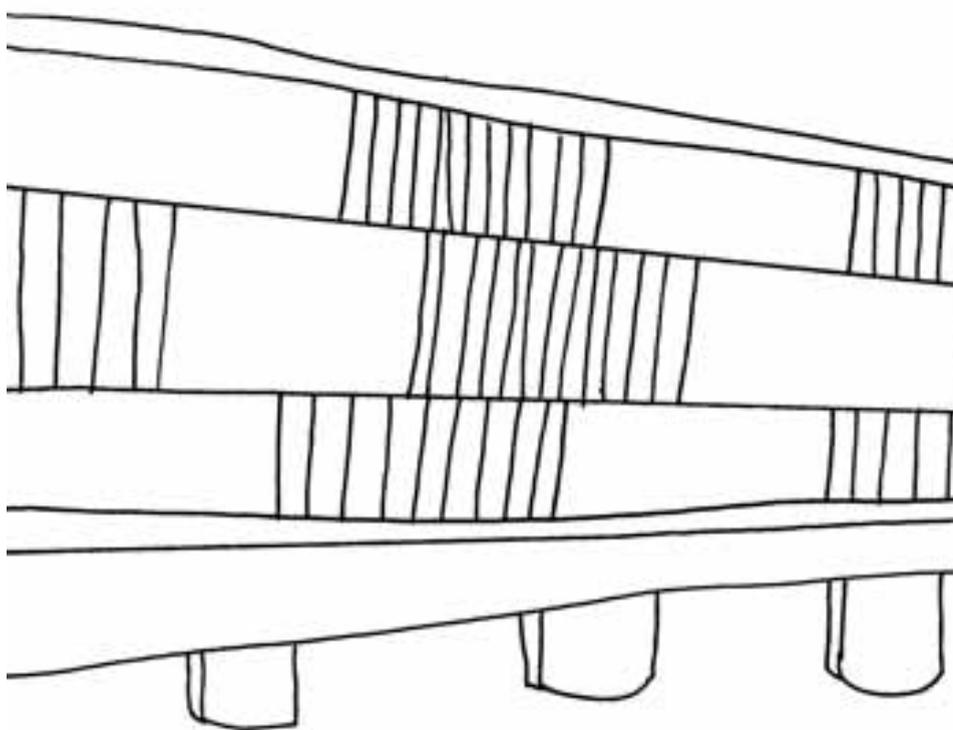
- Pátio do Colégio, Solar da Marquesa e edifícios adjacentes, Rua Boa Vista, Mosteiro São Bento, Viaduto Santa Ifigênia, Edifício Martinelli, Torre do Edifício Banespa, Bolsa de Valores, Centro Cultural Banco do Brasil, Catedral da Sé e Marco Zero, Mercado Municipal.
  
- Largo São Francisco, Praça do Patriarca, Capela de Santo Antônio e Edifício Lutetia, Viaduto do Chá, Praça Ramos de Azevedo, Teatro Municipal e Fonte dos Desejos, Vale do Anhangabaú, Praça da República, edifícios Itália e Copan.
  
- Convento e Igreja da Luz, Museu de Arte Sacra de São Paulo, Edifício Ramos de Azevedo (Praça Cel. Fernando Prestes – Metrô Tiradentes), Estação da Luz, Pinacoteca do Estado, Parque da Luz, Sala São Paulo e Estação Pinacoteca.

## Bienais

A **Fundação Bienal de São Paulo** tem sua história intrinsecamente ligada à produção artística paulista que remonta à década de 1940, à história do MAM e às realizações de bienais de arte na cidade, inspiradas na Bienal de Veneza.

Em 1957, o evento passou a ocupar definitivamente sua atual sede no Parque do Ibirapuera, no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, projetado por Oscar Niemeyer, inteiramente em concreto, aço e vidro.

Data de 1962 a criação da Fundação Bienal, entidade particular sem fins lucrativos que é responsável, hoje, pela **Bienal de Arte** e pela **Bienal de Arquitetura**.



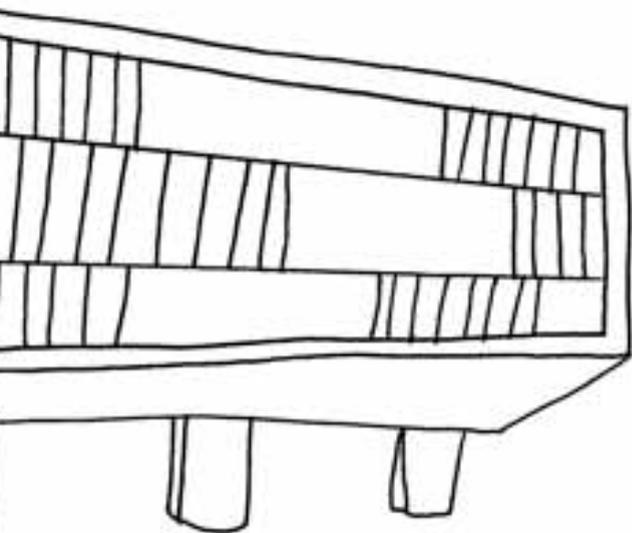
## Bienal Internacional de Arte de São Paulo

Exposição de artes, em geral de grandes proporções, é constantemente responsável por projetar a obra de artistas internacionais desconhecidos e por refletir produções marcantes no cenário artístico global, apresentando um panorama da arte contemporânea. É considerada um dos três principais eventos do circuito artístico internacional, juntamente com a Bienal de Veneza e a Documenta de Kassel.

## Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

Evento organizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil e pela Fundação Bienal de São Paulo, é um dos mais importantes marcos da Arquitetura mundial.

Apesar de a periodicidade bienal não ser uma constante, é realizado desde 1973, com temas que refletem a preocupação da arquitetura com o meio ambiente, com as metrópoles e com os processos de urbanização.



Parque do Ibirapuera – Portão 3

☎ (11) 5576-7600

🌐 <http://bienalsaopaulo.globo.com>

## Bienal Internacional do Livro

Combinando o lançamento comercial de livros com debates e palestras, a bienal reúne, em um único espaço, as mais diversas publicações do mercado editorial nacional e internacional.

Voltada ao público em geral, têm destaque os estandes, publicações e palestras para professores e estudantes.

O evento não tem local fixo, sendo oportuno verificar, na ocasião de sua realização, o endereço onde ocorrerá.

## Bienal de Design Gráfico

Promovida pela Associação dos Designers Gráficos, apresenta um panorama contemporâneo das artes gráficas, com exposição de trabalhos selecionados entre profissionais da área, workshops, palestras e venda de materiais. Geralmente conta com a participação de convidados internacionais, e cada edição é realizada em um local diferente da cidade.

# INTERVENÇÕES CULTURAIS





## Intervenções Culturais na Cidade de São Paulo

Deixe seu olhar disposto a uma busca atenta por algumas intervenções que a Cidade de São Paulo oferece. Nesta publicação, o conceito *intervenção* é utilizado em termos amplos. Na “malha” desta grande metrópole, é possível encontrar diversificadas *intervenções* e notar desde aquelas que são permanentes e presentes neste cenário urbano com suas funções memorialistas, até aquelas mais efêmeras, com características transitórias, como é o caso dos grafites. Gostaríamos, aqui, de convidá-los a observar a riqueza dessas intervenções: monumentos, marcos, grupos escultóricos, painéis em escala ambiental, grafites, por meio de uma pequena mostra, entre outras tantas espalhadas pela cidade.

- Monumentos
- Painéis
- Esculturas
- Arte em Cemitérios
- Arte no Metrô
- Grafites
- Vitrais

## Monumentos

Monumentos são criados para serem marcos sociais e históricos. Sugerimos, aqui, a observação de alguns deles, presentes em diversos espaços públicos da Cidade de São Paulo. Para maiores informações, indicamos a publicação *Monumentos Urbanos – Obras de Arte na Cidade de São Paulo* [Editora Prêmio].

### *Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo – Amador Zani, 1925*

Pedestal de granito e peça de bronze (3,71 x 2 x 1,53 m), o monumento está instalado no Pateo do Colégio. Marca o local de fundação da Cidade de São Paulo.

### *Monumento à Independência – Ettore Ximenes, 1922*

Peça em granito e bronze (34 x 41 x 41 m), instalada nos jardins do Museu Paulista, no bairro do Ipiranga.

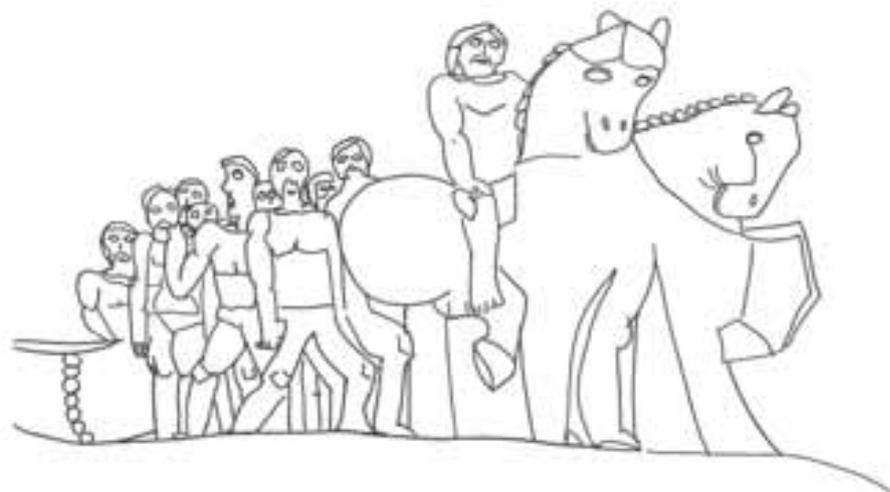
### *Mão Preta – Júlio Guerra, 1955*

Monumento realizado em bronze (2,2 x 2,6 x 1,6 m), disposto no Largo do Paissandu.

### *Duque de Caxias – Victor Brecheret, 1960*

Realizado em bronze e granito (15,99 x 4,10 x 13,20 m), está instalado na Praça Princesa Isabel, Campos Elíseos.

*Monumento às Bandeiras – Victor Brecheret, 1922*



---

Monumento realizado em bronze (2,2 x 2,6 x 1,6 m), disposto no Largo do Pais-sandu.

## Painéis

Em alguns espaços públicos da Cidade de São Paulo, podemos observar diferentes painéis realizados por diversos artesãos e artistas – modernos e contemporâneos – com distintos materiais: tinta, colagem, pastilhas, entre outros.

### *Painel do Largo da Memória – Wasth Rodrigues, 1920*

Pintura em azulejos, que se encontra no Largo da Memória, Centro.

### *Imprensa – Di Cavalcanti, 1953*

Foto: Thiago Honório



Pastilhas sobre parede (2 x 8 m) no Edifício do Diário Popular – Rua Major Quedinho, esquina com a Praça Desembargador Mário Pires, Centro.

### *A Subida da Serra, Os Bandeirantes, Epopéia do Café e A Cidade de Hoje – Clóvis Graciano, 1969*

Pintura de azulejo (4 painéis de 3,5 x 10 m cada um) na Av. Rubem Berta, com acesso à Av. Moreira Guimarães.

## Sem título – Di Cavalcanti, 1949



Foto: Thiago Honório

Pastilhas sobre parede (8 x 48 m) na fachada do Teatro Cultura Artística – Rua Nestor Pestana, 196, Consolação.

## Sem título – Tomie Ohtake, 1984



Foto: Thiago Honório

Pintura em empena cega de edifício (55 x 22 m) na Ladeira da Memória, Anhangabaú.

## Esculturas

Espalhadas por alguns pontos do espaço público da cidade, podemos observar esculturas de médio e grande portes, que têm como característica fazer com que a arte participe do cotidiano, podendo formular uma espécie de imaginário de época. Há também, em São Paulo, jardins de esculturas compostos por uma exposição permanente de arte tridimensional brasileira. Aqui, sugerimos uma visita aos jardins de esculturas do MAM, da Praça da Sé, do Museu de Arte Contemporânea da USP, do Parque da Luz e da Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP.

### *Depois do Banho – Victor Brecheret, 1932*

Bronze [1,37 x 2,64 x 0,64 m] no Largo do Arouche – Centro

### *Condor – Bruno Giorgi, 1979*

Bronze [8,25 x 2,65 x 0,60 m] na Praça da Sé – Centro

### *Mãe – Caetano Fraccaroli, 1970*

Mármore [3,75 x 1,16 x 0,90 m] na Praça Buenos Aires – Higienópolis

### *Jardim de esculturas do MAM*

Parque do Ibirapuera, s/n – Portão 3

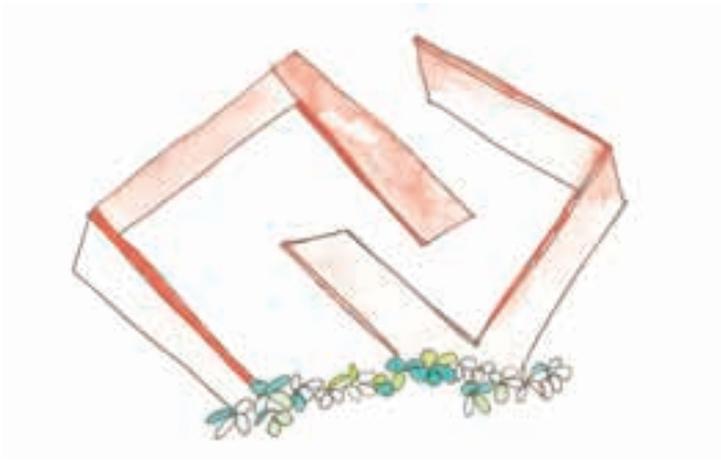
### *Jardim de esculturas da Praça da Sé*

Praça da Sé, s/n – Centro

### *Jardim do Museu de Arte Contemporânea da USP*

Rua da Reitoria, 160 – Cidade Universitária

## Diálogo – Franz Weissmann, 1979



Chapa de aço (4,43 x 5,15 x 1,50 m) na Praça da Sé – Centro

## Jardim de esculturas da FAAP

Rua Alagoas, 903 – Higienópolis

## Jardim de esculturas do Parque da Luz



Foto: Devanil Tozzi

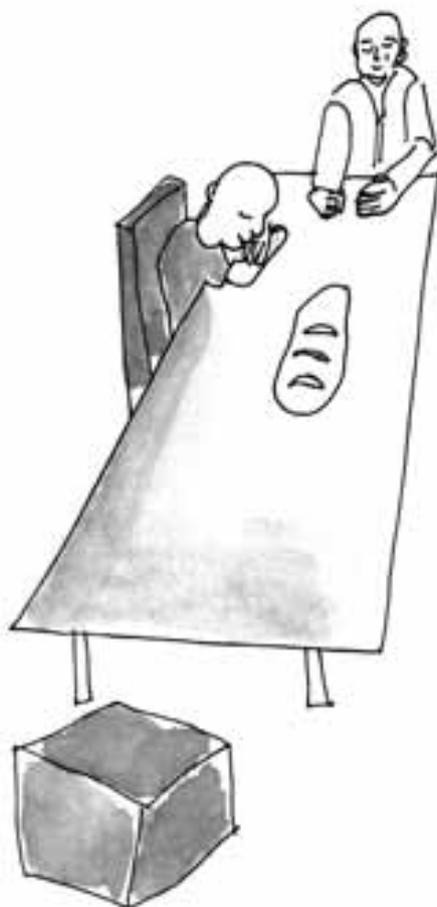
Parque da Luz, s/n – Luz

## Arte em Cemitérios

Além da atmosfera silenciosa peculiar aos cemitérios, é possível observar em alguns deles obras arquitetônicas e escultóricas de valor histórico e qualidade estética significativos. Em São Paulo, os cemitérios do Araçá e da Consolação podem ser incluídos neste restrito grupo de “obras da arte tumular”.

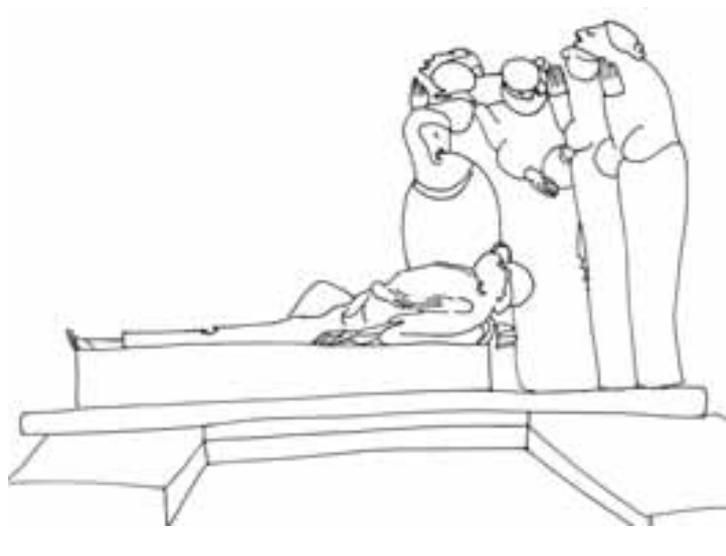
O Cemitério da Consolação, como exemplo, é um verdadeiro museu a céu aberto, com dezenas de obras de arte de importantes escultores do século passado, como Victor Brecheret. Conta com visita monitorada, parte do Projeto *Arte Tumular*, da Prefeitura de São Paulo.

### Ausência – Galileo Emendabili, 1944



Bronze (cerca de 1,5 x 4,0 m) no Cemitério São Paulo, quadra 27 – Pinheiros

## Sepultamento – Victor Brecheret, 1923



Granito (2,26 x 3,65 m) no Cemitério da Consolação, Rua 35 – Consolação

## Arte no Metrô

Em meio à velocidade e ao grande número de pessoas que circulam pelas estações de Metrô na Cidade de São Paulo, podemos observar várias obras produzidas especificamente para algumas estações, como esculturas, painéis, pinturas, entre outros.

### Inter-relação entre o Campo e a Cidade – Aldemir Martins, 1993

Mural de cerâmica pintada (2,9 x 24,8 m) na Estação Tatuapé – Linha Vermelha

### Sem título – Alfredo Ceschiatti, 1978



Foto: Thiago Honório

Escultura de bronze (1,27 x 3,05 x 1,0 m) na Estação Sé – Linha Azul

## Sem título – Alex Flemming, 1998



Foto: Thiago Honório

Instalação/poema, serigrafia em vidro (44 painéis de 1,75 x 1,25 x 0,01 m cada um)  
na Estação Sumaré – Linha Verde

## Grafites

A palavra “grafite” vem do italiano *grafitti* que, em sua origem latina *grafio*, designava um instrumento cortante utilizado para gravar letras em placas de cera. Também se escreve “grafito”. *Sgraffito*, ou entalhe, é um termo que designou um procedimento nobre da decoração mural renascentista. O grafite, no sentido contemporâneo do termo, teve suas primeiras aparições no final dos anos 1970 em Nova Iorque, num contexto de novos movimentos culturais iniciados pelas minorias excluídas da cidade. Culminou nos muros de Paris, com a revolução contracultural de maio de 1968. O grafite é uma forma de arte que também expressa, com tintas em spray das mais diversas cores, o pensamento urbano, seus problemas, sua musicalidade, com predomínio do *hip-hop*, por exemplo. No cenário urbano, encontramos a irreverente produção do grafite, que aposta em desafios e novas modalidades de ocupação do espaço na cidade, com inusitadas experimentações em pontos intrigantes no cotidiano.

Em diversos pontos da cidade, como muros, bueiros, túneis, fachadas, empenas cegas, arranha-céus etc., podemos encontrar trabalhos de inúmeros artistas grafiteiros, como Zezão, Highraff, Nina, Osgêmeos, Nunca, entre outros.

Para maiores informações, indicamos a publicação *O Graffiti na Cidade de São Paulo e sua Vertente no Brasil: estéticas e estilos*, de Sérgio Poato e outros (São Paulo: LABI/USP, 2002), e o site [www.graffiti.org.br](http://www.graffiti.org.br).

Lembremos que o grafite é uma intervenção de caráter efêmero e mutante.



Foto: Devanil Tazzi

Parte inferior do Viaduto Santa Ifigênia, Osgêmeos – Centro

## Bueiro

*Tartaruga*, Projeto Gêmeia

*Zebra da Sorte*, Projeto Gêmeia



Foto: Thiago Honório

Rua Maria Antônia, em frente ao Teatro da USP

## Túnel

Túnel de ligação das avenidas Dr. Arnaldo e Paulista, diversos autores [430 m lineares ou 2.200 m<sup>2</sup> de grafite].

Sugerimos a observação de grafites nos seguintes endereços:

## Muros

- Estação da Luz – Zezão – Luz
- Rua Beneficência Portuguesa, autor desconhecido – Centro
- Rua Beneficência Portuguesa, John Neto, Nego Esso – Centro
- Rua Coronel Batista da Luz, John Neto – Centro
- Parte inferior do Viaduto Santa Ifigênia, Osgêmeos – Centro

## Vitrais

Historiadores contam que a utilização de vitrais em São Paulo começou em 1888, quando o alemão Conrado Sorgenicht fundou a Conrado Vitrais e Cristais na Rua do Triunfo, no bairro da Luz. Um dos vitrais mais antigos de São Paulo é o do Mercado Municipal Central, realizado na década de 1930, um conjunto de 72 peças com temas pecuários e agrícolas. Outro trabalho parecido, mais recente, pode ser apreciado no mercado de frutas do Morumbi Shopping.

Mas é nas igrejas que se encontra a maioria dos vitrais paulistas, destacando-se os do Mosteiro de São Bento e os da Catedral da Sé, ao lado do altar-mor do Santíssimo, que mostram uma procissão de cristãos seguindo o Papa no ano de 1400. De relevo também são os 34 vitrais de 7 metros de altura, localizados no Salão Nobre do Hospital Beneficência Portuguesa, que retratam a História do Brasil.

### *Cenas da Agricultura, Pecuária e Avicultura – Conrado Sorgenicht/Família Sorgenicht, 1928*

---

Vitral (2,26 x 3,65 m)  
Mercado Municipal – Centro

### *Vitrais do Parque da Água Branca – Antônio Gomide*

Logo na entrada do Parque da Água Branca, podem ser admirados os vitrais do Portal, em estilo *art déco*.

---

Av. Francisco Matarazzo, 455  
Água Branca, próximo ao Metrô Barra Funda  
☎ (11) 3865-4130

### *Vitral do Salão Nobre da Beneficência Portuguesa – Nuno Gonçalves*

A Beneficência Portuguesa tem um dos maiores acervos de vitrais do País, num total de 33 espalhados pelo complexo. Os vitrais, de dimensões diversificadas, são criações de vários artistas, em diferentes períodos históricos. No fundo do Salão Nobre há um conjunto de imagens de São Vicente, de Nuno Gonçalves, datado do século XV.

---

Rua Andrade Neves, 915 – Centro

## Vitrais da Catedral da Sé – Casa Conrado e diversos autores – húngaro, francês e italiano –, década de 1950

Dimensões diversificadas.

Praça da Sé, s/n – Centro

## Vitrais do Museu de Arte Brasileira – MAB, Conrado Sorgenicht/Família Sorgenicht, 1959-1960

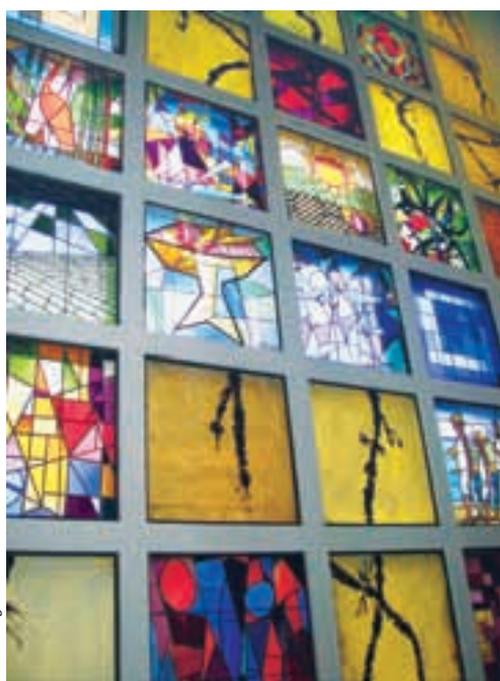


Foto: Thiago Honório

Cerca de 350 m<sup>2</sup> (230 m<sup>2</sup> na escadaria + 126 m<sup>2</sup> no teto)

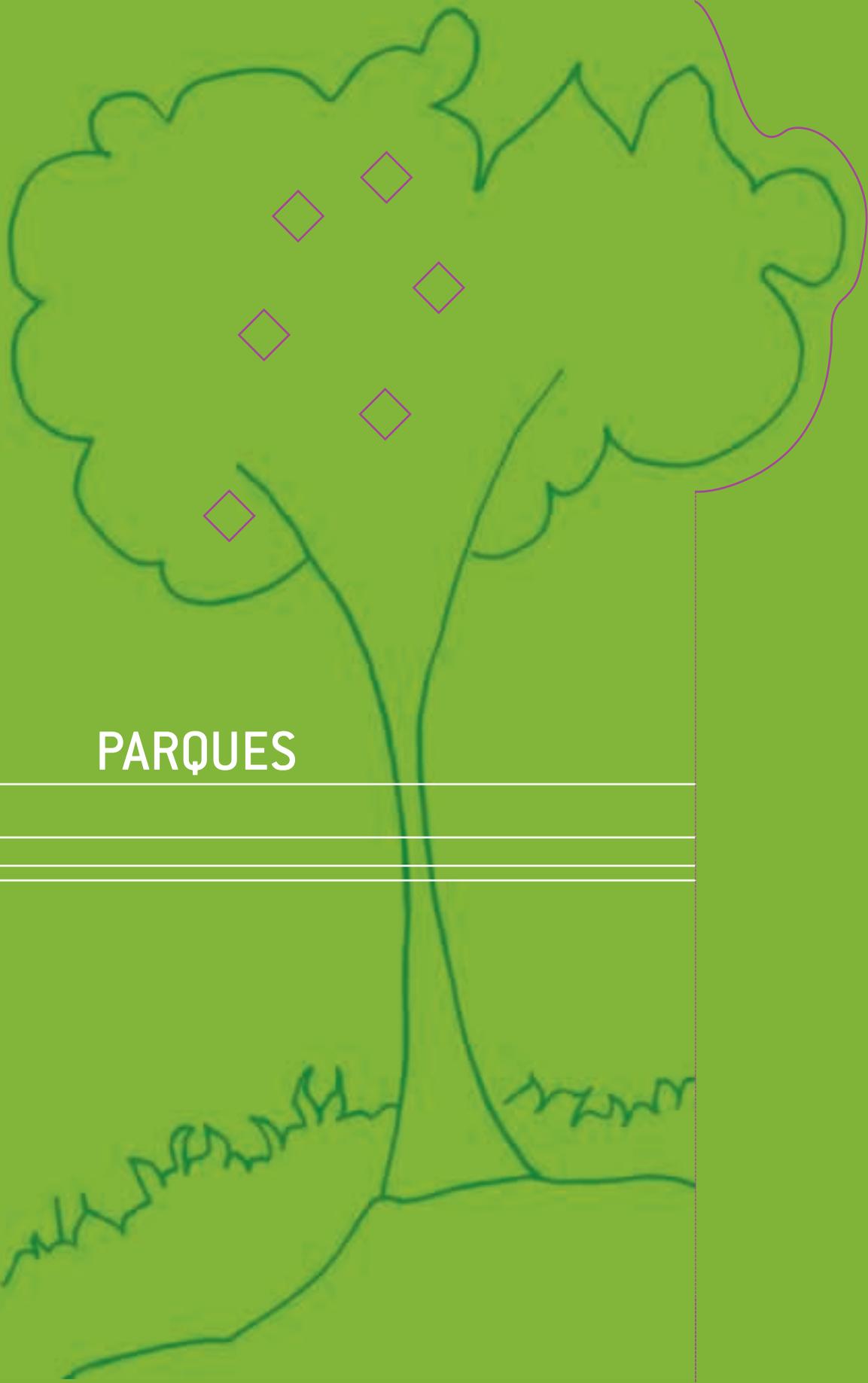
O gigantesco painel-vitral e a composição de vitrais que forma a clarabóia no hall foram instalados para a abertura do museu e realizados sob a coordenação inicial de Pietro Maria Bardi. Os vitrais que compõem o painel se baseiam em obras de artistas brasileiros como Portinari, Bruno Giorgi, Gomide, Segall, Flexor, Tarsila do Amaral, Tomie Ohtake. O painel da escadaria é composto por 216 quadros de 103 x 103 cm, dos quais 56 são vitrais artísticos entremeados por vidros leitosos com pintura de “cipós” feitos por Cláudia Andujar, artista naturalizada brasileira, autora também do painel da clarabóia. No teto, são 121 quadros separados por caixilhos em estrutura de concreto: todos esses quadros são vitrais, e o conjunto é, segundo a autora, a representação de uma floresta tropical.

Rua Alagoas, 903 – Higienópolis

☎ (11) 3662-7200

🌐 [www.fAAP.br/museu/](http://www.fAAP.br/museu/)





PARQUES



## Parques

A Cidade de São Paulo, com todas as características e problemas das grandes metrópoles, oferece a seus habitantes verdadeiros oásis em meio a arranha-céus, concreto e trânsito frenético: os parques municipais e estaduais.

Locais onde é possível encontrar desde espécimes vegetais e animais que aparentemente não sobreviveriam às agruras da cidade, até diferentes equipamentos culturais, oferecidos, na maioria das vezes, gratuitamente, os parques cumprem também seu papel de espaços de tranquilidade e lazer.

Sejam quais forem as suas características, os parques têm adquirido e ampliado, cada vez mais, sua importância na vida dos cidadãos. Contamos atualmente com 39 parques, três áreas de proteção ambiental e dois parques ecológicos na área metropolitana de São Paulo.

Além de peculiaridades de alguns deles, apresentamos uma relação dos parques por regiões da cidade.

Para maiores informações, indicamos a publicação *Guia dos Parques Municipais de São Paulo*, da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente – 2007.

---

[http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/mapa\\_verde/asp/home.asp](http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/mapa_verde/asp/home.asp)

<http://www.ambiente.sp.gov.br/>

<http://vejasaopaulo.abril.com.br/>, no link Mapa dos Parques da Cidade

## Parque do Ibirapuera



Inaugurado em 1954, em comemoração ao aniversário de 400 anos da cidade, está dividido em duas grandes áreas. Uma delas, voltada às atividades culturais, inclui o Pavilhão da Bienal, a Oca, o Museu Afro Brasil, o Planetário, o Auditório Ibirapuera, o Museu de Arte Moderna e o Pavilhão Japonês. A outra, destinada ao esporte e ao lazer, reúne espaços como ciclovia, pista de cooper, quadras, playground, praça de jogos e uma casa de leitura.

## Parque Estadual do Jaraguá

Além de reserva ecológica, é de grande importância histórica, cultural e turística para a Cidade de São Paulo.

Muitas mudanças ocorreram desde o século XVI, quando de suas terras era extraído o ouro enviado a Portugal.

Sua área conta com belvederes (pequenos mirantes) e com várias opções de lazer, como trilhas, pátios, *decks*, locais para piqueniques, lanchonete, playground, anfiteatro, feira de artesanato e um pavilhão de uso múltiplo.

É importante lembrar, ainda, que ali se encontra a Aldeia do Jaraguá Ytu, constituída na década de 1960 com a chegada de uma família de índios Guarani que mantêm a língua e os costumes de seu povo. As 160 pessoas da aldeia sobrevivem do artesanato que produzem.

## Parque Estadual da Serra do Mar

As encostas da Serra do Mar cobertas de Mata Atlântica, a grande planície litorânea e o mar azul compõem um dos encantos do litoral norte do Estado de São Paulo, com vista panorâmica que se contempla do alto da serra, no caminho para Caraguatatuba.

Com quase 315 mil hectares, desde a divisa de São Paulo com o Rio de Janeiro, até o município de Itariri, no sul do estado, passando por toda a faixa litorânea, o parque representa a maior porção contínua preservada de Mata Atlântica do Brasil. Jequitibás, canelas, cedros, jatobás, ipês, guapuruvus e multicoloridos manacás-da-serra são algumas das árvores que caracterizam a riqueza da floresta perene úmida de encosta, um sinônimo de Mata Atlântica.

A floresta abriga e mantém inúmeras nascentes que formam os riachos e córregos de água pura que fazem parte de importantes bacias hidrográficas, como as dos rios Pardo, Guaxinduba e Claro.

## Parque Tenente Siqueira Campos (Trianon)

Inaugurado em 1892, por muitos anos foi explorado pela iniciativa privada e serviu de palco para muitas festas, bailes e eventos culturais da alta sociedade paulista.

O nome Trianon surgiu porque havia, em frente ao parque, onde hoje se situa o Masp, um clube com esse nome. Existia ainda ali um belvedere projetado por Ramos de Azevedo, demolido em 1950.

Em 1924, o parque foi doado à Prefeitura da cidade. Anos depois, entrou em decadência e ficou praticamente abandonado até 1968, quando foi recuperado por um projeto do paisagista Burle Marx.

O parque é um refúgio em plena Avenida Paulista. Em meio a uma reserva remanescente de Mata Atlântica, os visitantes podem admirar árvores como o cedro e o pau-ferro e gigantescas espécies, que têm diâmetro de tronco com mais de um metro, como a sapopemba, o jequitibá-branco e o jatobá.

O parque conta com um setor de educação ambiental e promove eventos em conjunto com outras entidades culturais.

## Parque Estadual da Cantareira

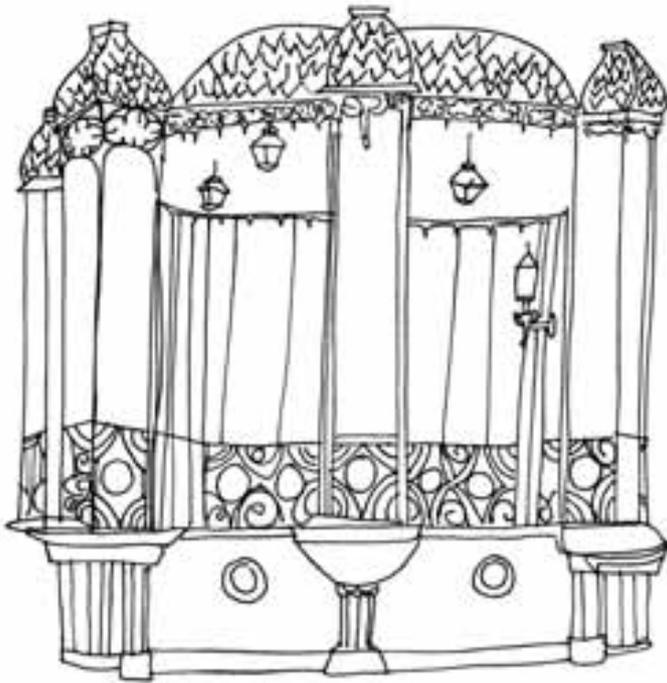
Com aproximadamente 8 mil hectares de reserva de Mata Atlântica, o parque situa-se em uma área que extrapola os limites da cidade. Dividido em três grandes núcleos, o da Pedra Grande é o mais popular e onde fica a administração do parque. Há ainda os núcleos Engordador e Águas Claras, no município de Mairiporã.

As trilhas são seu maior atrativo e nelas é possível encontrar animais como bugio e outros macaquinhos.

## Jardim da Luz

Considerado o mais antigo jardim público da cidade, inaugurado em 1825, foi ponto de encontro de famílias e palco de festas, saraus e bandinhas que se apresentavam no coreto.

Em meio a figueiras centenárias, é possível ouvir o canto de várias espécies de ave, aproveitar a sombra das palmeiras-reais para fazer caminhada nas trilhas e admirar as mais de 30 esculturas espalhadas por suas alamedas: Amílcar de Castro e Arcângelo Ianelli, Nuno Ramos, Elisa Bracher, entre outros, são um deleite para os amantes da arte.



## CENTRO

Parque da Aclimação  
 Parque Buenos Aires  
 Parque da Luz  
 Parque Trianon

## LESTE

Parque Santa Amélia  
 Parque Chácara das Flores  
 Parque Chico Mendes  
 Parque e Fazenda do Carmo (Área de Proteção Ambiental)  
 Mata do Iguatemi (Área de Proteção Ambiental)  
 Parque Piqueri  
 Parque Raul Seixas  
 Parque Ecológico do Tietê

## NORTE

Horto Florestal  
 Parque Anhanguera  
 Parque Estadual da Cantareira  
 Parque Cidade de Toronto  
 Parque Estadual do Jaraguá e Pico do Jaraguá  
 Parque Jardim Felicidade  
 Parque Lions Club Tucuruvi  
 Parque Rodrigo de Gásperi  
 Parque São Domingos  
 Várzea do Rio Tietê (Área de Proteção Ambiental)  
 Parque Vila dos Remédios  
 Parque Vila Guilherme

## OESTE

Parque da Água Branca  
 Parque Alfredo Volpi  
 Parque Cemucam (Centro Municipal de Campismo)  
 Parque Luís Carlos Prestes  
 Parque Previdência  
 Parque Raposo Tavares  
 Parque Villa-Lobos

## SUL

Parque Burle Marx

Parque dos Eucaliptos

Parque Estadual das Fontes do Ipiranga

Parque Ecológico do Guarapiranga

Parque do Ibirapuera

Parque Independência

Parque Guarapiranga

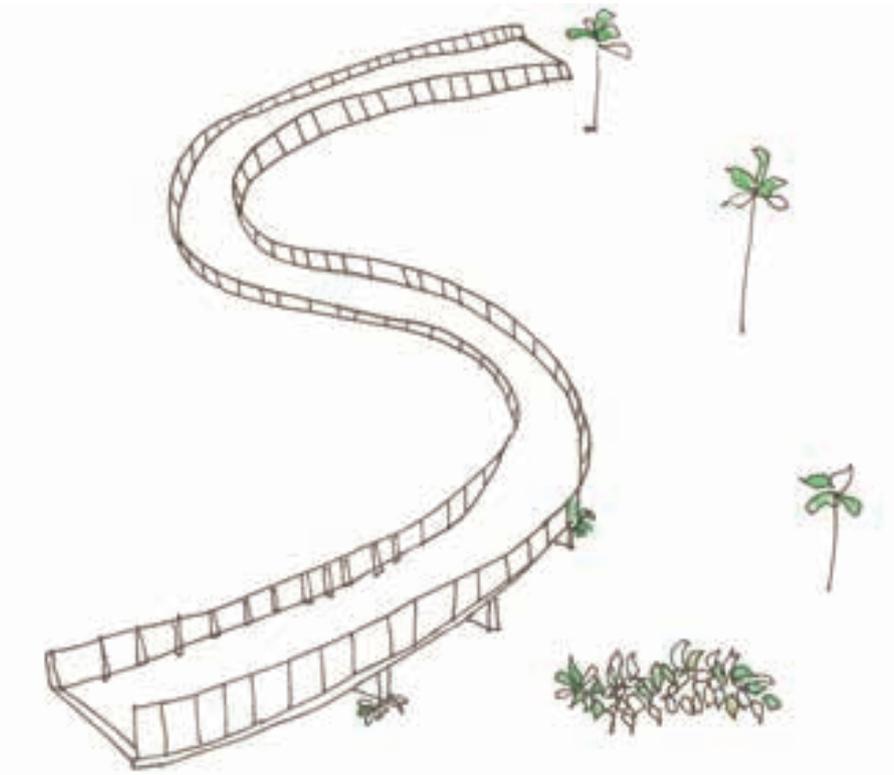
Parque Lina e Paulo Raia

Parque Nabuco

Parque Santo Dias

Parque Estadual da Serra do Mar

Parque Severo Gomes



*Parque Cidade de Toronto – Zona Norte*

*Organizadores*  
Devanil Tozzi  
Lizete Freire Onesti  
Maristela Lima  
Thiago Honório (colaborador)

*Equipe Técnica*  
Eva Margareth Dantas  
Fernanda Lorenzani Gatos  
Marilena Bocalini  
Marta Marques Costa  
Nilva Rocha

*Apoio Administrativo*  
Thiago Alexandre Nunes (colaborador)  
Vanderli Domingues  
Wangley da Paixão (colaborador)

*Coordenação gráfica*  
Departamento Editorial da FDE  
Brigitte Aubert

*Revisão*  
Sandra Miguel

*Ilustrações*  
Andrea Aly

*Programação Visual e Edição*  
Azul Publicidade e Propaganda

*Impressão e acabamento*  
Rettec Artes Gráficas

*Tiragem*  
30.000 exemplares



É expressamente proibida a comercialização desta publicação.



SECRETARIA  
DA EDUCAÇÃO

